

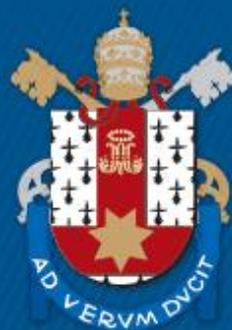
ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA
CURSO DE MESTRADO

MARCIA KOFFERMANN

**FÉ E CULTURA UMA RELAÇÃO ENTRE OS ESCRITOS DE
JOSEPH RATZINGER E BENTO XVI**

Porto Alegre
2018

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL

MARCIA KOFFERMANN

**FÉ E CULTURA UMA RELAÇÃO ENTRE OS ESCRITOS DE
JOSEPH RATZINGER E BENTO XVI**

Dissertação apresentada à Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Teologia. Área de concentração: Teologia Sistemática. Linha de pesquisa: Teologia, Experiência Religiosa e Pastoral.

Orientador: Prof. Dr. Leomar A. Brustolin

Porto Alegre

2018

MARCIA KOFFERMANN

**FÉ E CULTURA: UMA RELAÇÃO ENTRE OS ESCRITOS DE
JOSEPH RATZINGER E BENTO XVI**

Dissertação apresentada à Escola de
Humanidades da Pontifícia Universidade
Católica do Rio Grande do Sul,
Programa de Pós-Graduação, como
requisito parcial para obtenção do grau
de Mestre em Teologia na área de
concentração em Teologia Sistemática.

Aprovada em ____ de _____ de _____, pela Banca Examinadora

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Leomar Antônio Brustolin
(Orientador – PPGTeo/PUCRS)

Prof. Dr. Geraldo Hackmann
(PPGTeo/PUCRS)

Prof. Dr. Renato Machado
(Unilassale)

Porto Alegre

2018

AGRADECIMENTOS

Ao finalizar esta dissertação, louvo e agradeço a Deus pela oportunidade que tive de não apenas estudar mais, mas por poder mergulhar no estudo e aprofundamento da fé. Foi um tempo de graça, em que pude rezar e pensar sobre a minha própria fé. Agradeço à Ir. Maria Floriani que me incentivou e me apoiou para entrar no curso de Mestrado, à Ir. Maria Ivone Ranghetti que me acompanhou neste período, sendo uma grande força especialmente nos momentos mais difíceis. Agradeço também às Irmãs que moraram comigo e que tiveram a compreensão necessária para que eu pudesse dedicar parte de meu tempo aos estudos. Agradeço ainda a Dom Leomar A. Brustolin, meu orientador, pelo desafio que me lançou ao propor esta temática de pesquisa e pelo acompanhamento e toda orientação neste período de construção deste trabalho. Enfim, teriam ainda muitas outras pessoas a quem eu gostaria de agradecer, mas coloco cada um dos que citei, e de outros que trago comigo, no coração de Deus. Por tudo dou graças! Por tudo dou graças!

RESUMO

A presente dissertação aborda a problemática da relação entre fé e cultura no mundo atual, a partir dos escritos de Joseph Ratzinger. A pesquisa leva em consideração os escritos de Ratzinger, enquanto teólogo num primeiro momento, e os seus escritos depois de eleito Papa. O texto parte dos conceitos de fé e cultura encontrados nos escritos do autor, que são premissas para acompanhar o seu raciocínio. São apresentadas as suas reflexões no que diz respeito aos principais aspectos que levam a uma dicotomia entre fé e cultura e, ao mesmo tempo, resgata dos escritos de Ratzinger/Bento XVI os elementos que podem aproximar estas dimensões do ser humano. Tendo em vista a amplitude do tema e a vasta bibliografia do autor, optou-se por dar destaque aos aspectos que são mais enfatizados por Ratzinger e que apresentam maior incidência sobre o mundo atual. Assim, elementos como individualismo, relativismo, razão e progresso são trazidos para discussão, em confronto com o conceito cristão de pessoa, a dignidade humana, a centralidade em Cristo e aproximação entre fé e mundo científico-tecnológico.

Palavras-chave: Fé, Razão, Ratzinger, Bento XVI.

ABSTRACT

This dissertation addresses the problematic of the relationship between faith and culture in the world today, based on the writings of Joseph Ratzinger. The research takes into account the writings of Ratzinger, as a theologian at first, and his writings after elected Pope. The text starts from the concepts of faith and culture found in the author's writings, which are premises to follow his reasoning. His reflections are presented on the main aspects that lead to a dichotomy between faith and culture and, at the same time, rescues from the writings of Ratzinger / Benedict XVI the elements that can bring these dimensions closer to the human being. In view of the breadth of the theme and the author's extensive bibliography, it was decided to highlight the aspects that are most emphasized by Ratzinger and which have a greater impact on the world today. Thus elements such as individualism, relativism, reason and progress are brought to discussion, in contrast to the Christian concept of person, human dignity, the centrality in Christ and the approximation between faith and the scientific-technological world.

Key words: Faith, Reason, Ratzinger, Benedict XVI.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO:	8
2 A RELAÇÃO ENTRE FÉ E CULTURA NOS ESCRITOS DE JOSEPH RATZINGER	10
2.1 CONCEITO DE FÉ E CULTURA.....	10
2.2 O PROBLEMA DA RELAÇÃO ENTRE FÉ E CULTURA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA	<u>14</u>
2.2.1 Fé, cultura e Individualismo	<u>15</u>
2.2.2 Fé, cultura e o relativismo.....	<u>18</u>
2.2.3 Fé, cultura e a razão	22
2.3 A APROXIMAÇÃO DA FÉ E CULTURA SEGUNDO O CARDEAL JOSEPH RATZINGER	<u>26</u>
2.3.1 O resgate do conceito cristão de pessoa	27
2.3.1 A centralidade de Cristo	30
2.3.3 O diálogo entre a fé e a razão	33
3 A RELAÇÃO ENTRE FÉ E CULTURA NOS ESCRITOS DE BENTO XVI	39
3.1 A RELAÇÃO ENTRE FÉ E CULTURA.....	39
3.2 FÉ E CULTURA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA	42
3.2.1 Fé, cultura e individualismo	44
3.2.2 Fé, cultura e relativismo.....	47
3.2.3 Fé, cultura e a razão	51
3.3 A APROXIMAÇÃO ENTRE FÉ E CULTURA SEGUNDO O PAPA BENTO XVI....	<u>58</u>
3.3.1 Um conceito de pessoa que promove a dignidade humana.....	<u>58</u>
3.3.2 Centralidade de Cristo	<u>64</u>
3.3.3 Ciência e Fé: duas realidades que se complementam.....	<u>68</u>
4 DE RATZINGER A BENTO XVI: REPENSANDO A RELAÇÃO ENTRE FÉ E CULTURA NA ATUAL SOCIEDADE	72
4.1 A EVOLUÇÃO DOS CONCEITOS DE FÉ E CULTURA	72
4.2 DIANTE DO INDIVIDUALISMO, O QUE É O SER HUMANO?	<u>74</u>
4.3 DO RELATIVISMO À CENTRALIDADE EM JESUS CRISTO	78
4.4 CIÊNCIA E FÉ: DUAS ASAS QUE PERMITEM IDENTIFICAR O PRÓPRIO LIMITE.....	<u>82</u>
4.5 DE RATZINGER A BENTO XVI: A BUSCA DE DIÁLOGO ENTRE IGREJA E SOCIEDADE	85
5 CONCLUSÃO	88
REFERÊNCIAS	90

1 INTRODUÇÃO

Uma das grandes preocupações da Igreja e, de uma forma específica da “Congregação das Filhas de Maria Auxiliadora”, diz respeito à capacidade de uma geração transmitir à outra a fé, ou seja, o esforço de manter viva a fé cristã ao longo do tempo. Porém, se verifica no atual contexto social, político, econômico, cultural, social, histórico e religioso uma dicotomia entre fé e cultura, o que prejudica a vivência e a transmissão da fé cristã. Diante desse problema, é possível fazer uma síntese entre fé e cultura? Seria possível dialogar com a realidade sem perder os fundamentos da mensagem cristã? E como esta relação é compreendida por Joseph Ratzinger, como teólogo e como Papa Bento XVI? Talvez, o aprofundamento da relação entre fé e cultura em seus escritos possa elucidar se existe a possibilidade de numa cultura, em que predomina a razão técnica, encontrar elementos que permitam o diálogo entre ambas. Essa dissertação, ao levantar tal questionamento, busca, nos escritos de Ratzinger, fundamentos que orientem estas duas dimensões, tendo em vista a dignidade humana e a construção de um mundo melhor e mais fraterno

O fato de a razão e as ciências terem se desenvolvido fortemente, em especial, no último século, pode dar a impressão de que elas têm respostas para todas as questões que afligem o ser humano. Ao mesmo tempo, a vivência da fé, de modo muito superficial e sem conhecer os grandes fundamentos que orientam o sentido de ser cristão, pode gerar uma falsa ideia de que a fé é algo do passado, que não diz respeito à modernidade que se impõe sobre a vida de todas as pessoas. Esses dois pontos precisam ser melhor refletidos na sociedade em que vivemos, para que se possa, de fato, viver um equilíbrio entre fé e cultura, principalmente pensando na centralidade da pessoa e de sua sacralidade.

Para aprofundar a relação citada, foi escolhido o teólogo Joseph Ratzinger, que, desde seus escritos iniciais, tem mergulhado nessa área de reflexão. Além de ter uma bibliografia vasta sobre o tema, Ratzinger (Papa Bento XVI) esteve sempre em diálogo com o mundo da cultura. Tanto como Cardeal quanto depois como Papa, conversou com cientistas, líderes religiosos, ateus, filósofos e outras personalidades com as quais debateu a relação entre fé e cultura.

Para a concretização da pesquisa do teólogo Joseph Ratzinger, há uma série de publicações que trata de questões dogmáticas, magisteriais e teológicas relacionadas ao ser cristão e sobre a sociedade atual, que ele apresenta como neopagã. Já em seu magistério como

Papa Bento XVI, encontram-se três cartas encíclicas e um grande número de homilias, discursos e outros pronunciamentos nos quais se dirige ao povo em geral e também a diferentes grupos do mundo das ciências e da cultura. Portanto, há um campo imenso no qual é possível mergulhar a partir de seus escritos.

Sabendo que a bibliografia de Ratzinger (Papa Bento XVI) é realmente muito grande, é preciso delimitar o campo de pesquisa. Para fins didáticos será feito um recorte, buscando tanto nos escritos de Ratzinger quanto nos de Bento XVI, seu conceito de fé e cultura, e, a partir daí, os principais elementos que se destacam em seus escritos são os que dificultam e os que facilitam o diálogo entre essas duas dimensões. Assim, foram selecionados os seguintes elementos: individualismo; relativismo e dicotomia entre fé e cultura; e, diante disso, qual é a proposta de aproximação e diálogo que Ratzinger (Papa Bento XVI) propõe.

Ao mesmo tempo, além de ter uma vasta bibliografia, Ratzinger escreveu durante um longo período de tempo em que aconteceram fortes mudanças culturais em todo o mundo. Também é preciso considerar que, como teólogo, escrevia para o mundo acadêmico e, como Papa, para todos os fiéis. Dessa forma optou-se pela metodologia de separar a pesquisa em cinco capítulos. No primeiro consta a introdução ao presente estudo, no segundo abordam-se os escritos de Ratzinger, verificando seu conceito de fé e cultura, a influência do individualismo, do relativismo e da dicotomia entre fé e razão. E, diante desses pontos, qual é a proposta de Ratzinger para promover um melhor diálogo entre fé e cultura. No terceiro capítulo, são abordados os mesmos aspectos, porém, a partir dos escritos do Papa Bento XVI; no quarto capítulo, a proposta é fazer uma análise comparativa entre os dois, verificando aspectos que se diferenciam entre ambos e que perduram como fundamentos essenciais de seu pensamento e vivência cristã. No quarto capítulo é possível compreender melhor os aspectos que sobressaem nos escritos de Joseph Ratzinger, e esses, provavelmente, apontarão algumas pistas de ação para uma vivência cristã sempre mais centrada na prática de Jesus Cristo, mas também mais aberta ao diálogo com o mundo concreto em que vivemos. No capítulo cinco, são apresentadas as conclusões a que se chegou ao término da presente dissertação.

2 A RELAÇÃO ENTRE FÉ E CULTURA NOS ESCRITOS DE JOSEPH RATZINGER

Nos muitos escritos de Ratzinger, destaca-se sua preocupação com os rumos que a cultura atual vem tomando. Não se trata de uma recusa da modernidade e dos avanços científicos e tecnológicos, porque para Ratzinger esses elementos não são apenas positivos, mas necessários à humanidade. O problema que esse teólogo identifica diz respeito à constituição de uma cultura neopagã em oposição à cultura cristã, especialmente no mundo ocidental.

A reflexão proposta por Ratzinger é um convite para repensar os fundamentos da sociedade em que vivemos, não apenas do ponto de vista teológico, mas, também, antropológico. Nesse contexto, é necessário compreender melhor a relação entre fé e cultura, os aspectos que podem aproximá-las e os aspectos, que, por vezes, dificultam a evangelização, pois são traços de uma cultura neopagã que vem se instaurando paulatinamente.

Esse segundo capítulo se fundamenta nos escritos de Joseph Ratzinger, como teólogo, antes de ser eleito Papa Bento XVI e busca os fundamentos teóricos relativos aos conceitos de fé e cultura, e como esses se articulam no atual contexto histórico.

2.1 Conceito de fé e cultura

No mundo atual, falar de fé geralmente soa como algo subjetivo, pessoal, vago; muitas vezes, é tido como um termo sinônimo de esperança, mas que parece um pouco distante do cotidiano das pessoas. Ratzinger aborda esse tema em diversos livros e artigos, constituindo uma de suas grandes preocupações. Em sua obra: *Introdução ao cristianismo: preleções sobre o símbolo apostólico*,¹ Ratzinger expõe de forma detalhada o conceito de fé e, a partir desse conceito, será possível confrontar o sentido e o conceito que ele utiliza para cultura.

¹ RATZINGER, Joseph. *Introdução ao cristianismo: preleções sobre o símbolo apostólico*. São Paulo: Loyola, 2017.

Mesmo considerando que são muito fortes, no atual contexto, as questões de racionalidade, de comprovação científica e de experimentação, Ratzinger aponta que a fé precisa ser pensada em outra direção:

É a opção de não considerar irreal o que não se pode ver e o que de modo algum pode ser colocado no campo visual, acreditando que justamente aquilo que não é visível representa a verdadeira realidade. É a opção de ver naquilo que possibilita a realidade como um todo também aquilo que proporciona ao ser humano a sua existência verdadeiramente humana, tornando-o possível como ser humano numa existência humana.²

A fé, portanto, vai além daquilo que o ser humano é capaz de ver, ouvir, sentir, tocar, experimentar ou comprovar, parte de um olhar mais amplo sobre a realidade, que o liberta da fragilidade e do reducionismo dos sentidos. Aquilo que é invisível para o campo visual, segundo Ratzinger, não significa que seja irreal: “É a opção de ver naquilo que possibilita a realidade como um todo também aquilo que proporciona ao ser humano a sua existência verdadeiramente humana, tornando-o possível como ser humano numa existência humana.”³ Essa ideia pode parecer um pouco contrastante com o mundo da racionalidade técnica, mas é importante que ela seja compreendida e considerada, pois é um elemento essencial que dá ao homem o sentido de humanidade, de ser criado, de que além deste mundo há algo a mais, há um ser Superior que está acima de todas as coisas.

Complementa, ainda, o Cardeal Ratzinger:

Ter fé significa decidir que no âmago da existência humana há um ponto que não pode ser alimentado e sustentado pelo que é visível e tangível, mas que toca na fímbria daquilo que não é visível, a ponto de este se tornar tangível para ele revelando-se como algo indispensável à existência.⁴

Pensando assim, através do encontro do ser humano (que é tangível), com a realidade da fé (que é invisível e intangível), o homem é capaz de trazer para seu cotidiano algo que vem de sua própria realidade. Ou seja, ele é capaz de não só perceber a ação de Deus, mas, acima disso, fazer a sua vontade e isso influencia diretamente nas relações humanas e na forma como se vive e se constrói a sociedade.

² RATZINGER, Joseph. *Introdução ao cristianismo: preleções sobre o símbolo apostólico*. São Paulo: Loyola, 2017, p. 39.

³ Idem.

⁴ Idem.

Seguindo esse raciocínio, a fé não é “um andar sem rumo”, mas é constante conversão:

A fé é a conversão, na qual o homem descobre que está seguindo uma ilusão quando se atém exclusivamente às coisas palpáveis. É essa também a razão mais profunda da não demonstrabilidade da fé: esta é uma virada do ser, e só quem se vira pode recebê-la. E, como nossa gravidade não cessa de puxar-nos numa outra direção, a fé continua sendo uma virada a ser realizada dia a dia, e é somente através de uma conversão que acompanha a nossa vida que podemos perceber o que significa dizer: “eu creio”.⁵

A atitude de conversão é muito desafiadora, isto é, não pode ser demonstrável, qualificável, experimentável; parte sempre de uma escolha da pessoa. Portanto, nem sempre é compreendida ou aceita. A conversão exigida é no sentido de ir contra a “cegueira” que permite ver apenas as coisas palpáveis, sendo um voltar-se para aquilo que está além do aqui e agora.

Elucidado o conceito de fé, é importante ter presente o sentido de cultura que é tomado por Ratzinger, pois a fé não está alheia ao mundo cultural: ela faz parte dele, evolui e se modifica conforme a cultura também vai se transformando.

Segundo Ratzinger;

a cultura diz respeito primeiro ao conhecimento e aos valores. É uma tentativa de entender o mundo e nele a existência do homem. Porém, não é uma tentativa de natureza puramente teórica, mas é dirigida pelo interesse fundamental de nossa existência. A compreensão nos mostrará como isso é feito, o ser do homem, como o homem se insere corretamente nesse mundo e responde a ele, a fim de ganhar a si mesmo, para fazer com que sua existência seja alcançada, para levá-lo à verdadeira felicidade.⁶ (Tradução nossa).

Tomando como princípio que a cultura está intimamente ligada à construção do conhecimento e à vivência de valores que permitem ao homem viver em comunidade, ao sentir-se ser humano e alcançar a felicidade, é preciso ter presente que a cultura, portanto, está também ligada ao Divino, à fé, ao transcendente, que fazem parte da história e da constituição do ser humano. O elemento da historicidade é essencial à compreensão da cultura nos escritos de Ratzinger, principalmente, pelo fato de que a história não fala de um indivíduo, mas de uma comunidade, de um povo, fala de relações entre grupos, entre o ser humano e Deus:

⁵ RA RATZINGER, Joseph. *Introdução ao cristianismo: preleções sobre o símbolo apostólico*. São Paulo: Loyola, 2017, p. 40.

⁶ “La cultura tiene que ver primeramente con el conocimiento y con los valores. Es un intento por entender el mundo, y en él la existencia del hombre. Pero no es un intento de naturaleza puramente teórica, sino que está dirigido por el interés fundamental de nuestra existencia. El entender nos mostrará cómo se hace eso, el ser del hombre, cómo el hombre se inserta correctamente en ese mundo y responde a él, a fin de ganarse de este modo a sí mismo, de hacer que su existencia sea lograda, de llevarla a la felicidad.” (RATZINGER, Joseph. *Fe, verdad y tolerancia: el cristianismo y las religiones del mundo*. Salamanca: Sigueme. 2005, p. 55.

A comunidade precede no tempo e, portanto, a cultura tem a ver com a história. A cultura desenvolve seu caminho por meio do encontro com uma nova realidade e pelo processamento de novos conhecimentos. Não surge fechada em si mesma, mas no dinamismo do fluxo do tempo, ao qual pertencem essencialmente o fluxo mútuo das correntes, os processos de unificação. A historicidade da cultura significa sua capacidade de progredir, e dela depende sua capacidade de se abrir para experimentar uma transformação através do encontro.⁷ (Tradução nossa)

Sendo a cultura uma realidade em constante construção, não é algo estático, perene, mas aberto e capaz de se modificar conforme o dinamismo de cada tempo e espaço. Retomando o conceito de fé, anteriormente exposto, é necessário considerar que a fé nasce e se desenvolve dentro da cultura, isto é, não é algo que surge como um elemento *à parte*.

Não existe uma fé nua, fé como simples religião. A partir do momento em que a fé diz ao homem quem ele é e como ele deve começar a ser humano, a fé cria cultura, é cultura. Esta palavra sua não é abstrata; amadureceu através de uma longa história e de múltiplas fusões interculturais, nas quais essa palavra moldou todo um modo de vida, as relações do homem consigo mesmo, com o próximo, com o mundo, com Deus. A fé é cultura em si.⁸ (tradução nossa)

Quando o Cardeal Ratzinger diz que a fé, em si mesma, é cultura, abre espaço para um amplo diálogo com a realidade, o que permite dizer que ela influencia *na* e é influenciada *pela* realidade. De forma alguma, é algo fechado, como um baú que precisa ser resguardado dos efeitos do tempo, antes, é um elemento dinâmico, que precisa ser pensado, analisado, confrontado, a ponto de permitir uma constante conversão a Deus. O olhar de fé exige olhar para a cultura do mundo de hoje, compreender o que é visível e tangível e ir além, ver aquilo que nem todos percebem ou compreendem, que vai além dos próprios sentidos e que permita “ir contra a corrente, voltar, converter-se em direção a Deus” e não ao *eu* ou a qualquer forma de ideologia que possa afastar o ser humano de Deus. A relação entre fé e cultura não pode ser

⁷ “la comunidad precede en el tiempo y, por tanto, la cultura tiene que ver con la historia. La cultura se desarrolla en su camino mediante el encuentro con una nueva realidad y mediante el procesamiento de nuevos conocimientos. No surge encerrada en sí misma, sino en el dinamismo del fluir del tiempo, al cual pertenecen esencialmente el mutuo fluir de las corrientes, los procesos de unificación. La historicidad de la cultura significa su capacidad para progresar, y de ella depende su capacidad para abrirse, para experimentar una transformación por medio del encuentro”. RATZINGER, Joseph. *Fe, verdad y tolerancia: El cristianismo y las religiones del mundo*. Salamanca: Sigueme, 2005, p. 57

⁸ “No existe una fe desnuda, una fe como simple religión. Desde el mismo momento en que la fe le dice al hombre quién es él y cómo ha de comenzar a ser humano, la fe crea cultura, es cultura. Esta palabra suya no es abstracta; ha ido madurando a través de una larga historia y en múltiples fusiones interculturales, en las que esa palabra ha plasmado toda una forma de vida, las relaciones del hombre consigo mismo, con el prójimo, con el mundo, con Dios. La fe es, ella misma, cultura.” (Ibidem, pág. 62).

definida por limites entre uma e outra, mas por meio de um mergulho na realidade humana que vai além do puramente sensível e experimentável.

2.2 O problema da relação entre fé e cultura na sociedade contemporânea

Na história ocidental, o cristianismo sempre esteve associado à produção e à propagação da cultura, tanto que as grandes universidades surgiram no meio católico. Fé e cultura, por muito tempo, caminharam juntas e pareciam se complementarem em busca da verdade, do novo e da construção do conhecimento. Nos últimos séculos, porém, essas duas vertentes parecem andar por caminhos cada vez mais distantes.

A dicotomia entre fé e cultura gera um reducionismo tanto da razão e da cultura quanto da fé. Uma fé que não dialoga com a razão corre o risco de cair nos extremos do fundamentalismo, do sentimentalismo e do subjetivismo que se distanciam da verdadeira fé cristã. Se a fé está desconectada do mundo, pode até trazer alguma forma de consolo, ou alívio às pessoas que, para isso, se refugiam em grupos de oração ou cultivam uma vida religiosa de forma individualista, sem pertencer a uma comunidade de fé. Nesse caso, a fé não transforma o mundo. Quando o sentido religioso é retirado dos espaços públicos, separando-se da religião como expressão ou adesão pessoal desconectada da vida real, desvirtua-se o caráter essencial do cristianismo, que se expressa no Deus que caminha junto, que se encarnou e viveu como homem, rebaixando-se até ser pregado numa cruz. O Cardeal Ratzinger assim se refere à fé cristã:

A fé cristã não se ocupa apenas com o eterno, como poderia parecer à primeira vista quando se fala em fé, como em algo totalmente diferente, localizado fora do mundo humano e do tempo; ela tem a ver com o Deus na história, que está dentro da história, com Deus como homem.⁹

Essa afirmação tem um significado profundo, pois sustenta que Deus não é um ser distante, uma abstração, uma hipótese a ser utilizada quando a ciência não tem mais respostas. Com o desenvolvimento da ciência nas mais diversas áreas do conhecimento, como História, Biologia, Antropologia, Astronomia, Física, entre outras que surgem a cada instante, tem-se a impressão de que tudo o que é bom vem do progresso, está ligado ao futuro, ao descartável, ao

⁹ RATZINGER, Joseph. *Introdução ao cristianismo: preleções sobre o símbolo apostólico*. São Paulo: Loyola, 2017, p. 42.

efêmero. Tudo que remete à tradição parece não dizer, ou não responder, aos anseios de uma sociedade que exige o novo, o diferente e o espetacular. Assim, a fé, como portadora de uma tradição, torna-se, muitas vezes, incapaz de dialogar com a realidade e as novas formas culturais que se desenvolvem no decorrer do tempo. O Cardeal Ratzinger aborda essa problemática amplamente, em muitos de seus escritos. Para uma melhor sistematização, será feito um recorte, priorizando alguns elementos que se sobressaem em sua bibliografia: a relação entre fé, cultura, individualismo, relativismo e ruptura entre fé e razão.

2.2.1 Fé, cultura e individualismo

Com o advento da modernidade, a ideia de indivíduo vai tomando força e se tornando um conceito-chave para a própria compreensão da sociedade. O termo traz, em si, uma complexidade muito grande, difícil de ser reduzido a um conceito único, mas é possível aproximar-se de uma definição, que não será, jamais, única ou definitiva.

A ideia de indivíduo pode ser associada à unicidade, ao ser único, à singularidade de cada um. Conforme o termo latino, *individuus* é aquele que não pode ser dividido, o que se distingue dos outros, sendo um. Nesse sentido, pode não apenas ser aplicado ao ser humano, mas também a animais e plantas.

No século XVII, René Descartes, com sua famosa frase: “Cogito, ergo sum”¹⁰ (Penso, logo existo), abre espaço à compreensão do indivíduo como aquele que tem a capacidade de pensar. O uso da razão e sua consequente capacidade de escolha, portanto, de liberdade, são um ponto essencial para a compreensão do conceito de indivíduo.

Com a consolidação do capitalismo, a noção de indivíduo, ligada ao direito de possuir, ganha força. Ao mesmo tempo que o ser humano passa a ser visto como alguém livre, com o direito de escolher sua crença, seu trabalho, o que comprar, em quem votar, o que ler e tantas outras escolhas importantes que o cotidiano lhe imprime visto como ser racional, vai, também, se fortalecendo o caráter materialista da noção de sujeito. Ratzinger reflete sobre o tema chamando a atenção à concepção de homem que se encerra em si mesmo:

O homem é concebido de modo individualista, ele é só ele mesmo. A relação que lhe pertence e que lhe permite tornar-se ele mesmo é-lhe retirada. Essa exigência, de ser a última e a única instância sobre si mesmo, e a exigência de se apropriar, seja como for, de tanto de vida quanto possível e de não poder ser impedido por ninguém, faz

¹⁰ DESCARTES, René. *Discurso do Método*. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2010.

parte do sentimento da vida que hoje em dia se oferece ao Homem. Claro que o “não pode” – há critérios aos quais temos de nos sujeitar – é uma intervenção que se tornou um ataque do qual as pessoas se defendem. Em última análise, trata-se de discutir outra vez, neste contexto, a pergunta fundamental: como é que o Homem se torna feliz? O que é que ele deve fazer para viver bem a sua vida? É verdade que ele só pode ter a si mesmo por medida para ser feliz?¹¹

Nesse sentido, o individualismo está muito ligado ao fato de que, para ser feliz, o ser humano precisa realizar todos os seus desejos, independentemente dos outros que estão à sua volta. Ou seja, o eu aparece sempre em primeiro lugar e como princípio para as escolhas fundamentais da vida. Tomando essa concepção como lógica de vida, qualquer sofrimento, recusa pessoal ou necessidade de alteridade é vista como uma agressão ao ser humano:

Recusar o sofrimento é recusar a dimensão de ser criatura, quer dizer, o fato de estar sujeito a uma medida, significa, afinal, recusar o próprio amor, o que destrói o Homem. Por que é precisamente quando se submete a uma exigência e se deixa circuncidar que o Homem pode amadurecer e dar fruto.¹²

O ser cristão está intimamente ligado à vivência do amor que só pode ser concebido nas relações. Conforme São Paulo, o “amor não é egoísta”. (*1Cor 13,5*). Cristo passou a vida toda pregando o amor a ponto de dar a própria vida, sendo esse o caminho que ele aponta para a felicidade.

Quando o Cardeal Ratzinger diz que colocar a si próprio como medida é recusar o próprio amor; na verdade, ele traz presente que, ao fazer isso, o ser humano perde o essencial, que o torna “verdadeiramente humano”. Nesse caso, o amor não é um sentimento momentâneo, prazeroso, fugaz, mas é ação concreta, é dar de si mesmo, é mudar a ótica pela qual se vê o mundo, do eu, para o outro, para a comunidade. E, nessa virada, o ser humano é capaz de perceber o sonho e a ação de Deus. Somente um coração aberto, tem a capacidade de sair de si mesmo, é capaz de perceber e entrar em relação com Deus:

O conhecimento de Deus postula uma vigilância interna, uma interiorização, um coração aberto, que se torna pessoalmente consciente na aceitação silenciosa de sua proximidade com o criador. Mas, ao mesmo tempo, é verdade que Deus não se abre para o eu isolado e exclui o indivíduo que está trancado em si mesmo. O

¹¹ RATZINGER, Joseph; SEEWALD, Peter. *O sal da terra: O cristianismo e a Igreja Católica no séc. XXI*. Rio de Janeiro: Imago, 2005, pp. 134-135.

¹² “El conocimiento de Dios postula una vigilancia interna, una interiorización, un corazón abierto, que se hace consciente personalmente en la acogida silenciosa de su inmediatez con el creador. Pero al mismo tiempo es verdad que Dios no se abre al yo aislado y que excluye al individuo encerrado en sí mismo. La relación con Dios está unida a la relación, a la comunión con nuestros hermanos y hermanas. RATZINGER, Joseph; SEEWALD Peter. *O Sal da Terra: O Cristianismo e a Igreja Católica no Séc. XXI*. Rio de Janeiro: Imago, 2005, p.135.

relacionamento com Deus está ligado ao relacionamento, à comunhão com nossos irmãos e irmãs.¹³

Obviamente, o ser humano é sempre fruto de seu tempo, e o individualismo é uma das ideologias¹⁴ que mantêm o sistema vigente, favorecendo o consumismo que decreta: eu preciso ter, para eu ser feliz! A pessoa não é vista em sua integralidade como imagem e semelhança de Deus, mas como indivíduo, isolado, apenas mais um entre outros. A dignidade própria da pessoa acaba sendo negada e omitida por uma ideia instrumentalista de indivíduo:

O egoísmo e o amor autêntico de si mesmo não apenas não são idênticos, mas se excluem. Um pode ser um grande egoísta e discordar de si mesmo. Sim, o egoísmo muitas vezes vem precisamente de uma laceração interna, de uma tentativa de criar outro eu, enquanto o relacionamento justo com o eu cresce com a liberdade de si mesmo. Poder-se-ia até falar de um círculo antropológico: na medida em que se busca sempre a si mesmo, tenta realizar-se e insiste na plenitude do próprio eu, o resultado é contraditório, doloroso e triste. O indivíduo se dissolverá de mil maneiras e, no final, só haverá fuga de si mesmo, a incapacidade de suportar-se. O refúgio na droga ou em outras múltiplas formas de egoísmo é, em si mesmo, contraditório.¹⁵ (Tradução nossa)

Talvez essa seja uma das chaves de leitura para compreender por que o ser humano, na atual cultura, está sempre numa busca desesperada pela felicidade, querendo emoções mais fortes, experiências mais intensas, situações mais radicais e arriscadas de vida. Ratzinger levanta uma tese que mereceria ser mais explorada, conforme a citação acima, ou seja, à medida que o ser humano busca a si mesmo e insiste na plenitude do próprio eu, o resultado é contraditório, penoso e triste, resultando na busca de refúgios que possam preencher ou compensar o vazio que sentem.

A Igreja, desde cedo, se formou e se organizou em comunidades e viu, no âmbito comunitário, um valor constitutivo de sua fé. Esse também é um dos motivos pelos quais a Igreja encontra dificuldade de dialogar com o mundo atual, porque não pode recusar ou deixar para um segundo plano sua essência comunitária: “A verdade da fé não é dada ao indivíduo

¹³ RATZINGER, Joseph. *Mirar a Cristo: ejercicios di fe, esperanza y amor*. Valência: Edicep, 2005, p. 35.

¹⁴ Entende-se aqui por ideologia: “Um conjunto lógico, sistemático e coerente de representações e de normas ou regras que indicam e prescrevem aos membros da sociedade o que devem pensar, o que devem valorizar e como devem valorizar, o que devem sentir e como devem sentir, o que devem fazer e como devem fazer. (CHAUÍ, Marilena. *O que é ideologia*. 2. Ed. São Paulo: Brasiliense, 2008, p. 108.

¹⁵ “Egoísmo y amor autêntico de sí mismo no sólo no son idênticos, sino que se excluyen. Uno puede ser un gran egoísta y estar en discordia consigo mismo. Sí, el egoísmo proviene con frecuencia precisamente de una laceración interna, de un intento de crearse otro yo, mientras que la justa relación con el yo crece con la libertad de sí mismo. Incluso se podría hablar de un círculo antropológico: en la medida en que uno se busca siempre a sí mismo, intenta realizarse e insiste en la plenitud del propio yo, el resultado es contradictorio, penoso y triste. El individuo se disolverá en mil formas y al final quedará únicamente la huida de sí mismo, la incapacidad de soportarse. El refugio en la droga o en otras múltiples formas de egoísmo es, en sí, contradictorio.” (RATZINGER, Joseph. *Mirar a Cristo: ejercicios di fe, esperanza y amor*. Valência: Edicep, 2005, p.102).

isolado, mas com ela Deus quis estabelecer história e comunidade. Ela tem seu lugar no sujeito comunitário do povo de Deus, a Igreja.”¹⁶

Assim, para chegar a Cristo, é preciso sair de si, experimentar o ser comunidade, ser povo de Deus, é ali que Deus age e se manifesta. Deus não quer indivíduos fechados, egoístas, porque ele próprio é relação, doação e misericórdia.

O cristão não está isolado na procura de Cristo, mas sabe que é suportado pelo eu englobante da Igreja, que o faz contemporâneo de Jesus Cristo, sendo assim o veículo que traz Deus para o tempo e leva o cristão para a eternidade.¹⁷

É impossível para o cristão viver na lógica do individualismo que leva ao egoísmo e ao fechamento. Isso, ao mesmo tempo, não pode significar o julgamento de que o mundo atual é mau ou ruim, de modo que os cristãos acabem se isolando. “Em um mundo tão confuso e complexo, é necessário apostar mais nas grandes constantes do discurso divino, a fim de continuar a encontrar a diretriz fundamental.”¹⁸ (Tradução nossa). O fortalecimento da comunidade, a vivência da prática cristã, não em palavras, mas em atos concretos que testemunhem uma vida de seguimento de Cristo em comunidade, marcada pela alteridade e capaz de levar à verdadeira felicidade pode ser um caminho para enfrentar essa ideologia tão forte que se instala em todas as realidades de hoje.

2.2.2 Fé, cultura e relativismo

Ao lado do individualismo, instala-se, no mundo de hoje, a ideologia do relativismo, quer dizer, se o *eu* passa a ser a medida de todas as coisas, por consequência, não existe nenhum padrão, nenhum ponto fixo que possa dar suporte à vida e à comunidade.

É importante distinguir o relativismo do respeito às diferenças. O ser humano, em si, é marcado pela diversidade que provém de todas as suas características: físicas, psicológicas, étnicas, culturais, religiosas e de outra natureza. Mas a diversidade não impede que existam elementos permanentes, que apontem a um caminho comum. Quando se fala em relativismo,

¹⁶ RATZINGER, Joseph. *Natureza e missão da Teologia*. Petrópolis: Vozes, 2008. p.90.

¹⁷ RATZINGER, Joseph. *Dogma e anúncio*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 47.

¹⁸ “En un mundo tan embrollado y complejo, es preciso apostar más por las grandes constantes del discurso divino, para seguir encontrando la directriz fundamental.” (RATZINGER, Joseph. *Dios y el mundo*. Barcelona: Mondadori, 2005. p. 264).

no entanto, a estranheza, o pensar diferente dos outros, tomando como princípio o próprio *eu* passa a ser regra. Vários pensadores da atualidade abordam esta temática, entre eles, Bauman, que afirma:

A relatividade torna-se agora o grande equalizador; é através da peculiaridade que se escapa ao estigma da diferença. Somente colocando-se à parte pode-se partilhar a desagradável situação dos outros e participar em pé de igualdade da condição humana universal. A estranheza tornou-se universal. Ou melhor, foi dissolvida; o que, afinal, vem a dar no mesmo. Se todo mundo é um estranho, então ninguém é.¹⁹

Nesse contexto, se cada um tem sua verdade, a verdade em si não existe, ela é relativa aos anseios e às expectativas pessoais, ninguém pode encontrar a verdade. Num mundo relativista, não há espaço para a verdade, para o “Totalmente Outro”. Diferentemente, para o cristianismo, “Jesus é o Caminho, a Verdade e a Vida”. Ele é o ponto fixo, aquele a quem seguimos e que revela a verdade sobre o ser humano.

Se a prática de Jesus é o critério para o ser e o agir, então, nem tudo é relativo. Existe uma base sobre a qual se define o agir do cristão. Assim, segundo o Cardeal Ratzinger, o relativismo que se põe ao lado do individualismo também é uma forma de agressão ao ser cristão:

O que foi dito, com relação ao mundo físico, também reflete a segunda revolução copernicana em nossa atitude fundamental em relação à realidade: a verdade como tal, o absoluto, o verdadeiro ponto de referência do pensamento não é mais visível. Portanto, do ponto de vista espiritual, já não existe um para cima e outro para baixo. Em um mundo sem pontos de referência fixos, as direções não existem mais. O que vemos como orientação não se baseia em um critério verdadeiro em si, mas em nossa decisão, em última análise, em critérios utilitaristas. Em um contexto "relativista" similar, uma ética teológica ou consequencialista se transforma num fim niilista, embora não se perceba.²⁰ (Tradução nossa)

¹⁹ BAUMAN, Zigmunt. *Modernidade e ambivalência*. Trad. De Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1999. p.110.

²⁰«Lo que se ha dicho, a propósito del mundo físico, refleja también la segunda revolución copernicana en nuestra actitud fundamental hacia la realidad: la verdad como tal, lo absoluto, el verdadero punto de referencia del pensamiento ya no es visible. Por eso, tampoco desde el punto de vista espiritual hay ya un arriba y un abajo. En un mundo sin puntos fijos de referencia dejan de existir las direcciones. Lo que miramos como orientación no se basa en un criterio verdadero en sí mismo, sino en una decisión nuestra, últimamente en consideraciones de utilidad. En un contexto «relativista» semejante, una ética teológica o consecuencialista se vuelve al final nihilista, aunque no lo perciba.» (RATZINGER, Joseph. *Ser cristiano en la era neopagana*. Madrid: Encuentro, 2005. p. 41).

Quando o ser humano se vê sem referências, a sensação de perplexidade e incerteza aumenta, criando uma espécie de vazio, de niilismo, como se nada, de fato, fizesse sentido. A ausência de verdade, ao contrário do que alguns podem pensar, não dá maior liberdade ao ser humano, porque lhe tira o ponto firme sobre o qual pode construir sua vida. A verdade é que Jesus Cristo aponta à dignidade do homem, criado à imagem e semelhança de Deus, ao tratar Deus como Pai, torna toda a humanidade uma única fraternidade. Nessa lógica, todo ser humano precisa ser respeitado em sua dignidade de pessoa, independentemente de quem seja, ou de onde esteja. Esse é um aspecto fundamental para a construção dos direitos humanos.

Ao contrário, quando predominam critérios utilitaristas, vale aquele que produz, aquele que consome, e os demais são excluídos da sociedade, condenados à marginalização. A liberdade capitalista é a liberdade dos mais fortes, dos que têm mais recursos; os mais pobres, ao contrário, são esquecidos e desprovidos de qualquer senso de dignidade.

Se não existem pontos fixos de referência, se não há uma verdade sólida na qual possamos nos apoiar, os critérios são definidos a partir de uns poucos que podem escolher e defini-los. A crítica de Ratzinger à sociedade neopagã é, na verdade, uma crítica dura ao capitalismo agressivo e desumano que se perpetua nos dias de hoje. Não é um ataque contra a modernidade, mas é um questionamento forte sobre o sistema que parte de uma ideologia atea e que abala os pontos sobre os quais se apoiam os direitos humanos, a noção de pessoa e, portanto, a própria dignidade humana.

Alguns referem que o relativismo poderia ser uma forma de dialogar de igual para igual com outras religiões, sem insistir no fato de que o cristianismo seja a única verdade. Assim, Jesus Cristo, não seria nada além de mais um profeta, iluminado, ou um ser humano que deixou uma mensagem de esperança e de bondade:

A identificação de uma figura histórica particular, Jesus de Nazaré, com o próprio “real”, com o Deus vivo, é rejeitada como uma recaída no mito. Jesus é conscientemente relativizado como um dos gênios religiosos entre outros. O Absoluto ou o Absoluto em si não pode ocorrer na história; são dados apenas modelos, figuras ideais que nos orientam para o totalmente Outro, que não se pode captar como tal na história.²¹ (Tradução nossa)

²¹ La identificación de una figura histórica particular, Jesús de Nazaret, con lo «real» mismo, con el Dios vivo, es rechazada como recaída en el mito. A Jesús se le relativiza conscientemente como uno de los genios religiosos entre otros. Lo Absoluto o el Absoluto mismo no puede darse en la historia; únicamente se dan modelos, figuras ideales que nos orientan hacia lo totalmente Otro, que no puede captarse como tal en la historia. RATZINGER. Joseph, *Fe, verdad y tolerancia: El cristianismo y las religiones del mundo*. Salamanca: Sígueme, 2005. p. 107.

Pensando dessa forma, o diálogo, necessariamente, partiria de um posicionamento relativista em que ninguém possui a verdade completa, todos estariam no mesmo nível sem uma verdade absoluta. Acontece que o Deus cristão é o Absoluto. “Ele é Caminho, a Verdade e a Vida” e não há outro. O diálogo, portanto, parte do respeito à diversidade e não da recusa da própria fé. O fato de Jesus ser Verdadeiro Deus e Verdadeiro Homem, é o fundamento do cristianismo que não pode ser abdicado por uma falsa compreensão de fé e que, acima disso, responde aos interesses de uma minoria que se impõe.

O relativismo acaba levando, de um modo direto ou indireto, ao próprio ateísmo, pois

esse relativismo, que hoje é o sentimento fundamental do homem iluminista e que penetra extensivamente até mesmo na teologia, é o problema mais profundo de nosso tempo. É também a razão pela qual a verdade é substituída pela *práxis*, e que com ela o eixo das religiões é deslocado. Assim, o que é verdade nós não sabemos, mas o que sabemos é o que temos que fazer: alcançar uma sociedade melhor, o "reino", como eles dizem, usando um termo tirado da Bíblia e entendido num sentido profano e utópico.²² (Tradução nossa)

Se não há verdade, e se todos os caminhos conduzem à salvação, então o ser humano pode seguir qualquer caminho, ou mesmo, não seguir nenhum, basta uma prática humanitária em que se possa construir um mundo melhor, ou numa linguagem cristã, o Reino de Deus. A partir desse ponto de vista, a *práxis* é o que importa, o fazer é mais importante que o ser e, novamente, o homem passa a ser apenas mais um instrumento vazio, muitas vezes, e incapaz de se encontrar com o verdadeiramente *outro*. A mesma crítica que Ratzinger dirige ao capitalismo, em virtude da mercantilização da pessoa, dirige também ao marxismo, que em se fixando na *páxis*, elimina a possibilidade de verdade:

Dessa forma, a redenção tornou-se um processo político, para o qual a filosofia marxista ofereceu as diretrizes essenciais. Tornou-se uma tarefa que os próprios homens podem assumir, além disso, eles têm que assumir o comando. E assim se tornou, ao mesmo tempo, uma esperança muito prática: a fé se

²² “Este relativismo, que hoy día es el sentir fundamental del hombre ilustrado y que penetra extensamente hasta en la teología, es el problema más hondo de nuestro tiempo. Es también la razón de que la verdad sea sustituida por la praxis, y de que con ello quede desplazado el eje de las religiones. Así, lo que es verdad no lo sabemos, pero lo que sí sabemos es lo que tenemos que hacer: lograr una sociedad mejor, el «reino», como suele decirse utilizando un término tomado de la Biblia y entendido en sentido profano y utópico.” (RATZINGER, Joseph. *Dogma e Anúncio*. São Paulo: Loyola, 2005. p. 65).

tornou "teoria" na prática, na ação concreta e na redenção no processo de libertação.²³ (Tradução nossa)

Quando a *práxis* é orientada por ideologias, desligadas da própria razão e sem levar em consideração a fé, acaba também caindo no relativismo, que, sem apresentar fundamentos significativos, gera, da mesma forma, o niilismo. Num mundo sem Deus, as pessoas buscam, na experiência cotidiana, espaços para alcançar a sensação de plenitude, seja consumindo, seja vivendo situações sempre mais intensas emocionalmente, uma busca desenfreada de autossatisfação, o que geralmente leva ao vazio interior e a angústia de não saber por que faz o que faz e, principalmente, qual é o sentido da vida.

O encontro com Deus torna-se algo pessoal, subjetivo, ou indefinido, sobre o qual não se tem certeza e que, portanto, pode ficar para um segundo plano. O número crescente de pessoas que vivem o *trânsito religioso*, que dizem ter fé, mas não praticam nenhuma religião, e ainda, dos que se declaram convictamente ateus, é um reflexo desse relativismo religioso que vem crescendo, cada vez mais, especialmente no mundo ocidental.

2.2.3 A ruptura entre fé e razão

No primeiro capítulo de *Introdução ao cristianismo*, Ratzinger reflete sobre três estágios diferentes em que a humanidade percebe a realidade de maneiras distintas: num primeiro momento, a orientação mágica ou metafísica; num segundo, o historicismo; e, na atualidade, a visão científica.²⁴ Em cada momento, a fé sofre influência de cada uma dessas abordagens que tanto apresentam oportunidades quanto desafios. Numa abordagem metafísica, o olhar se volta ao eterno, ao pensamento, ao ser; na abordagem histórica, o olhar se volta ao passado; e, na científica ao futuro.

Interessa, aqui, a terceira forma de compreender o mundo a partir da verdade científica que para muitos parece ser uma barreira intransponível. Partindo de um olhar científico, a “tradição é aquilo que já não serve e que está preso ao passado; o progresso, pelo contrário, é a

²³ “De esta manera la redención se convirtió en un proceso político, para el cual la filosofía marxista ofrecía las directrices esenciales. Llegó a ser una tarea de la que los hombres mismos pueden hacerse cargo, más aún, tienen que hacerse cargo. Y de esta forma pasó a ser, al mismo tiempo, una esperanza sumamente práctica: la fe se convirtió de «teoría» en práctica, en acción concreta y redentora en el proceso de liberación.” (RATZINGER, Joseph, *Fe, verdad y tolerancia: El cristianismo y las religiones del mundo*. Salamanca: Sígueme, 2005, p. 104.

²⁴ RATZINGER, Joseph. *Introdução ao Cristianismo: preleções sobre o símbolo apostólico*. São Paulo: Loyola, 2017. p. 45 ss.

verdadeira promessa do ser, de modo que o ser humano já não procura estabelecer-se no lugar da tradição e do passado, e sim no espaço do progresso”.²⁵ Nesse contexto, o homem se vê sem passado, sem a segurança da fé e acaba colocando a fé sobre si mesmo, na esperança de que ele possa transformar a realidade, o mundo e a si mesmo, conforme o desenvolvimento da Genética, Biotecnologia, Neurociência, Medicina e outras ciências sugerem.

A fé é vista como algo do passado, que fala de realidades e compreensões superadas, de tradições que se encaixavam em outros povos e em outras culturas, mas que não são passíveis de diálogo com o mundo do progresso e das ciências. Para ser verdadeiro, um fato precisa ser feito, ser reproduzido, porém a fé não pode ser manipulada, ela parte do princípio de que o ser humano crê em algo invisível.

Conforme Ratzinger:

quando as duas tentativas citadas se tornam exclusivas, de modo que a fé fica totalmente transferida para o nível do factum ou da factibilidade, encobre-se em última análise o verdadeiro significado da palavra “credo” – creio. Ao pronunciar-la o ser humano não está nem idealizando um programa de transformação ativa do mundo, nem se inclui simplesmente num encadeamento de acontecimentos históricos. Tentando descartar o que é realmente essencial, gostaria de afirmar que o processo da fé não faz parte da relação entre o saber e o fazer que é característica para o ideário do pensamento voltado para o factível, é melhor procurar expressá-lo numa relação muito diferente que é de firmar-se e de entender. Parece-me que assim se tornam visíveis duas concepções totais e duas possibilidades de existir humano que, apesar de relacionadas entre si, no entanto, devem continuar bem distintas.²⁶

Na ânsia de tentar manipular o fenômeno religioso, surgiram teologias que buscam transformar a realidade, como a Teologia Política²⁷. E essa tentativa de falar numa linguagem que se adapte às diferentes compreensões de mundo não é uma novidade, pois aconteceu durante toda a história. Inclusive, porque a fé também está inserida em realidades concretas e precisa falar de modo que seja compreendida e vivida no decorrer do tempo, contudo é importante ter presente:

A fé cristã está profundamente ligada às forças propulsoras essenciais dos Tempos Modernos. O nosso momento histórico se apresenta realmente como uma oportunidade de compreendermos a partir dele e de uma maneira completamente nova a estrutura da fé entre *factum* e *faciendum*; cabe à

²⁵ RATZINGER, Joseph. *Introdução ao Cristianismo*: preleções sobre o símbolo apostólico. São Paulo: Loyola, 2017. p. 41.

²⁶ RATZINGER, Joseph, *Introdução ao Cristianismo*: preleções sobre o símbolo apostólico. São Paulo: Loyola, 2017. p.52.

²⁷ A Teologia Política desenvolve-se na segunda metade dos anos 60, tanto no âmbito católico, quanto protestante. Entre os anos de 1965-1968 nasce a Teologia Política na Europa e entre 1968-1972 a Teologia da Libertação na América. (GIBELLINI, Rosino. *A Teologia do séc. XX*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2012. p. 301.)

teologia aceitar esse apelo e essa possibilidade, para descobrir e preencher as lacunas deixadas pelos tempos idos.²⁸

A vivência cristã não pode dissociar fé de cultura, pois a origem do cristianismo está no fato de que Deus se fez homem, inseriu-se numa determinada cultura, sentiu os problemas humanos de seu tempo e falou sobre eles. A preocupação do povo que estava à sua volta era também sua preocupação. Cristo viveu intensamente o que é ser humano, sua vida foi uma constante caminhada, encontrando-se com diferentes realidades sociais, culturais e econômicas e era, nesse mundo concreto, que anunciava o Reino de Deus. Como aponta o Cardeal Ratzinger, o seguimento de Jesus Cristo hoje, para ser autêntico aos ensinamentos do *Mestre*, precisa estar inserido no mundo, na cultura, deve ter em mente as preocupações e angústias que afligem o ser humano atual.

A Igreja deve assumir a responsabilidade acima de tudo pelos problemas do homem; portanto, não pode de forma alguma colocar suas próprias preocupações diante dela. Sua primeira preocupação deve ser o problema de nosso tempo, o modo de nos relacionarmos com as condições culturais, sociais e econômicas. Assim poderá dar esperança ao homem para o seu caminho. E será capaz de fazer isso se cada um dos homens não pensar apenas em seus próprios direitos, mas tentar viver dentro de si mesmo o cristianismo como uma realidade presente.²⁹ (Tradução nossa).

A fé precisa ir além das paredes da Igreja e dos grupos e movimentos que compartilham a fé cristã. Ela precisa transbordar e se fazer vida, ser visível no cotidiano, perpassar a cultura, a economia, a política, os meios de comunicação, a educação e todos os espaços em que os cristãos estão presentes. A fé precisa da razão, mas a razão também precisa da fé.

Os avanços técnicos e científicos são um grande bem para a humanidade, os progressos alcançados pela razão humana permitiram conquistas inimagináveis em todas as áreas do conhecimento. No entanto, a razão e a cultura precisam ser purificadas pela fé. Por vezes, a

²⁸ RATZINGER. Joseph, *Introdução ao Cristianismo*: preleções sobre o símbolo apostólico. São Paulo: Loyola, 2017. p. 51.

²⁹ “La Iglesia debe responsabilizarse ante todo de los problemas del hombre; por tanto no puede de ninguna manera anteponer sus propias preocupaciones. Su primera preocupación tiene que ser el problema de nuestro tiempo, la forma de relacionarse con las condiciones culturales, sociales y económicas. Así, podrá darle al hombre una esperanza para su camino. Y logrará hacer esto se cada uno de los hombres no piensa sólo en sus propios derechos sino que procura vivir en su interior el cristianismo como una realidad presente.” (RATZINGER. Joseph. *Ser cristiano en la era neopagana*. Madrid: Encuentro Ediciones, 2005. p. 127.

cultura não é favorável à prática dos direitos humanos, nem solidária e nem mesmo humana. Quando o consumismo e o individualismo se difundem, há o risco de o ser humano ser tratado como objeto, deixado em segundo plano. Nessas situações, a pobreza, a miséria e a falta de dignidade são ignoradas pela cegueira de uma cultura hedonista e incapaz de alteridade.

Quando Deus se afasta da vida e da cultura das pessoas, faltam fundamentos sólidos que possam consolidar uma ética e uma justiça que deem conta de tratar o ser humano com a dignidade que ele merece. Se numa sociedade valem aqueles que produzem e que consomem, como ficam aqueles que não o fazem? Se a liberdade é fazer, ser ou ter o que se quer, como ficam aqueles que não possuem direito de escolha? Essas e muitas outras questões exigem um repensar com serenidade e abertura sobre a relação entre fé e cultura, de modo que não sejam dois caminhos conflitantes, mas duas realidades que dialogam em vista do ser humano.

O cardeal explica:

O encontro entre culturas e a fusão gradual dos vários espaços históricos para formar uma única história comum da humanidade é algo que tem sua base na própria essência do homem. Também não é bom aproveitar as possibilidades da civilização tecnológica e, ao mesmo tempo, querer impor aos outros o sonho romântico do mundo que precedeu a tecnologia. Na verdade, hoje não será discutido que a disseminação da civilização moderna não é apenas irreprimível, mas é também uma questão de justiça oferecer os instrumentos dessa civilização a culturas que ainda não entraram em contato com ela. Outra coisa muito diferente é que, ao fazê-lo, devemos prosseguir com mais respeito do que até agora pelas tradições dessas pessoas. O ruim não é a expansão das possibilidades tecnológicas como tais, mas a arrogância excessiva com a qual, muitas vezes, as estruturas existentes são pisoteadas e uma violenta irrupção é feita nas almas dos homens, ignorando totalmente suas tradições religiosas e éticas. O desenraizamento espiritual e a destruição da estrutura da comunidade que são produzidos constituem a principal razão pela qual a ajuda ao desenvolvimento levou apenas em casos muito raros a resultados positivos. Pensou-se que bastava desenvolver a capacidade tecnológica. E foi dispensado e ainda é largamente dispensado aquilo que o homem necessita.³⁰ (Tradução nossa)

³⁰ “El encuentro entre las culturas y la paulatina fusión de los diversos espacios históricos para formar una única historia común de la humanidad es algo que tiene su fundamento en la esencia misma del hombre. Tampoco está bien aprovechar nosotros mismos las posibilidades de la civilización tecnológica y, al mismo tiempo, querer imponer a los demás el propio sueño romántico del mundo que precedió a la tecnología. En realidad, hoy día no se discutirá que la difusión de la civilización moderna no sólo es de hecho incontenible, sino que además es cuestión de justicia ofrecer los instrumentos de esa civilización a las culturas que todavía no han entrado en contacto con ella. Otra cosa muy distinta es que al hacerlo haya que proceder con más respeto que hasta ahora hacia las tradiciones propias de esas personas. Lo malo no es la ampliación de las posibilidades tecnológicas como tal, sino la desmedida arrogancia con que muchas veces se pisotean estructuras existentes y se hace irrupción violenta en las almas de los hombres, desentendiéndose enteramente de sus tradiciones religiosas y éticas. El desarraigo espiritual y la destrucción de la estructura comunitaria que se producen constituyen la razón principal de que las ayudas para el desarrollo hayan conducido tan sólo en rarísimos casos a resultados positivos. Se pensaba que era suficiente desarrollar la capacidad tecnológica. Y se prescindió y se sigue prescindiendo en buena parte de

Todo o desenvolvimento tecnológico, conforme sugere o Cardeal Ratzinger, é importante e legítimo à humanidade, desde que sirva para tornar o mundo um lugar mais humano e mais justo para se viver, respeitando as diferenças culturais e as tradições dos povos. Se a tecnologia provoca isolamento, desigualdade e é utilizada para segregar e impor ideologias consumistas que servem aos interesses dos grandes que detêm o poder, o seu uso precisa ser questionado.

É interessante observar que esses escritos de Ratzinger são de um período anterior ao grande desenvolvimento e à difusão da internet e das redes sociais, mas os critérios que ele aponta como essenciais à relação entre fé e cultura, ou mesmo para o avanço e o progresso tecnológico já respondem a uma realidade que se concretizaria anos mais tarde e que hoje são fonte de grandes questionamentos.

Para Ratzinger, o problema não é o avanço tecnológico, é o uso inadequado e manipulador que se faz dos meios, que atingem populações inteiras. A Igreja não é uma instituição isolada, pois está inserida neste contexto social, mas, precisa manifestar seu posicionamento em defesa do ser humano, de modo que, em qualquer situação, seja salvaguardada a dignidade e a sacralidade do ser humano, que é imagem e semelhança de um Deus que se manifesta no amor e na comunhão.

2.3 A aproximação da fé e cultura segundo o Cardeal Ratzinger

Diante da realidade que impõe um pensamento individualista, relativista e que distancia a fé do progresso científico e tecnológico, os escritos de Ratzinger apontam a alguns aspectos que podem gerar uma compreensão diferente da pessoa, de Deus e do mundo em geral. Serão expostos aqui alguns desses elementos propriamente cristãos que permitem uma aproximação entre fé e cultura: o resgate do conceito cristão de *pessoa*, a *centralidade* em Jesus Cristo e o *diálogo* entre fé e razão.

que el hombre necesita.” (RATZINGER. Joseph, *Fe, verdad y tolerancia: el cristianismo y las religiones del mundo*. Salamanca: Sigueme, 2005. p. 68).

2.3.1 O resgate do conceito cristão de pessoa

Diante do individualismo vivido na atualidade, o Cardeal Ratzinger retoma e aprofunda o conceito de pessoa, como premissa para dialogar com o atual contexto e suas correntes de pensamento. Conforme Pablo Blanco:

A instância pessoal constitui, na opinião de Ratzinger, uma proposta de origem cristã e, mais especificamente, da doutrina da Trindade e das duas naturezas de Cristo. A partir desta nova realidade revelada ("Deus é uma pessoa", Ratzinger escreverá, Trindade de pessoas), dará lugar ao desenvolvimento teológico e antropológico em uma chave personalista.³¹

No livro *Dogma e anúncio*,³² o Cardeal Ratzinger apresenta um capítulo em que aprofunda a noção de pessoa na Teologia. O cardeal retoma a origem do conceito de pessoa utilizado na Antiguidade para se referir à "máscara", ao papel, que os atores interpretavam, ou seja, aos papéis de diálogo que davam vida às poesias e narrativas clássicas. Com o tempo essa palavra passou a ser incorporada como conceito cristão, ampliando seu sentido.

Escreveu o Cardeal Ratzinger:

São Justino diz que os papéis de diálogos introduzidos pelos profetas não representam apenas artificios literários. O "papel" existe de fato, ele é *prósopon*, o rosto, a pessoa do *Logos* que também aqui realmente fala no diálogo com o profeta. O artifício literário de fazer aparecer papéis que com seu diálogo dão vida à representação descobre ao teólogo aquele que aqui faz o papel propriamente dito, o *Logos*, o *prósopon*, a pessoa do Verbo que não é mais só papel, mas pessoa.³³

A compreensão do conceito de pessoa, a partir de uma aproximação com a Sagrada Escritura, leva, assim, a uma compreensão de Cristo, o Verbo Encarnado, de duas naturezas e uma só pessoa,³⁴ e se amplia para o conceito cristão de Trindade. O Cardeal Ratzinger salienta

³¹ "La instancia personal constituye, a juicio de Ratzinger, una propuesta de origen cristiano y, más en concreto, a partir de la doctrina sobre la Trinidad y las dos naturalezas de Cristo. A partir de esta nueva realidad revelada («Dios es persona», escribirá Ratzinger, Trinidad de personas), tendrá lugar un desarrollo teológico y antropológico en clave personalista." BLANCO Pablo. El pensamiento teológico de Joseph Ratzinger. Scripta Theologica, Navarra, Facultad de Teología. V. 44, (p. 284.) 2012. Disponível em:

<<http://dadun.unav.edu/bitstream/10171/38983/1/201506%20STh%2044.2%20%282012%29%20-%201.pdf>>

Acesso em: 27 out. 2018.

³² RATZINGER, Joseph. *Dogma e anúncio*. São Paulo: Loyola, 2005. p. 177.

³³ RATZINGER, Joseph. *Dogma e Anúncio*. São Paulo: Loyola, 2005. p.180.

³⁴ Cf, definido no Concílio de Constantinopla em 381 d.C. (SESBOÛÉ, Bernard, SJ. O Deus da Salvação (séc. I-III). 3.ed. São Paulo: Loyola, 2015.

dois pontos: “Primeiro, o conceito de ‘pessoa’ se originou do trato com a Escritura como exigência de sua explicação. É um produto da lida com a Bíblia”.³⁵ Dessa forma, é possível dizer que o próprio conceito de dignidade humana nasce do conceito cristão de pessoa, que é de fundamentação bíblica. E, num segundo aspecto, o cardeal salienta o caráter dialógico do conceito de pessoa: “ele se originou da ideia de diálogo, ou da explicação do fenômeno de Deus que fala em diálogo. Mais uma vez, com outras palavras: a Bíblia, com o seu fenômeno do Deus que está em diálogo provocou o conceito de pessoa ”.³⁶

A partir dessa perspectiva, o ser pessoa, em sua plenitude, significa viver, estar em relação. Essa noção de ser pessoa como ser relacional vai contra qualquer forma de individualismo. O próprio Deus não é um ser isolado, alheio ao mundo: mas é um Deus Trino, um Deus Comunhão e, mais ainda, um Deus que não se fecha na Trindade, mas se dá e vem ao encontro do ser humano, tornando-se pessoa humana como as outras criaturas.

Se Deus é um ser de relação, e a pessoa é sua imagem e semelhança, também o ser humano deveria viver a atitude de abertura e, portanto, desejoso de viver a comunhão. Qualquer forma de individualismo, seja entre o eu e outro eu, ou entre eu e meu grupo, ou até mesmo, uma tentativa de relação isolada entre eu e Deus foge ao princípio de diálogo com que Deus se apresenta, como Deus Trindade que age na história humana.

Do ponto de vista da cristologia, Ratzinger amplia ainda mais o conceito de pessoa:

A Cristologia ainda tem outra significação para a compreensão do conceito de pessoa no sentido teológico. Ele acrescenta à ideia do eu e do tu aquela do nós, pois Cristo, ao qual a Escritura chama de o último Adão, isto é, o homem definitivo, aparece nos testemunhos da fé como o espaço englobante no qual se reúne o nós dos homens rumo ao Pai. Ele não é só o modelo ao qual se segue, mas o espaço envolvente no qual o nós dos homens se reúne rumo ao tu de Deus.³⁷

Essa reflexão proposta pelo Cardeal Ratzinger é algo que precisaria ser melhor entendido, mas numa primeira análise, aplicando esse conceito de *pessoa* para a prática cristã, se questiona e se subverte o atual modelo de vida pautado pelo individualismo consumista, em que cada pessoa precisa fechar-se ao *outro*, para se promover ou assegurar seus bens, sua imagem, seu modo de pensar numa cadeia egoísta que não dá espaço para o *outro*.

³⁵ RATZINGER, Joseph. Dogma e anúncio. São Paulo: Loyola, 2005. p.181.

³⁶ RATZINGER, Joseph. Dogma e anúncio. São Paulo: Loyola, 2005. p.181.

³⁷ RATZINGER, Joseph. Dogma e anúncio. São Paulo: Loyola, 2005. p.190.

Em outro de seus escritos, o Cardeal Ratzinger reforça a ideia de que Deus criou a pessoa para a relação, condição básica à verdadeira felicidade humana.

Nesse cenário:

o ser humano foi criado com uma tendência primária orientada para o amor, orientada para o relacionamento com o outro. Não é um ser autossuficiente, fechado em si mesmo, uma ilha na existência, mas, por sua natureza, é relacionamento. Sem essa relação, em ausência de relacionamento, destruir-se-ia. E precisamente essa estrutura fundamental é um reflexo de Deus. Porque Deus em sua natureza também é relacionamento, segundo nos ensina a fé na Trindade. Então, a relação da pessoa é, em primeiro lugar, interpessoal, mas também foi configurada como um relacionamento para o Infinito, para a Verdade, para o Amor.³⁸ (Tradução nossa)

Não é por acaso que Jesus resumiu todo o seu ensino num único mandamento: “Ame o Senhor, seu Deus, com todo o seu coração, com toda a sua alma, com toda a sua força e com toda a sua mente; e ao seu próximo como a si mesmo.”³⁹ Aí se encontra a síntese do ser cristão e, portanto, a base do Cristianismo se condensa na vivência do amor, e o amor só existe na relação. Tendo ainda como referência a pessoa de Jesus Cristo, ele ensinou os seus discípulos a chamarem Deus de Pai. Ao fazer isso Jesus aproxima Deus para um vínculo de relação muito próxima, uma relação filial, e, ao mesmo tempo, fraternal para com as outras pessoas. Diz ainda o Cardeal Ratzinger: “Tornar-se cristão é dizer pai junto com ele (Jesus) e, portanto, tornar-se filho de Deus, na unidade do Espírito que nos faz ser nós mesmos e, portanto, nos relaciona com a unidade de Deus.”⁴⁰

Talvez mais do que pensar em indivíduo de direitos, seria necessário pensar, hoje, em pessoa à imagem e semelhança de Deus. Essa mudança de perspectiva, vai além de uma questão de linguagem, mas é um olhar humanizado sobre cada ser, que se sabe, não é um indivíduo qualquer, mas um filho de Deus, portanto, membro da grande fraternidade humana confirmada por Jesus Cristo. Nesta dinâmica, cada ser humano é visto em sua integralidade e dignidade, amado e sonhado por Deus. O que o Cardeal Ratzinger coloca, nesse sentido, não é uma nova

³⁸ “El ser humano ha sido creado con una tendencia primaria hacia el amor, hacia la relación con el otro. No es un ser autárquico, cerrado en sí mismo, una isla en la existencia, sino, por su naturaleza, es relación. Sin esa relación, en ausencia de relación, se destruiría a sí mismo. Y precisamente esta estructura fundamental es reflejo de Dios. Porque Dios en su naturaleza también es relación, según nos enseña la fe en la Trinidad. Así pues, la relación de la persona es, en primer lugar, interpersonal, pero también ha sido configurada como una relación hacia lo Infinito, hacia la Verdad, hacia el Amor.” (RATZINGER, Joseph. *Dios y el mundo*, Barcelona: Mondadori, 2005. p. 104.)

³⁹ BÍBLIA. Português. Apresentação. In: Bíblia Sagrada: Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1990. Disponível em: <http://www.paulus.com.br/biblia-pastoral/_PWQ.HTM>. Acesso em: 16 out. 2018

⁴⁰ “Hacerse cristiano equivale a decir padre juntamente con él, y por consiguiente a hacerse hijo de Dios, en la unidad del Espíritu que nos hace ser nosotros mismos y nos relaciona de ese modo con la unidad de Dios.” (RATZINGER, Joseph. *El Dios de Jesucristo. Meditaciones sobre Dios Uno y trino*. Salamanca: Sígueme, 1979. p.35.)

teoria a ser estudada, mas um voltar-se à essência do cristianismo, uma conversão de pensamento, atitude e sentimento em conformidade com o que Cristo pregou e viveu entre nós.

2.3.2 A centralidade de Cristo

Se o mundo relativista de hoje impossibilita que o ser humano tenha pontos fixos, parâmetros ou verdades as quais deve seguir, o cristianismo caminha na contramão, porque para os cristãos, há uma Verdade, um Caminho, que é Vida: “A essência do cristianismo é Cristo, não uma doutrina, mas uma pessoa, e evangelizar significa orientar sobre a amizade com Cristo na comunhão de amor com o Senhor, que é a verdadeira luz de nossa vida.”⁴¹

Os Evangelhos são ricos nas imagens que definem Cristo, especialmente quando o colocam como “Luz do Mundo”⁴², ou seja, Cristo é o modelo, a orientação, a regra fundamental que deve nortear a vida do cristão.

Tomando a ideia da teoria de Copérnico sobre a visão de mundo, o Cardeal Ratzinger salienta que amar cristãmente e viver conforme o seguimento de Jesus Cristo, exige de cada um fazer a revolução copernicana. Para ele, o ser humano tem a tendência natural de se colocar no centro do mundo, como se tudo girasse em torno dele, e, de certa forma, fisicamente, isso não deixa de ser certo, pois o mundo e as pessoas só podem ser vistos e sentidos a partir de si.

É aqui que entra o desafio e ao mesmo tempo a beleza do ser cristão:

Ser cristão é algo muito mais simples e, no entanto, muito mais revolucionário. É fazer com que a revolução copernicana aconteça, deixando de nos considerarmos o ponto central do universo, em torno do qual devem girar os outros, porque nós começamos a reconhecer com toda a seriedade que somos apenas uma das muitas criaturas de Deus que se movem em torno dele, que é o verdadeiro centro.⁴³

Esse verdadeiro centro, a “Luz do Mundo”, pode ser identificado com clareza, porque Cristo é o Verdadeiro Deus e Verdadeiro Homem.⁴⁴ Essa verdade não é uma ideia abstrata, é real, é o Deus encarnado, que se revela como homem, portanto, pode ser compreendido, em seu

⁴¹ RATZINGER. Joseph, *Ser cristão na era neopagã: Discursos e Homilias* (2000-2004). Campinas: Ecclesiae, 2015. p. 114.

⁴² BÍBLIA DE JERUSALÉM Jo 8,12.

⁴³ Ser cristiano es algo mucho más simple y, sin embargo, mucho más revolucionario. Es realizar la revolución copernicana, dejando de considerarnos el punto céntrico del universo, en torno al cual deben girar los otros, porque comenzamos a reconocer con toda seriedad que sólo somos una de las muchas criaturas de Dios que se mueven alrededor de él, que es el verdadero centro.” (RATZINGER. Joseph, *Ser cristiano*. Salamanca: Sígueme, 1967. p. 44-45.)

⁴⁴ Cf. definido no Concílio de Constantinopla, em 381 d.C. (SESBOÜÉ, Bernard, SJ. *O Deus da Salvação* (séc.I-III). 3. ed. São Paulo. Loyola, 2015.

mistério, como o caminho a ser seguido. “A figura e obra de Jesus Cristo e sua relação com o mistério de Deus, têm uma centralidade objetiva e fundamental, e possuem uma riqueza inesgotável para a fé cristã e para a reflexão teológica de qualquer época.”⁴⁵ E é uma riqueza, inclusive, para o homem de hoje, em suas angústias e alegrias, dúvidas e certezas.

Se, por um lado, o homem de hoje deseja liberdade para fazer suas escolhas, para pensar segundo seus próprios pensamentos, para ser o parâmetro para si próprio, é certo que, muitas vezes, essa liberdade acaba se tornando um grande vazio, fonte de tristeza e insegurança, ou, como diria Sartre, o homem “é condenado à própria liberdade”,⁴⁶ que mais do que alegria gera perplexidade e falta de direção. Diante disso, a liberdade cristã tem uma palavra a ser dita: Cristo é a Palavra que conduz à verdadeira liberdade e ao verdadeiro amor, o único que traz uma alegria capaz de preencher o vazio interior. Isso, justamente, porque liberta o homem de si mesmo e o lança para fora de si, de modo que o egoísmo e o individualismo, a que tende, dão lugar ao encontro, à relação com o outro e com o “Totalmente Outro”.

Colhe-se do autor a seguinte passagem:

Essa filosofia da liberdade e do amor é também, ao mesmo tempo, a filosofia da conversão, do sair de si, da transformação; e é também a filosofia da comunidade e da história, de uma história verdadeiramente livre. O homem encontra seu centro de gravidade não dentro, mas fora de si mesmo. Tem, de certa forma, o lugar onde é livre não em si, mas fora de si mesmo. Desta forma, o descanso inexplicável é explicado, a natureza fragmentária de todos os seus esforços para compreender a unidade da história e da natureza é explicada. A tensão entre ontologia e história tem seu fundamento último na tensão da própria essência humana, que deve estar fora de si mesma para ser em si mesma; tem seu fundamento no mistério de Deus, um mistério que é liberdade e que, portanto, chama cada um pelo nome, um nome que os outros desconhecem. Assim, no especial, o todo se lhe é transferido.⁴⁷

Essa liberdade não é vazia, por que tem uma direção para a qual aponta e o caminho percorrido, nessa direção, é fonte de múltiplas alegrias que o seguimento de Cristo proporciona. É diferente da liberdade individualista, à qual muitas pessoas se veem condenadas e que leva

⁴⁵ RATZINGER, Joseph. *El misterio del Hijo de Dios: Declaración y comentarios*. 2ª ed. Madrid: Palabra, 1992. p. 15.

⁴⁶ SARTRE, J. P. *O existencialismo é um humanismo*. Trad. de Vergílio Ferreira. São Paulo: Abril, 1973. p. 15

⁴⁷ “Esta filosofía de la libertad y del amor es también, al mismo tiempo, filosofía de la conversión, del salir de sí, de la transformación; y es con ello también filosofía de la comunidad y de la historia, de una historia verdaderamente libre. El hombre encuentra su centro de gravedad no dentro sino fuera de sí mismo. Tiene, en cierto modo, el lugar en que es libre no en sí, sino fuera de sí. De este modo se explica aquel resto siempre inexplicado, se explica lo fragmentario de todos sus esfuerzos por llegar a comprender la unidad de historia y naturaleza. La tensión entre ontología e historia tiene su fundamento último en la tensión de la esencia humana misma, que debe estar fuera de sí para poder estar en sí; tiene su fundamento en el misterio de Dios, un misterio que es libertad y que, por tanto, llama a cada uno por su nombre, un nombre que los demás no conocen. Así, en lo especial, se le transfiere el todo.” (RATZINGER. Joseph, *Teoría de los Principios teológicos*. Barcelona: Herder, 1985. p. 203-204.)

ao desespero de não saber para onde ir ou, ainda, ao desespero de não encontrar um sentido nas escolhas realizadas e nas conquistas adquiridas na vida.

Só a pessoa realmente livre consegue voltar-se ao outro. Enquanto, o ser humano está preso nos próprios caprichos e desejos, sobre a ideologia do consumismo e do hedonismo, todos seus esforços voltam-se a si próprio. Em contrapartida, quando o ser humano se encontra com Cristo e consegue realizar a “Revolução Copernicana”, conforme indica Ratzinger, nesse momento, consegue ir ao encontro do *outro* e viver a experiência do amor e da fraternidade. Quando vive o amor, é capaz de se sentir comunidade e de, realmente, se importar com a realidade a ponto de querer transformá-la. Quando a pessoa faz essa experiência, a caridade não é um simples voluntarismo, mas uma opção de vida em favor dos mais pobres, uma busca de viver as Bem-Aventuranças de Cristo:

Resta evidente que:

O amor de Cristo é o amor pelos pobres, pelas pessoas que sofrem. Sabemos muito bem, como os nossos Papas se comprometeram vigorosamente contra a injustiça, em prol dos direitos dos oprimidos, das pessoas sem poder: o amor de Cristo não é algo individualista, exclusivamente espiritual, mas refere-se também à carne, diz respeito ao mundo e deve transformar o mundo.⁴⁸

Voltando o olhar à história do cristianismo, é possível verificar um número imenso de santos declarados e santos anônimos que viveram a caridade evangélica, que lutaram e, muitas vezes, foram martirizados devido às ações realizadas em favor dos mais empobrecidos, mas isso é o resultado de um encontro profundo com a pessoa de Jesus Cristo. A centralidade de Cristo gera comunhão com a Igreja e vivência da fraternidade e caridade para com aqueles que mais sofrem. O encontro com a Palavra de Deus muda a perspectiva de mundo, não como passagem de um campo teórico para outro, mas como vida que é tocada no mais profundo de si, de modo que a própria vida passa a ser conduzida por uma referência absoluta que determina a conduta pessoal e as escolhas a serem feitas.

Isso é tão importante que, mesmo diante das situações mais difíceis, de grandes sacrifícios, os cristãos de todos os tempos conseguiram manter a alegria do seguimento de Jesus. Viver a Palavra de Deus não é um pietismo romântico, como algumas tendências atuais querem fazer parecer, porque exige convicção e uma forte capacidade de colocar Cristo como centro da própria vida. O Cardeal Ratzinger lança luzes sobre o assunto:

⁴⁸ RATZINGER, Joseph. *Ser cristão na era neopagã: Discursos e Homilias (2000-2004)*. Campinas: Ecclesiae, 2015. p. 114-115. v.2.

A cabeça (da Igreja) é Cristo. Esse é o conteúdo mais profundo, a essência íntima do sacramento que, para além de todas as pesquisas de opinião pública, deve ser representado, e sem o qual a Igreja e a humanidade seriam só um cadáver. A sua Palavra não foi banal, gentil, simpática, como quer nos fazer crer um falso romantismo sobre Jesus. Ela foi áspera e cortante, como o amor verdadeiro, que não se separa da Verdade. Por isso, o preço foi a cruz. A sua palavra perturbava a opinião pública de todos os tempos, e é assim ainda hoje.⁴⁹

Talvez essa perturbação que a Palavra de Deus causa seja ainda tão grande, que muitos preferem manter-se longe dela, seguindo seus próprios anseios e desejos. Se o mundo prega a popularidade, a vivência do espetacular, do sucesso, da riqueza e da aparência, o seguimento de Jesus leva a carregar a cruz, a sair de si e a ter como parâmetro a vida de Cristo que deve ser imitada. O relativismo atual não é compatível com o modo de vida cristão; assim, a atitude de conversão cristã é uma necessidade muito exigente. A conversão no sentido de sair do mundo sufocante do próprio *eu*, que dita as regras da própria vida, para ir em direção à centralidade de Cristo. É uma conversão em direção à cruz, mas também em direção ao amor:

Fica claro que:

seguir a Cristo significa aceitar a essência interna da cruz: o amor radical que se exprime nela, imitando assim a Deus que se revelou na cruz como aquele que se consome a si mesmo, que renuncia à sua glória, para existir por nós; que não quer governar o mundo pelo poder, mas por amor, revelando na impotência da cruz o seu poder que procede de modo tão diverso do proceder dos poderosos deste mundo. Portanto, seguir a Cristo significa amar como Deus amou.⁵⁰

Não há dúvida de que o seguimento de Cristo traz consigo o carregar a cruz, mas, por outro lado, traz a certeza da vivência de amor mais profunda, que ultrapassa todas as dificuldades e todos os desafios. É seguindo os passos de Jesus que o ser humano pode mergulhar no amor de Deus e no amor pela humanidade.

2.3.3 O diálogo entre fé e razão

Um dos aspectos de que a Teologia atual não pode abrir mão é do aprofundamento e da promoção do diálogo entre fé e razão. Se, por um lado, esse é um dos grandes desafios para

⁴⁹ RATZINGER, Joseph. *Ser cristão na era neopagã: discursos e homilias* (1986-1999). Campinas: Ecclesiae, 2014. p. 84. vol.1

⁵⁰ RATZINGER, Joseph. *Dogma e Anúncio*. São Paulo: Loyola, 2005. p. 126-127.

o cristianismo de hoje, por outro, é uma oportunidade única de repensar a fé de modo que seja compreensível para o homem, em termos de conceitos, imagens, linguagem e busca pela verdade. A fé pensada e compreendida dessa forma, pode, certamente, ser melhor vivida e trazida à realidade na qual cada pessoa está inserida.

O Cardeal Ratzinger tem esse ideal de diálogo muito claro. Para ele o saber científico deve conduzir à sabedoria e não se fechar em torno das próprias especificidades:

O meu ideal sempre foi a cientificidade estrita: método claro e documentação cuidadosa, e com isso a presença no debate científico. Continuo a considerar importantes estes elementos. Mas disso nasce uma outra tarefa, que é chegar à “sabedoria” através da “ciência”, ou seja, passar do particular à visão geral e transmiti-la de modo compreensível além do muro das especializações. Se não damos esse passo, a especialização também perde os significados.⁵¹

É a partir dessa linha de pensamento que muitos de seus escritos provocam o debate sobre essa relação de crescimento que deve haver entre o mundo da fé, da razão e do progresso científico e tecnológico que dela resultam, não como elementos isolados, mas como dimensões interdependentes.

Um exemplo são os questionamentos referentes à Criação que ele faz:

Creio que a fé na criação e a sua compreensão correta é um problema de importância fundamental, por que se Deus não tem um relacionamento real com o mundo, se o mundo não está plenamente inserido no projeto de Deus, a fé perde os seus fundamentos e se dissolve nas esferas do sentimento vago. Nesse contexto, será necessário viver de maneira nova também o diálogo entre ciência e fé, que nos últimos anos parece um tanto atormentado. A isso se liga a questão dos fundamentos da teologia moral: tudo é evolução e história, ou existe uma identidade humana que vem da criação? Nesse campo, é preciso abordar novamente de forma decisiva o diálogo entre fé e filosofia.⁵²

Ratzinger busca, na origem do cristianismo e nos escritos bíblicos, elementos que permitem o diálogo entre fé e razão, de modo que, ao buscar a verdade, a fé cristã se coloca ao lado e não oposta à razão e à ciência.

A relação, com efeito, entre fé e razão é uma opção originária da fé cristã, claramente formulada já na literatura profética e sapiencial do Antigo Testamento e, em seguida, retomada resolutamente pelo Novo Testamento. A pretensão, em oposição à religião mítica e política, de ser uma fé em relação com a verdade e, por isso, responsável para

⁵¹ RATZINGER, Joseph. *Ser cristão na era neopagã: entrevistas (1986-2003)*. Campinas: Ecclesiae, 2016, p. 108. v.3.

⁵² RATZINGER, Joseph. *Ser cristão na era neopagã: entrevistas (1986-2003)*. Campinas: Ecclesiae, 2016, p. 107. v.3

com a razão, pertence à auto definição essencial da herança bíblica, herança que precedeu a missão e as teologias cristãs, que – melhor ainda – tornou-as possível.⁵³

Buscando as raízes bíblicas, Ratzinger fala de Deus como sendo a Razão Criadora, ou seja, aquele que se manifesta através da razão e não do irracional. Essa é uma visão importante, porque, ao conceber Deus como Razão Criadora, rompe com uma ideia errônea de que para Deus se manifestar precisa quebrar as leis que regem o Universo, como se fosse uma ação irracional. Esse é um ponto fundamental que abre as janelas ao diálogo com o mundo científico.

Outro ponto abordado por Ratzinger, que parte de uma fundamentação bíblica, é a compreensão da Encarnação Divina do *Logos*. Segundo o estudioso Assunção, a ideia do *Logos* é fundamental para compreender o pensamento de Ratzinger:

O fundamento de toda a abordagem ratzingeriana acerca do problema está na plena convicção de que no centro da fé cristã está precisamente o conceito de Logos que além dos significados de razão, sentido, significa palavra, que na teologia ratzingeriana também pode ser expressa com maiúscula: o Logos é Deus; que afiança a racionalidade do mundo.⁵⁴

Em vários de seus livros, é abordada a questão do *Logos*, sendo um ponto-chave ao diálogo entre fé e cultura. No prólogo de João, fica muito clara essa ideia do Logos, quando Ratzinger retoma a Criação apresentada no Antigo Testamento.

Destaca o autor que:

o início do Evangelho de João, que retoma e aprofunda a narrativa da criação do Antigo Testamento, é e sempre será uma afirmação fundamental da fé: no princípio era o Logos, a razão criadora, a energia do conhecimento divino, que dá significado às coisas. Só a partir desse ponto de vista podemos compreender corretamente o mistério de Cristo, no qual a razão é também amor. A fé diz que tudo o que existe é racional na sua origem, porque provém da razão criadora de Deus.⁵⁵

A razão criadora para o Cardeal Ratzinger diz respeito à origem de todas as coisas; trata da sabedoria escondida no mistério do Universo sendo, assim, a própria ação divina. Vista dessa forma, a razão é também amor, porque provém de Deus e faz parte da própria essência de Deus, que é o *Logos*, a Palavra Criadora e Palavra Encarnada. Tendo como princípio essa

⁵³ RATZINGER, Joseph. *Ser cristão na era neopagã: discursos e homilias* (2000-2004). Campinas: Ecclesiae, 2015, p. 35-36. v.2

⁵⁴ ASSUNÇÃO, Rudy A. Bento XVI, a Igreja Católica e o Espírito da Modernidade. Campinas: Ecclesiae, 2018. p. 194.

⁵⁵ RATZINGER, Joseph. *Ser cristão na era neopagã: discursos e homilias* (1986-1999). Campinas: Ecclesiae, 2014, p. 50. v.1.

compreensão da razão, ela deixa de ser algo meramente instrumental ou fruto da inteligência humana, mas é algo maior, parte da ação de Deus Criador.

A razão criadora, que cria a racionalidade objetiva das coisas, a sua matemática escondida e a sua ordem íntima, é ao mesmo tempo razão moral, amor. O homem é chamado a reconhecer os traços dessa razão e assim desenvolver as coisas conforme a sua natureza. O senhorio é serviço e a sua liberdade é ligação com uma verdade íntima das coisas; é uma abertura por amor que o faz semelhante a Deus.⁵⁶

Se a razão é compreendida como a matemática escondida, aquilo tudo que o homem vai descobrindo através do progresso científico e tecnológico não é causa de um mérito próprio, como se isso desse ao ser humano o poder de manipular a vida, os seres e o universo, enfim, mas é sinal do amor de Deus que fez o homem à sua imagem e semelhança, capaz de compreender e decodificar essa matemática escondida. “Longe de ser contra a razão, o mistério salva e defende da racionalidade do ser e do homem,”⁵⁷ por que, quando o homem tenta manipular em favor próprio, as descobertas e as ciências pode, muitas vezes, agir contra a própria criação.

Na verdade, sempre que a fé se desvincula da razão, tende-se a chegar aos extremos de uma ou de outra. Como diz o Cardeal Ratzinger, chega-se ao nível patológico da razão e da fé. Por exemplo, em relação à ciência:

Explica ele:

Quando pensamos em projetos científicos que implicam em um menosprezo do homem, como a clonagem de seres humanos, a produção de fetos, isto é, de seres humanos, a fim de aproveitar os órgãos para a produção de produtos farmacêuticos ou para sua utilização econômica; ou, igualmente, quando nos lembramos da instrumentalização da ciência para a produção de meios cada vez mais horríveis de destruição do homem e do mundo, então é bem sabido que há também uma ciência que se tornou patológica. A ciência torna-se patológica e perigosa para a vida quando se destaca da conexão com a ordem moral do ser humano e, com um sentido autônomo, apenas reconhece suas próprias possibilidades como a única norma admissível para ela.⁵⁸

⁵⁶ RATZINGER, Joseph. *Ser cristão na era neopagã: discursos e Homilias* (1986-1999). Campinas: Ecclesiae, 2014. p. 51. v.1

⁵⁷ RATZINGER, Joseph. *Ser cristão na era neopagã: discursos e Homilias* (1986-1999). Campinas: Ecclesiae, 2014. p. 52. v.1

⁵⁸ “Cuando pensamos en proyectos científicos que suponen un menosprecio del hombre, como la clonación de seres humanos, la producción de fetos -es decir, de seres humanos-, con el fin de aprovechar los órganos para la elaboración de productos farmacéuticos o también para su utilización económica; o, igualmente, cuando recordamos la instrumentalización de la ciencia para la producción de medios cada vez más horribles de destrucción del hombre y del mundo, entonces es notorio que existe también una ciencia que ha llegado a ser patológica. La ciencia llega a ser patológica y peligrosa para la vida cuando se desliga de la conexión con el orden moral del ser del hombre y, con sentido autónomo, sólo reconoce sus propias posibilidades como la única norma admisible para ella.” (RATZINGER, Joseph. *Fe, verdad y tolerancia: el cristianismo y las religiones del mundo*. Salamanca: Sigueme, 2005. p. 139.)

No mesmo texto citado,⁵⁹ o cardeal lembra também das catástrofes naturais que deveriam servir de aviso ao homem de hoje sobre como ele vem utilizando sua racionalidade de forma abusiva, ou melhor dizendo, não a utiliza de forma plena, porque deixa de ouvir o seu interior. Deixa de escutar a voz que, no íntimo, lhe fala para ouvir apenas o próprio eu, a lógica interna é dissociada de uma busca real pela verdade.

Esse aspecto da racionalidade humana é importante em relação à fé, pois, quando essa perde seu aspecto racional, cai no fundamentalismo, no subjetivismo alienante, fechado em torno das próprias verdades, torna o ser humano incapaz de dialogar com o mundo. Esse é o outro risco da falta de diálogo, ou seja, cair no romantismo de um passado que não existe mais, mas que é venerado como um mundo ideal. Querer distanciar-se do mundo atual, de suas descobertas tecnológico-científicas é uma atitude irracional e de fuga do mundo.

Aqui pode ser encontrado, talvez, o maior desafio do mundo de hoje: Como viver o cristianismo no atual contexto cultural? Sem querer trazer de volta um passado que não existe mais, mas se inserir numa cultura que também não é neutra. Junto com o “maravilhoso mundo das comunicações,”⁶⁰ das grandes descobertas científicas, da ramificação e do aprofundamento dos diferentes saberes, existem interesses pessoais e de grupos dominantes que se difundem e que, na maioria das vezes, não são orientados para o bem comum. Trazer para essa realidade a dimensão da fé exige uma grande abertura de mente e de coração.

É somente a partir da centralidade de Cristo e de uma visão integral da pessoa que será possível concretizar uma nova evangelização, capaz de dialogar com a cultura, com nova síntese entre fé e vida. Quando o ser humano consegue reconhecer-se criatura, sair do centro e deixar que Deus seja o Absoluto em sua vida, então, ele consegue ter parâmetros para fazer suas escolhas e discernir o que é importante, válido, bom e digno de ser vivido e o que pode ser descartado e deixado de lado. Num mundo tão cheio de informações, tecnologias, possibilidades é urgente trazer a fé para a vida concreta.

De acordo com Ratzinger,

uma nova evangelização deveria antes de mais nada deixar-se inflamar pelo encontro com Cristo de São Paulo. A possibilidade de libertar-se de condicionamentos culturais e “paradigmas” de uma época, de maneira frutuosa e positiva, e inaugurar um novo

⁵⁹ RATZINGER, Joseph. *Fe, Verdad y Tolerancia: El cristianismo y las religiones del mundo*. Salamanca: Sigueme, 2005. p. 140.

⁶⁰ PIO XII. *Carta Encíclica Miranda Prorsus*, de 7 de setembro de 1957. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_08091957_miranda-prorsus.html>. Acesso em: 27 jul. 2018.

encontro cultural com a deculturação, depende desta experiência central: devo encontrar Deus em Cristo de modo tão vivo que possa “considerar como pó” a minha origem cultural, tudo o que era importante para mim na minha história. Nenhum esforço intelectual, por mais sutil que seja, pode dar vida a novas formas culturais de cristianismo, elas não nascem da força libertadora do encontro com ele, à luz do qual se manifesta o que é “pó” e o que é “pérola” pela qual vale a pena vender tudo.⁶¹

O mundo do progresso científico e tecnológico proporciona ao homem possibilidades inimagináveis de melhorar as condições de vida, de trazer maior conforto e humanidade, de saber utilizar-se disso tudo com sabedoria, olhando àqueles que estão ao redor de si e pensando no bem comum de toda a criação só será possível se partir do ponto de vista da razão – amor. De uma razão que é amor e, portanto, se transforma em sabedoria de vida. Essa é a visão do Cardeal Ratzinger que, em todos os seus escritos sobre o tema, busca um diálogo aberto e fecundo entre fé e razão.

⁶¹ RATZINGER, Joseph. *Ser cristão na era neopagã: discursos e homilias* (1986-1999). Campinas: Ecclesiae, 2014. p. 130.

3. A RELAÇÃO FÉ E CULTURA NOS ESCRITOS DE BENTO XVI

O Papa Bento XVI dedicou grande parte de seus escritos pontifícios à questão da fé. Vendo-a como uma questão fundamental, decretou a vivência do “Ano da Fé” pela Igreja em consonância com o sínodo sobre a “Nova Evangelização e a Transmissão da Fé” realizado em 2012. Suas homilias, discursos e cartas retratam a preocupação da Igreja, que é também a sua, de como falar de Deus hoje, nesse contexto, sem perder a essencialidade do Evangelho, mas, ao mesmo tempo, falando de uma forma significativa e eficaz para o mundo atual.

Será interessante retomar os conceitos de fé e cultura apresentados pelo Papa Bento XVI, confrontados com os escritos do então Cardeal Ratzinger, de modo que seja possível perceber as mudanças, o aprofundamento ou a sequência do pensamento que já vinha desenvolvendo como teólogo.

3.1 A RELAÇÃO ENTRE FÉ E CULTURA

Para compreender a relação existente entre fé e cultura para Bento XVI é preciso ter clareza do que ele está falando quando se refere a estes termos. Os conceitos são essenciais para compreender sua visão de mundo e as relações que decorrem destes.

Numa de suas audiências, o Papa assim descreve o ato de fé:

É a resposta do homem à Revelação de Deus, que se faz conhecer, que manifesta o seu desígnio de benevolência; é, para utilizar uma expressão agostiniana, deixar-se conquistar pela Verdade que é Deus, uma Verdade que é Amor. Portanto, existe um vínculo entre o estar e o compreender, que expressa bem o modo como a fé é um acolher na própria vida a visão de Deus sobre a realidade, deixar que seja Deus a orientar-nos com a sua Palavra e os seus Sacramentos para compreendermos o que devemos realizar, qual é o caminho que devemos percorrer, como havemos de viver. Mas ao mesmo tempo, é precisamente o compreender em conformidade com Deus, o ver com os seus olhos, que torna a nossa vida estável, que nos permite «permanecer de pé» e não cair.⁶²

⁶² BENTO XVI. *Audiência Geral* na Sala Paulo VI, em 5 de dezembro de 2012. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2012/documents/hf_ben-xvi_aud_20121205.html>. Acesso em: 31 mai. 2018.

É interessante observar que o Papa parte da ideia de fé, enquanto relação, quando diz que a fé é uma resposta do homem à Revelação de Deus, pressupõe que exista uma relação, um ato comunicativo que parte de Deus e que ecoa no ser humano, provocando uma resposta, que só pode ser dada no amor, por que Deus é amor. Para acolher na própria vida a visão de Deus sobre a realidade, necessariamente é preciso uma relação de proximidade, de intimidade para que o homem possa perceber e acolher este desejo de Deus.

Nesta perspectiva a fé vai além de uma compreensão racional ou intelectual, passa por uma relação íntima de eu e tu, que gera uma entrega confiante, capaz de superar toda especulação meramente científica.

Em outro discurso, o Papa Bento XVI ressalta que a fé:

é um entregar-se confiante a um “Tu”, que é Deus, o qual me confere uma certeza diversa, mas não menos sólida do que aquela que me deriva do cálculo exato ou da ciência. A fé não é simples assentimento intelectual do homem a verdades particulares sobre Deus; é um gesto mediante o qual me confio livremente a um Deus que é Pai e que me ama; é adesão a um «Tu» que me dá esperança e confiança.⁶³

Compreendida dessa forma, a fé não é simplesmente um conjunto de crenças e valores subjetivos como se difunde em muitas realidades, mas é um gesto de confiança plena, resultado de um encontro profundo que enche a vida de significado. É um encontro amoroso que gera conversão e, portanto, adesão pessoal e alegre aos valores evangélicos. As palavras do Papa Bento XVI explicam:

Então, ter fé é encontrar este “Tu”, Deus, que me sustém e me faz a promessa de um amor indestrutível, que não só aspira à eternidade, mas também a concede; é confiar-me a Deus com a atitude da criança, a qual sabe bem que todas as suas dificuldades, todos os seus problemas estão salvaguardados no “tu” da mãe.⁶⁴

A fé, assim compreendida, embora parta de uma relação pessoal com Deus, tem repercussão direta na vida do cristão. O processo de conversão que leva a pessoa a agir de acordo com a vontade de Deus é um fator de humanização fundamental. E, assim, à medida que o homem vai sendo capaz de fortalecer esta relação “eu” e “Tu”, vai também modificando a sua

⁶³ PAPA BENTO XVI. *Audiência Geral* na Praça de São Pedro, em 24 de outubro de 2012. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2012/documents/hf_ben-xvi_aud_20121024.html>. Acesso em: 31 mai. 2018.

⁶⁴ Idem.

relação com os outros seres humanos. É pela fé que Deus vai tendo a possibilidade de atuar na história com as mãos humanas.

A fé cristã, não pode ser compreendida, então, como mero sentimentalismo, êxtase de encontro pessoal, desvinculado da realidade. O encontro com Deus, sempre provoca mudanças, porque muda a ótica pela qual se enxerga a realidade, e seguir Jesus Cristo passa, necessariamente, pela conversão diária e cotidiana.

Em outro de seus discursos, o Papa Bento XVI destaca que:

a fé é encontro com Deus que fala e age na história e que converte a nossa vida diária, transformando a nossa mentalidade, juízos de valor, escolhas e ações concretas. Não é ilusão, fuga da realidade, refúgio cômodo, sentimentalismo, mas é participação de toda a vida e é anúncio do Evangelho, Boa-Nova capaz de libertar o homem todo.⁶⁵

Há, ainda, inúmeras definições do Papa Bento XVI sobre o ato de fé, mas os elementos até aqui mencionados já permitem fazer um paralelo com a questão da cultura. Como se percebe, a fé, na perspectiva aqui apresentada, influencia diretamente a cultura. Num discurso aos bispos da Polônia, Bento XVI retoma o conceito de cultura apresentado pelo seu antecessor João Paulo II, assim se expressando:

Na sede da UNESCO em Paris, João Paulo II disse: “A cultura é um modo específico do ‘existir’ e do ‘ser’ do homem. A cultura é aquilo através do qual o homem enquanto homem se torna cada vez mais homem. O homem, e só o homem, é ‘autor’, ou ‘artífice’ da cultura, exprime-se nela e encontra nela o seu próprio equilíbrio”.⁶⁶

Se a cultura é o modo de o ser humano “ser e existir”, então, a fé influencia e é influenciada pela cultura, de modo que se torna difícil desvincular, ou deixar de lado uma destas duas realidades humanas. Quando João Paulo II fala que “A cultura é aquilo através do qual o homem, como homem, se torna cada vez mais homem”, permite fazer um paralelo direto com a fé, pois essa também deve tornar o “homem cada vez mais homem”. Ou seja, quanto mais próxima a pessoa estiver do olhar de Deus, de cumprir a vontade e o desejo divinos, mais ela

⁶⁵ BENTO XVI. *Audiência Geral* na Sala Paulo VI, em 14 de novembro de 2012. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiencias/2012/documents/hf_ben-xvi_aud_20121114.html>. Acesso em: 31 mai. 2016.

⁶⁶ PAPA BENTO XVI. *Discurso aos Bispos da Conferência Episcopal da Polônia em visita Ad Limina Apostolorum*, em 26 de novembro de 2005. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2005/november/documents/hf_ben_xvi_spe_20051126_adlimina-polonia.html>. Acesso em: 31 mai. 2018.

estará vivendo plenamente sua humanidade, enquanto fraternidade, vista como amor ao próximo, como ensinou Jesus Cristo.

A visão de mundo que procura separar fé e cultura, como secularismo fortemente contrário à religião, torna-se uma ameaça, não somente ao cristianismo, mas ao próprio ser humano. A fé sem a cultura e a razão, certamente será cega, mas o mundo da cultura e da razão, sem a fé, é capaz das piores atrocidades, porque pode perder o sentido de humanidade e fraternidade; como se lê em Bento XVI:

a fé afirma que não há humanidade autêntica, a não ser nos lugares, nos gestos, nos tempos e nas formas como o homem é animado pelo amor que vem de Deus, se expressa como dom, se manifesta em relações ricas de amor, de compaixão, de atenção e de serviço abnegado ao próximo. Onde existe domínio, posse, exploração, mercantilização do outro por egoísmo próprio, onde há arrogância do eu, fechado em si mesmo, o homem torna-se pobre, degradado, desfigurado. A fé cristã, laboriosa na caridade e forte na esperança, não limita mas humaniza a vida, aliás, torna-a plenamente humana.⁶⁷

Essa relação entre fé e cultura é, portanto, fundamental e precisa ser levada em consideração quando se analisa a atual realidade. São dois aspectos inseparáveis e constitutivos do ser humano e a fé não deve ser confinada ao âmbito privado, como um produto que posso escolher, ou, simplesmente, ficar sem ele. A necessidade de uma relação entre essas duas dimensões já estava presente nos escritos de Ratzinger, que aprofunda e retoma fortemente a temática, como Papa Bento XVI. A partir dessa fundamentação básica a partir de seu Magistério, serão analisados alguns aspectos do atual contexto histórico e que refletem essa relação entre fé e cultura.

3.2 FÉ E CULTURA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Seguindo a reflexão já desenvolvida como teólogo, Bento XVI continua a refletir, em seus discursos e homilias pontifícias, sobre o problema da cisão entre fé e cultura que caracteriza a sociedade contemporânea. Isso não representa apenas um problema para a Igreja,

⁶⁷ BENTO XVI. *Audiência Geral*, na Praça de São Pedro, em 17 de outubro de 2012. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2012/documents/hf_ben-xvi_aud_20121017.html>. Acesso em: 31 mai. 2018.

considerando a diminuição do número de fiéis, mas implica a incorporação de um modo de vida que pode se tornar insustentável e perigoso à própria humanidade. Num de seus discursos na Universidade de Milão, ele colocou:

A cultura contemporânea é incline a confinar a religião fora dos espaços da racionalidade: na medida em que as ciências empíricas monopolizam os territórios da razão, não parece haver mais espaço para as razões do crer, e, portanto, a dimensão religiosa é confinada na esfera do opinável e do privado. Sem orientação para a verdade, sem uma atitude de pesquisa humilde e ousada, qualquer cultura se fende, cai no relativismo e se perde no efêmero.⁶⁸

Sempre que o ser humano volta-se a um pensamento unilateral, tende ao fundamentalismo, autoritarismo e intolerância. Essa atitude contemporânea de querer colocar a fé como um elemento privado desvinculado da realidade é problemática não apenas para a esfera cultural-científica que acaba ficando sem elementos consistentes à formação da consciência, como também à própria fé que pode cair num relativismo e individualismo alienantes e desvinculados da realidade, incapaz de agir sobre o mundo concreto em que a pessoa está inserida.

Para o Papa Bento XVI essa dicotomia entre fé e cultura é um dos maiores problemas do mundo contemporâneo, que a Igreja precisa enfrentar.

Ainda no mesmo discurso, ele complementa:

Fé e cultura são grandezas indissolúvelmente relacionadas, manifestação daquele *desiderium naturale videndi Deum* que está presente em cada homem. Quando se interrompe esta união, a humanidade tende a fechar-se e a limitar-se às suas capacidades criativas. Por conseguinte, o saber da fé ilumina a pesquisa do homem, interpreta-a humanizando-a, integra-a em projetos de bem, arrancando-a à tentação do pensamento calculador, que instrumentaliza o saber e faz das descobertas científicas meios de poder e de submissão do homem.⁶⁹

Dessa forma, na base de inúmeros problemas da atual sociedade encontra-se meio que invisível a separação entre fé e cultura. É a partir dessa ótica que será analisado o pensamento de Bento XVI em relação à fé, à cultura, ao relativismo, ao individualismo e ao progresso científico e tecnológico.

⁶⁸ BENTO XVI. *Discurso à comunidade da Universidade Católica do Sagrado Coração de Milão* por ocasião do 90º Aniversário de Fundação, na Sala Paulo VI, em 21 de maio de 2011. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2011/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20110521_sacrocuore>. Acesso em: em 31 mai. 2018.

⁶⁹ Idem.

3.2.1 Fé, cultura e individualismo

O cristianismo parte do princípio de que a pessoa deve ser compreendida como um todo, tanto é assim que se crê na ressurreição da carne,⁷⁰ ou seja, da pessoa em sua totalidade e não de forma fragmentada. Nos escritos de Ratzinger, é utilizada a expressão sociedade neopagã para se referir ao modo atual de vida que vem se instaurando, caracterizado pela forte ênfase no aspecto material, gerando um reducionismo antropológico, que abstrai do ser humano qualquer dimensão espiritual.

Embora, não utilize esta expressão em seus escritos papais, Bento XVI sustenta:

Refiro-me acima de tudo a uma trágica redução antropológica, que volta a propor o antigo materialismo hedonista, mas ao qual se acrescenta um “prometeísmo tecnológico”. Da união entre uma visão materialista do homem e o grande desenvolvimento da tecnologia sobressai uma antropologia no fundo atea. Ela pressupõe que o homem se reduza a funções autônomas, à mente, ao cérebro, e à história humana a um destino de autorrealização. Tudo isto, prescindindo de Deus, da dimensão propriamente espiritual e do horizonte ultraterreno. Na perspectiva de um homem desprovido da sua alma e portanto de uma relação pessoal com o Criador, aquilo que é possível do ponto de vista técnico torna-se moralmente lícito, todas as experiências são aceitáveis, todas as políticas demográficas permitidas, todas as manipulações legitimadas.⁷¹

O fato de a vida do ser humano ser compreendida a partir de um horizontalismo materialista coloca o homem como medida de si próprio. Nesse sentido, tudo o que é possível tecnologicamente e que a mente humana alcança passa a ser aceitável. O problema é que aquilo que para alguns pode ser aceitável, lucrativo e possível pode não ser ético, bom e humanizador para outros tantos. A ideologia individualista deixa pouco espaço para se abrir ao outro, os interesses individuais tornam-se sempre mais superiores aos do outro.

Ao mesmo tempo, o individualismo não vê o ser humano como pessoa, mas como indivíduo, como mais um no meio de tantos outros, uma peça da engrenagem, que produz para consumir e assim mantém o sistema em funcionamento. Embora o ser humano se veja como conectado, membro da aldeia global, capaz de eliminar as barreiras de tempo e de espaço, está,

⁷⁰ Conforme o Credo Niceno-Constantinopolitano definido em 381.

⁷¹ BENTO XVI. *Discurso do Papa aos Participantes da Assembleia Plenária do Pontifício Conselho Cor Unum*, em 19 de janeiro de 2013. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2013/january/documents/hf_ben-xvi_spe_20130119_pc-corunum.html>. Acesso em: 17 set. 2017.

cada vez mais, isolado, sozinho, distante da comunidade. E ao se isolar, é sempre mais frágil, incapaz de levar adiante qualquer mudança ou transformação significativa.

Nessa direção,

embora a defesa dos direitos tenha alcançado grandes progressos no nosso tempo, a cultura contemporânea, caracterizada entre outros por um individualismo utilitarista e por um economicismo tecnocrático, tende a desvalorizar a pessoa. Ela é concebida como um ser “fluído”, sem uma consistência permanente. Não obstante esteja imerso numa rede infinita de relações e de comunicações, paradoxalmente, o homem de hoje parece muitas vezes um ser isolado, porque é indiferente a propósito da relação constitutiva do seu ser, que é a raiz de todos os demais relacionamentos, a relação com Deus. O homem contemporâneo é considerado em chave predominantemente biológica, ou como “capital humano”, “recurso”, parte de uma engrenagem produtiva e financeira que lhe é sobranceira. Se, por um lado, se continua a proclamar a dignidade da pessoa, por outro, novas ideologias — como a hedonista e egoísta dos direitos sexuais e reprodutivos, ou a de um capitalismo financeiro desregrado, que transgride sobre a política e desestrutura a economia real — contribuem para considerar o trabalhador dependente e o seu trabalho como bens “menores” e para ameaçar os fundamentos naturais da sociedade, especialmente a família.⁷²

A ideologia individualista opõe-se radicalmente ao ideal cristão de fraternidade, comunhão e amor ao próximo que estão na base dos ensinamentos de Jesus Cristo. Esse modo de vida hedonista e egoísta não pode conviver, pacificamente, com o modo de vida cristão ou, ao menos, não deveria. A prática de Jesus Cristo, já no seu tempo, denunciava toda forma de idolatria, egoísmo e individualismo. O ser cristão deveria proporcionar a capacidade de reflexão, fazendo a pessoa perceber a incoerência, que esse estilo de vida representa para quem assume seguir de Jesus Cristo.

As conquistas obtidas pelo desenvolvimento do progresso e do bem-estar social e as conquistas no âmbito das ciências e tecnologias não deveriam ser motivo de formação de um individualismo hedonista como se vê, mas, ao contrário, deveriam ser motivo de maior proximidade e fraternidade entre as pessoas. Infelizmente, como aponta Bento XVI, essa não é a realidade vivida no momento:

Por um lado, há um crescente número de vínculos econômicos e culturais que em geral fomentam um sentido de solidariedade global e de compartilhada responsabilidade pelo bem-estar da humanidade. Por outro, existem sinais perturbadores de uma fragmentação e de um determinado individualismo em que prevalece o secularismo,

⁷² BENTO XVI. *Discurso do Papa aos Participantes à Plenária do Pontifício Conselho Justiça e Paz*. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2012/december/documents/hf_ben-xvi_spe_20121203_justpeace.html>. Acesso em: 24 set. 2017.

impelindo o transcendente e o sentido do sagrado para as margens e eclipsando a verdadeira fonte de harmonia e de unidade no universo.⁷³

O individualismo está fortemente ligado ao secularismo, pois quanto mais a ideia de Deus se fragiliza, menor é o senso de comunidade, de construção do Reino de Deus e de vivência da fraternidade. O individualismo, pregando o culto unicamente ao eu, fortalece a necessidade de consumo, de bem-estar pessoal e, portanto, vai de acordo com os interesses capitalistas. O prazer derivado da posse sobre algo é vendido como sentimento capaz de preencher o vazio existente no interior do ser humano. Mas é um preenchimento momentâneo, que sempre pede mais, portanto, mantém a engrenagem de produção e desvia a atenção da pessoa das outras realidades, seja do próximo que está à sua volta, seja do Tu presente em sua vida, que se torna imperceptível.

Bento XVI, num de seus discursos dirigidos aos participantes da assembleia do Pontifício Conselho para a Cultura, aborda a questão do secularismo e individualismo:

Nos termos dele,

a “morte de Deus”, anunciada nos séculos passados por muitos intelectuais, cede lugar a um estéril culto do indivíduo. Neste contexto cultural, há o risco de cair numa atrofia espiritual e num vazio do coração, às vezes caracterizados por formas sucedâneas de pertença religiosa e de vago espiritualismo.⁷⁴

Um dos princípios do cristianismo é a vivência comunitária, a fé é pessoal, mas alimentada e vivida numa comunidade de fé, composta por homens e mulheres que, dentro de suas limitações, buscam fazer a vontade de Deus e construir um ambiente de fraternidade e amor ao próximo. Esse ideal é quebrado pela ideologia do individualismo, em que, ou a fé é vista como algo supérfluo, ou então, é vivida de forma intimista segundo os próprios desejos e anseios, ou seja, a pessoa vive apenas aqueles elementos que julga serem bons ou interessantes para si. Uma fé que se reduz à relação eu e Deus, que não vai além de sentimentalismos

⁷³ BENTO XVI. *Discurso do Papa aos Membros da Conferência Episcopal da Tailândia por ocasião da Visita "Ad Limina Apostolorum"*, em 16 de maio de 2008. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2008/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20080516_bishops-thailand.html>. Acesso em: 31 mai. 2018.

⁷⁴ BENTO XVI. *Discurso do Papa aos Participantes na Assembleia Plenária do Pontifício Conselho para a Cultura*, em 8 de março de 2008. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2008/march/documents/hf_ben-xvi_spe_20080308_pc-cultura.html>. Acesso em: 30 mai. 2008.

momentâneos, não consegue atingir o concreto da vida. E, às vezes, na busca de preenchimento do vazio existencial que esse individualismo provoca, as pessoas acabam caindo no “trânsito religioso”, buscando aquela religião ou Igreja que seja capaz de responder às suas necessidades. Geralmente tal processo de trânsito religioso acaba terminando ou no fundamentalismo religioso, ou no abandono definitivo da prática religiosa.

Essa é uma realidade que vem sendo enfrentada pela Igreja. O Papa Bento XVI foi um grande incentivador dessa reflexão e é necessário que o debate sobre a relação entre fé, cultura e individualismo seja levada em consideração e tratada com seriedade não só pelos bispos, presbíteros e consagrados, mas por todos os fiéis, de modo que se compreenda o que está por trás dessa relação. O estudo, a análise e a compreensão desses processos em andamento são fundamentais para definir o futuro do cristianismo e sua capacidade de dialogar com homens e mulheres deste tempo.

3.2.2 Fé, cultura e relativismo

O forte individualismo de nosso tempo traz como consequência a vivência do relativismo. Um está intimamente ligado ao outro, pois se o *eu* é o *meu ponto de referência*, o fundamento sobre o qual gira a própria vida, cada um tem a *sua* verdade. Tudo passa a ser fluído, volátil, inconstante, porque depende da vontade, do gosto, do desejo de cada pessoa. E isso tem implicações sobre todos os aspectos da vida e sobre a base a partir da qual se constrói a própria sociedade.

Já em sua homilia (ainda como cardeal), na abertura do conclave que o elegeira Papa, Ratzinger se refere à ditadura do relativismo, assim se expressando:

Enquanto o relativismo, isto é, deixar-se levar “aqui e além por qualquer vento de doutrina”, aparece como a única atitude à altura dos tempos hodiernos. Vai-se constituindo uma ditadura do relativismo que nada reconhece como definitivo e que deixa como última medida apenas o próprio eu e as suas vontades.⁷⁵

⁷⁵ RATZINGER, Joseph. Santa Missa “Pro Eligendo Romano Pontifice”. Homilia do Cardeal Joseph Ratzinger - Decano do Colégio Cardinalício, em 18 de abril de 2005. Disponível em: <http://www.vatican.va/gpII/documents/homily-pro-eligendo-pontifice_20050418_po.html>. Acesso em: 14 out. 2018.

Essa ditadura do relativismo é uma constante preocupação de Ratzinger, que abala as bases do Cristianismo de uma forma muito destrutiva e ao mesmo tempo muito sutil. Embora nem sempre perceptível, o relativismo parece tomar, cada vez mais, espaço:

Vivemos num tempo caracterizado em grande parte por um relativismo subliminar que penetra todos os âmbitos da vida. Às vezes, este relativismo torna-se combativo, lançando-se contra pessoas que dizem saber onde se encontra a verdade ou o sentido da vida. E notamos como este relativismo exerce uma influência cada vez maior sobre as relações humanas e a sociedade. Isto exprime-se também na inconstância e descontinuidade de vida de muitas pessoas e num individualismo excessivo.⁷⁶

Num mundo em que se preza por realizar unicamente aquilo que dá prazer, ou beneficiar-se a si mesmo, as pessoas encontram dificuldade de vivenciar qualquer forma de sacrifício pelo bem do *outro*. O sair de si, que é uma atitude plenamente cristã, torna-se muito difícil, também por isso as relações estão, cada vez mais, frágeis e superficiais, gastando-se com facilidade. Escolhas permanentes são difíceis de ser feitas, não apenas pelos jovens, mas, inclusive, pelos adultos que já fizeram suas escolhas e são incapazes de seguir adiante com aquilo que prometeram ou idealizaram.

Certamente a liberdade individual é algo positivo e uma conquista da humanidade, porém, isso não significa ausência total de bases sólidas sobre as quais se possa estabelecer um modo de vida. O doar-se ao *outro* e o amar o próximo como a si mesmo são fundamentos do ensino de Jesus Cristo, mas que, num mundo onde tudo é relativo, parecem não ser tão importantes assim. O relativismo não afeta somente os não cristãos, ou ateus, mas vem se intensificando também entre os seguidores de Jesus Cristo, conforme afirma o Papa Bento XVI:

O relativismo leva a não ter pontos firmes, suspeita e volubilidade provocam rupturas nos relacionamentos humanos, enquanto a vida é vivida com experiências que duram pouco, sem assunção de responsabilidade. Se o individualismo e o relativismo parecem dominar o espírito de muitos contemporâneos, não se pode dizer que os

⁷⁶ BENTO XVI. *Discurso do Papa* durante sua Viagem Apostólica à Alemanha 22-25 de setembro de 2011. Encontro com o Comité Central dos Católicos Alemães (Zdk) Seminário de Friburgo Sábado, 24 de setembro de 2011. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2011/september/documents/hf_ben-xvi_spe_20110924_zdk-freiburg.html. Acesso em: 01 jun. 2018.

crentes permanecem totalmente imunes a estes perigos, que devemos enfrentar na transmissão da fé.⁷⁷

Em vários de seus discursos em ambientes educativos, especialmente nas universidades, o Papa Bento XVI reforça a importância de um maior empenho educacional para com as novas gerações. A transmissão da fé não pode ficar apenas na transmissão de conteúdos doutrinários, o que é importante, mas não o suficiente para uma verdadeira evangelização. Essa busca exacerbada por experiências diferentes e cada mais intensas, a superficialidade das relações e fragilidade dos vínculos são fontes de um niilismo devastador, que, muitas vezes, leva à falta de sentido da vida.

Embora o Papa Bento XVI não aborde a questão do alto número de suicídio entre adolescentes e jovens, esse problema é uma grande preocupação social atual. Ainda que o fenômeno possa ter várias explicações, uma hipótese que precisa ser discutida é a falta de sentido para a vida. Se todas as necessidades pessoais são satisfeitas, se o mundo gira em torno de si, a pessoa desconhece a alegria de doar-se ao *outro*, de viver plenamente o *ser comunidade*, de ter um ponto firme ao qual recorrer quando tudo o mais não faz sentido, inclusive a própria vida. E, assim, as consequências da ditadura do relativismo podem ser tão ou mais drásticas quanto a ditadura imposta pela religião ou pela razão.

É sobre essa necessidade de um equilíbrio que Bento XVI trata em seus discursos. Os responsáveis pela transmissão da fé (pais, educadores, catequistas) não podem deixar de transmitir as verdades fundamentais da fé e precisam ajudar as novas gerações a refletir sobre o sentido da vida e o modo como a vivem.

Com efeito,

hoje, vivemos numa sociedade profundamente transformada, também em relação a um passado recente, e em movimento contínuo. Os processos da secularização e de uma difundida mentalidade niilista, em que tudo é relativo, marcaram profundamente a mentalidade comum. Assim, a vida é muitas vezes levada com superficialidade, sem ideais claros nem esperanças sólidas, no contexto de vínculos sociais e familiares fluídos, provisórios. Sobretudo as novas gerações não são educadas para a busca da

⁷⁷ BENTO XVI. *Audiência Geral* na Praça de São Pedro em 17 de outubro de 2012. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2012/documents/hf_ben-xvi_aud_20121017.html>. Acesso em: 04 jun. 2018.

verdade e do sentido profundo da existência, que ultrapasse o contingente, para a estabilidade dos afetos, para a confiança.⁷⁸

É claro que existe um contexto sociocultural que fortalece o relativismo, aquilo que o pensador e sociólogo Zigmunt Bauman⁷⁹ chama de “sociedade líquida” afeta todos os aspectos da vida. É como se tudo fosse fluído, instável, liquefeito, nada parecesse sólido, verdade alguma pode subsistir nesse contexto. Pensar de forma diferente, nessa sociedade, é ir contra a corrente. Viver o aqui e agora como se estivesse se agarrando à vida, que pode terminar a qualquer momento, soa como algo natural e ideal de felicidade. É um mundo onde todos precisam ser jovens, belos, felizes, ou, ao menos, precisam passar essa imagem nas redes sociais. Pensar no amanhã e recordar o passado, num mundo relativista, não faz o menor sentido. Acreditar em algo permanente, numa verdade que aponte a um caminho de vida também é algo que parece retrógrado. Assim, fazer parte da Igreja e manifestar a fé na Verdade que é Cristo pode parecer uma postura fundamentalista, mas frequentar diversas denominações religiosas ou fazer uma síntese pessoal de diversas religiões e filosofias é visto como uma mentalidade moderna e aberta.

O próprio Deus, assim, passa a ser relativo, uma ideia que cada um pode compreender conforme sua experiência pessoal, desvinculando-se da vivência comunitária da fé e perdendo a dimensão do Deus pessoal, que se encarnou e viveu entre nós. É um deus abstrato, um refúgio pessoal, que não exige nada da pessoa, nem pode lhe dar nada, além de uma experiência momentânea de bem-estar pessoal.

A fé cristã resulta de um encontro pessoal, que transforma o ser e o agir da pessoa. O Deus cristão exige uma mudança e o encontro com a pessoa de Jesus Cristo, necessariamente, é motivo de conversão, portanto, não é apenas um momento de consolo. É, antes de tudo, um sólido encontro, que torna o ser humano desejoso de compartilhar dos mesmos sentimentos, dos mesmos gestos e do mesmo modo de pensar de Cristo. Ou seja, provoca o seguimento radical daquele que tudo fez por amor.

Nesse viés, pode ser dito que

⁷⁸ BENTO XVI. *Audiência Geral* na Praça de São Pedro em 17 de outubro de 2012. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2012/documents/hf_ben-xvi_aud_20121017.html>. Acesso em: 04 jun. 2018

⁷⁹ BAUMAN, Zigmunt. *Modernidade Líquida*. Trad. De Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

trata-se do encontro não com uma ideia, nem com um projeto de vida, mas com uma Pessoa viva que nos transforma em profundidade a nós mesmos, revelando-nos a nossa verdadeira identidade de filhos de Deus. O encontro com Cristo renova os nossos relacionamentos humanos, orientando-os no dia-a-dia para uma maior solidariedade e fraternidade, na lógica do amor. Ter fé no Senhor não é algo que interessa unicamente à nossa inteligência, ao campo do saber intelectual, mas é uma mudança que compromete a vida, a totalidade do nosso ser: sentimento, coração, inteligência, vontade, corporeidade, emoções e relacionamentos humanos. Com a fé muda verdadeiramente tudo em nós e para nós, e revela-se com clareza o nosso destino futuro, a verdade da nossa vocação no interior da história, o sentido da vida, o gosto de sermos peregrinos rumo à Pátria celeste.⁸⁰

O encontro com Deus, a partir de Jesus Cristo, só pode ser uma experiência sólida de vida, uma rocha firme que fundamenta todas as escolhas pessoais, portanto, difere da mentalidade relativista que gira em torno do culto ao próprio eu. No seguimento de Jesus, não é possível relativizar, pois há um único Deus a quem se deve amar e adorar, o que vai contra qualquer forma de idolatria, seja do próprio indivíduo, seja do consumo alienante.

Os escritos de Bento XVI são muito claros. Ele não é contra o mundo moderno ou pós-moderno (como alguns pretendem qualificar a situação atual), mas é contra a ditadura do relativismo que ao afastar Deus do concreto da vida, tira também a dignidade do próprio ser humano, como imagem e semelhança de Deus. Não é uma postura conservadora, mas crítica e reflexiva sobre a realidade.

3.2.3 A ruptura entre fé e razão

Durante seu pontificado, Bento XVI manifestou, em diversas ocasiões, a preocupação com a ruptura entre fé e razão, como na Encíclica *Caritas in Veritate*:

A razão tem sempre necessidade de ser purificada pela fé; e isto vale também para a razão política, que não se deve crer onipotente. A religião, por sua vez, precisa sempre de ser purificada pela razão, para mostrar o seu autêntico rosto humano. A

⁸⁰ BENTO XVI. *Audiência Geral*, na Praça São Pedro, em 17 de outubro de 2012. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2012/documents/hf_ben-xvi_aud_20121017.html>. Acesso em: 07 de junho de 2018.

ruptura deste diálogo implica um custo muito gravoso para o desenvolvimento da humanidade.⁸¹

Em outra ocasião, durante um discurso à Comissão Bíblica Internacional, Bento XVI afirma: “Se a ruptura da relação dos homens com Deus acarreta um profundo desequilíbrio nos relacionamentos entre os próprios homens”.⁸² E em outro discurso em Verona, chama a atenção:

Deus permanece excluído da cultura e da vida pública, e a fé nele torna-se mais difícil, também porque vivemos num mundo que se apresenta quase sempre como nossa obra, onde, por assim dizer, Deus já não aparece diretamente e parece ter-se tornado supérfluo, aliás alheio.⁸³

Estas afirmações iniciais expressam a grande preocupação do Papa com a ruptura entre fé e razão, como se o universo religioso fosse um espaço à parte do universo científico.

Para Bento XVI, o progresso científico e tecnológico são um bem à humanidade e um dom de Deus, que dá ao ser humano inteligência e desejo de conhecer sempre mais. Não se opõe à realidade da fé, mas, antes, a fortalece e ambas deveriam caminhar juntas para dar ao homem sempre mais vida, ajudando-o a construir o Reino de Deus.

Para o Papa

a fé alarga o horizonte do nosso pensamento, é caminho para a verdade total, guia de progresso autêntico. Sem orientação para a verdade, sem uma atitude de pesquisa humilde e ousada, qualquer cultura se fende, cai no relativismo e se perde no efêmero.⁸⁴

Para que o progresso científico possa, de fato, ser um instrumento de fortalecimento da cultura não deveria abrir mão da fé. A humildade e a ousadia precisam caminhar lado a lado. A humildade, para saber que o conhecimento do ser humano é limitado, que há um Deus que tudo sustém e que é o Criador e gerador da vida, e a ousadia, para que essa consciência não deixe o

⁸¹ BENTO XVI. *Carta Encíclica Caritas in Veritate*. 2ªed. São Paulo: Edições Loyola, 2009. n.56.

⁸² BENTO XVI. *Discurso aos participantes da Assembleia Plenária da Comissão Teológica Internacional*, em 7 de dezembro de 2012. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2012/december/documents/hf_ben-xvi_spe_20121207_cti.html>. Acesso em: 15 jun. 2018.

⁸³ BENTO XVI. *Discurso pronunciado por ocasião do IV Congresso Nacional da Igreja Italiana*, em 19 de outubro de 2006. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2006/october/documents/hf_ben-xvi_spe_20061019_convegno-verona.html>. Acesso em: 16 out. 2017.

⁸⁴ BENTO XVI *Discurso à Comunidade da Universidade Católica do Sagrado Coração de Milão* por ocasião do 90º Aniversário de Fundação, em 21 de maio de 2011. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2011/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20110521_sacro-cuore.html. Acesso em: 29 mai. 2018.

ser humano limitado ao que já conhece, mas o faça ser impulsionado, sempre mais, para conhecer os mistérios do universo, da vida e do mundo em que habita.

É nessa perspectiva que Bento XVI avança:

Se a Ciência é uma aliada preciosa da fé para a compreensão do desígnio de Deus no universo, a fé permite que o progresso científico se realize sempre para o bem e para a verdade do homem, permanecendo fiel a este mesmo desígnio.⁸⁵

Na base da fé cristã estão os dois mandamentos de Jesus: “Amar a Deus acima de todas as coisas” e “Amar ao próximo como a si mesmo”. Se esse pressuposto é utilizado pela ciência, toda forma de progresso deveria ser um meio de procurar o bem para o ser humano, indo contra qualquer forma de exclusão, manipulação ou submissão de uns pelos outros. Mais ainda: o progresso não deveria ficar restrito àqueles povos que têm maiores recursos econômicos, mas deveria estender-se também àqueles mais sofridos e explorados.

Nesse contexto,

o saber da fé ilumina a pesquisa do homem, interpreta-a humanizando-a, integra-a em projetos de bem, arrancando-a à tentação do pensamento calculador, que instrumentaliza o saber e faz das descobertas científicas meios de poder e de submissão do homem.⁸⁶

O problema da razão, com seu progresso científico e tecnológico, não é ela em si, mas é a ideologia individualista e relativista que permeia a sociedade. Quando a única finalidade do ser humano é o bem-estar pessoal (Podendo-se entender também o bem-estar de determinado povo), o *outro* não tem importância e passa a ser simplesmente um objeto, um instrumento que faz parte da engrenagem capitalista. Todo sistema idolátrico acaba gerando vítimas que são imoladas aos ídolos criados. Numa sociedade em que o *eu* passa a ser vivido como um ídolo, pouco importa que outros tantos sejam vítimas de exploração e de pobreza, o que importa é o bem-estar pessoal. Nesse viés, a fé cristã não faz sentido existir, porque o único deus que se adora é o próprio eu.

⁸⁵ BENTO XVI. *Audiência Geral*, na *Sala Paulo VI*, em 21 de novembro de 2012. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2012/documents/hf_ben-xvi_aud_20121121.html>. Acesso em: 29 mai. 2018.

⁸⁶ BENTO XVI. *Discurso à Comunidade da Universidade Católica do Sagrado Coração de Milão* por ocasião do 90º Aniversário de Fundação, em 21 de maio de 2011. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2011/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20110521_sacro-cuore.html>. Acesso em: 29 mai. 2018.

Nessa direção,

uma cultura sem o conhecimento pessoal de Deus e sem o conhecimento do rosto de Deus em Cristo, é uma cultura que poderia ser também destrutiva, porque não conhece as orientações éticas necessárias. Neste sentido, parece-me, nós temos realmente uma missão de profunda formação cultural e humana, que se abre a todas as riquezas da cultura do nosso tempo, mas oferece também o critério, o discernimento para provar o que é cultura verdadeira e o que poderia tornar-se anticultura.⁸⁷

A ideia de *anticultura* precisaria ser melhor compreendida e discutida, pois, por vezes, o progresso tecnológico serve para impor determinada linha de pensamento e ideologia que acaba por subjugar e alienar os povos, sendo fonte de colonialismo cultural e destruição de elementos culturais locais muito importantes. A indústria cultural é um poderoso domínio econômico e ideológico utilizado em favor de interesses capitalistas, sem levar em consideração o fato de que a cultura deveria ser um elemento humanizador do ser humano.

Merece relevo a seguinte passagem:

Portanto, crer em Deus torna-nos portadores de valores que muitas vezes não coincidem com a moda, nem com a opinião do momento, exige que adotemos critérios e assumamos comportamentos que não pertencem ao modo de pensar comum. O cristão não deve ter medo de ir “contra a corrente” para viver a sua fé, resistindo à tentação de “se conformar”. Em numerosas das nossas sociedades, Deus tornou-se o “grande ausente” e no seu lugar existem muitos ídolos, ídolos extremamente diferentes entre si, e sobretudo a posse e o “eu” autónomo. E também os progressos notáveis e positivos da ciência e da técnica suscitaram no homem uma ilusão de onipotência e de autossuficiência, e um egocentrismo crescente criou não poucos desequilíbrios no contexto das relações interpessoais e dos comportamentos sociais.⁸⁸

Se a cultura propagada vai contra os valores cristãos, esses não devem ter medo de se opor a ela, de pensar e agir de modo diferente, justamente porque o que é transmitido como cultura pode ser, na verdade, uma forma de anticultura, pois não tem como finalidade o bem comum. Quando Deus torna-se ausente da sociedade, outros deuses são colocados em seu lugar, e Bento XVI reforça essa ideia em muitos discursos e homilias, especialmente nos dirigidos ao

⁸⁷ BENTO XVI. *Encontro do Papa com o Clero da Diocese de Roma* pelo Início da Quaresma, em 26 de Fevereiro de 2009. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2009/february/documents/hf_ben-xvi_spe_20090226_clergy-rome.html>. Acesso em: 1º. jun. de 2018.

⁸⁸ BENTO XVI. *Audiência Geral* na Sala Paulo VI, em 23 de janeiro de 2013. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2013/documents/hf_ben-xvi_aud_20130123.html>. Acesso em: 1º. jun. 2018.

mundo das ciências como universidades e grupos dedicados ao estudo, como aos jovens, que mais intensamente veem-se afetados por essa ideia de superioridade da razão:

Onde Deus desaparece, o homem cai na escravidão de idolatrias, como mostraram, no nosso tempo, os regimes totalitários e como mostram também diversas formas de nihilismo, que tornam o homem dependente de ídolos, de idolatrias, escravizando-o...⁸⁹

Mesmo havendo um discurso de liberdade, de poder de escolha, as pessoas e, em especial, os jovens, acabam tornando-se escravos de seus próprios desejos, da moda, da ditadura da beleza, de uma ansiedade crônica que os faz viver desesperadamente o aqui e agora, até chegarem a um vazio devastador, levando-os a buscar refúgio nas drogas, no fundamentalismo ou em outras formas de escravidão.

Em relação ao progresso tecnológico, que se manifesta no desenvolvimento impressionante das mídias digitais, encontra-se essa dicotomia que precisa ser muito bem trabalhada com as novas gerações. Muitos discursos de Bento XVI dirigidos aos jovens abordam tal temática. Nesse caso, o desenvolvimento tecnológico é um grande bem do qual as pessoas podem usufruir. Eles encurtam as distâncias, estimulam a solidariedade entre os povos, tornam acessível o conhecimento do que acontece no mundo em tempo real, independentemente do lugar em que as pessoas estejam, permite a democratização do acesso aos bens culturais, quebrando barreiras entre ricos e pobres. Tudo isso e muito mais são alguns dos privilégios que vieram com o advento das novas tecnologias. Enfim, Bento XVI, diz que “os meios de comunicação social são uma “grande mesa-redonda” para o diálogo da humanidade”.⁹⁰ Olhando sob uma ótica positiva, é como se as mídias digitais permitissem um novo Pentecostes, que permite ao ser humano falar e aproximar-se de outros povos, com línguas e culturas diferentes. Essa *mesa-redonda* da qual fala o Papa é um bem incomensurável.

É dizer:

⁸⁹ BENTO XVI. *Audiência Geral* na Praça de São Pedro em 15 de junho de 2011. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2011/documents/hf_ben-xvi_aud_20110615.html. Acesso em: 1º. jun. 2018.

⁹⁰ BENTO XVI. *Mensagem para o 40º Dia Mundial das Comunicações Sociais*. A mídia: rede de comunicação, comunhão e cooperação, em 28 de maio de 2006. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20060124_40th-world-communications-day.html. Acesso em: 1º. jun. 2018.

Indubitavelmente, os vários setores dos *mass media* têm oferecido um grande benefício para a civilização. Pensemos apenas nos documentários e noticiários de qualidade, no passatempo saudável e nos debates e entrevistas que estimulam o pensamento. Além disso, no que diz respeito à internet, é necessário reconhecer oportunamente que ela abriu um mundo de conhecimento e de aprendizado ao qual, precedentemente, na melhor das hipóteses, só alguns tinham acesso. Estas contribuições para o bem comum devem ser reconhecidas e encorajadas.⁹¹

A Igreja não é, portanto, contra o progresso, científico e tecnológico; ela anseia por ele e o apoia, mas não abre mão da dignidade humana.

Disso vem a lume que

algumas atitudes no seu interior (dos Meios de Comunicação) podem gerar uma monocultura que ofusca o gênio criativo, reduz a sutileza de um pensamento complexo e desvaloriza as peculiaridades das práticas culturais e a individualidade do credo religioso. Estas degenerações verificam-se quando a indústria da mídia se torna fim em si mesma, tendo unicamente por finalidade o lucro, perdendo de vista o sentido de responsabilidade no serviço ao bem comum.⁹²

Desse modo, todo progresso trazido pelas mídias corre o risco de ser instrumentalizado conforme os interesses de alguns poucos, destruindo raízes culturais e uniformizando o pensamento conforme as correntes ideológicas vigentes. Este é o risco que deve ser evitado, e, para tanto, a Igreja e as instituições educativas têm um papel fundamental: trazer as pessoas para essas discussões e ajudá-las a amadurecer o senso crítico e o senso de cidadania. Conforme o Papa; “é grave a responsabilidade de introduzir e educar as crianças e os jovens pelos caminhos da beleza, da verdade e da bondade”.⁹³

Na verdade, em relação ao progresso científico e tecnológico, o Papa Bento XVI segue uma linha de pensamento muito semelhante a de seus escritos quando era teólogo e fortalece a

⁹¹ BENTO XVI. *Discurso à Plenária do Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais*, em 9 de março de 2007. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/march/documents/hf_ben-xvi_spe_20070309_social-communications.html>. Acesso em: 1º. jun. 2018.

⁹² BENTO XVI. *Mensagem para o 40º Dia Mundial das Comunicações Sociais*. A mídia: rede de comunicação, comunhão e cooperação, em 28 de maio de 2006. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20060124_40th-world-communications-day.html>. Acesso em: 1º. jun. 2018.

⁹³ BENTO XVI. *Discurso à Plenária do Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais*, em 9 de março de 2007. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/march/documents/hf_ben-xvi_spe_20070309_social-communications.html>. Acesso em: 1º. jun. 2018.

ideia de que razão e fé devem complementar-se, caminhar juntas, num autêntico desenvolvimento humano. Tal reflexão é retomada em diversos discursos.

A preocupação com o fundamento antropológico que orienta o desenvolvimento das ciências não é uma questão moralista ou dogmática, mas dela dependem o respeito e a dignidade do ser humano e o bem comum. Para o Papa o antropocentrismo que caracteriza a modernidade “nunca pode desvincular-se do reconhecimento de toda a verdade acerca do homem, o que inclui também a sua vocação transcendente”.⁹⁴ O reconhecimento da fé como uma dimensão humana, basilar e sólida para o discernimento e a orientação das escolhas é o que permite às ciências não serem instrumentalizadas por aqueles que detêm o poderes político, econômico e científico.

Colocar a fé no mesmo nível do mito, da crença abstrata, é um caminho de desumanização, que em nada colabora com o ser humano, e menos ainda, com o desejo de Deus. Da mesma forma, a ciência não pode exigir unicamente uma compreensão intelectual, de natureza experimental diante da realidade, mas deveria ser capaz de se expandir e abrir-se também para outras formas de compreensão da realidade:

Nesse cenário:

a ciência jamais pode limitar-se meramente ao saber intelectual; pois ela inclui também uma renovada capacidade de observar as coisas de uma maneira livre de preconceitos e de superstições, e de permitir que fiquemos "admirados" com a realidade, cuja verdade pode ser descoberta mediante a união entre a compreensão e o amor. Somente Deus dotado de um rosto humano, que se revelou em Jesus Cristo, pode impedir que ponhamos um limite à realidade, precisamente no momento em que ela exige níveis de entendimento cada vez mais novos e mais elaborados. A Igreja está consciente da responsabilidade que tem de oferecer esta contribuição para a cultura contemporânea.⁹⁵

Bento XVI é enfático em seus discursos quanto à centralidade em Jesus Cristo. Quanto mais conhecemos a pessoa de Jesus que é o rosto humano de Deus, mais seremos capazes de ver a ação de Deus na vida, no ser humano, na sociedade, na história, na cultura e em qualquer realidade vivente. Jesus não é um ser abstrato. Ele se tornou homem plenamente, tendo que nascer e morrer como todos, tendo que falar e se sujeitar ao código humano de linguagem,

⁹⁴ BENTO XVI. *Discurso aos Participantes no 1º Encontro Europeu de Professores Universitários*, em 23 de junho de 2007. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/june/documents/hf_ben-xvi_spe_20070623_european-univ.html>. Acesso em: 1º. jun. 2018.

⁹⁵ Idem Bento XVI.

mesmo com suas restrições. Teve que se inserir numa cultura específica, dialogar com os homens e a com mentalidade de seu tempo, que em todo esse contexto, apresentou o rosto divino de Deus, transmitindo a mensagem do Pai e levando os seus contemporâneos a questionarem seu próprio modo de ser, agir, crer e viver em sociedade.

Olhando para Jesus, temos elementos suficientes para dialogar com o mundo da cultura de hoje. E essa é, certamente, a atitude querida e ensinada por Jesus. Não basta querer isolar-se do mundo, colocando toda cultura como instrumento de pecado, ou então, num outro extremo, achar que tudo é belo, que o mundo de hoje não tem problemas e que basta viver a própria vida em busca de uma satisfação pessoal. O cristão precisa viver em equilíbrio neste mundo concreto, com suas esperanças, tristezas e alegrias, mas sem perder a base, o fundamento, que é a pessoa de Jesus Cristo, reveladora do Deus que é Comunhão Trinitária.

3.3 A APROXIMAÇÃO ENTRE FÉ E CULTURA SEGUNDO O PAPA BENTO XVI

Depois de identificar os grandes desafios da sociedade contemporânea, segundo os escritos do Papa Bento XVI, é importante destacar os elementos que permitem uma aproximação entre fé e cultura e que se destacam em seus pronunciamentos. A partir da análise desses, são apresentados os seguintes pontos que permitem um diálogo com a sociedade, sem perder os fundamentos do ser cristão: “Um conceito de pessoa que promove a dignidade humana”, “a centralidade de Cristo” e “ciência e fé: duas realidades que se complementam”. Certamente haveria outros elementos que poderiam ser destacados, mas aqui será dada prioridade a esses três, pois são aspectos que contrapõem ao individualismo, o relativismo e à ruptura entre fé e ciência.

3.3.1 Um conceito de pessoa que promove a dignidade humana

Ao longo do pontificado do Papa Bento XVI, o tema *dignidade humana* é tratado em vários de seus discursos e homilias. Para Bento XVI, a dignidade humana resulta de um conceito de pessoa que, segundo o cristianismo, está ligado à sacralidade da vida, dom de Deus e, portanto, obra do Criador.

O conceito de pessoa, bem como o de dignidade humana, parte de uma raiz bíblica, traçado nas primeiras páginas do *Livro do Gênesis*: “O ensinamento da Igreja fundamenta-se no fato de que Deus criou o homem e a mulher à sua própria imagem e semelhança, incutindo-lhes uma dignidade superior e uma missão conjunta em favor de toda a Criação”⁹⁶. (Gn 1 e 2).

Nessa perspectiva, o ser humano é parte da natureza, por que faz parte da Criação, mas transcende à natureza, em virtude de sua possibilidade de viver os valores morais, espirituais e de sua capacidade de fazer escolhas, ou seja, de viver a liberdade. Esse conceito de pessoa ainda é muito discutido, mas é essencial e determinante, pois dele depende como as instituições e a sociedade tratam cada indivíduo.

Segundo Bento XVI:

o conceito de pessoa continua a suscitar uma profunda compreensão da índole singular e da dimensão social de cada ser humano. Isto é particularmente verdade nas instituições legais e sociais, em que a noção de "pessoa" é fundamental. Mas, às vezes, não obstante isto seja reconhecido nas declarações internacionais e nos estatutos legais, certas culturas, de maneira especial quando não são imbuídas de modo profundo pelo Evangelho, permanecem fortemente influenciadas por ideologias centralizadas em grupos ou por uma visão individualista e secularista da sociedade. A doutrina social da Igreja Católica, que coloca a pessoa humana no centro e na nascente da ordem social, pode contribuir em grande medida para a consideração contemporânea acerca da temática social.⁹⁷

Quando o conceito de pessoa parte de uma visão individualista, conforme o modelo hedonista que se perpetua até hoje, o centro de tudo se torna o *eu*, assim, o *outro* passa a um segundo plano, servindo apenas como interesse instrumentalista. Numa visão cristã, cada pessoa é única e insubstituível, portanto, tem sentido viver o *nós*, a unidade, a comunhão. É dessa visão de sociedade, em que todos os indivíduos são respeitados em sua dignidade que, de acordo com Bento XVI, podem surgir a paz e um mundo melhor.

⁹⁶ BENTO XVI. *Discurso aos Membros das Pontifícias Academias das Ciências e das Ciências Sociais*, em 21 de novembro de 2005. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2005/november/documents/hf_ben_xvi_spe_20051121_academies.html>. Acesso em: 23 jul. 2018.

⁹⁷ BENTO XVI. *Discurso aos Membros das Pontifícias Academias das Ciências e das Ciências Sociais*, em 21 de novembro de 2005. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2005/november/documents/hf_ben_xvi_spe_20051121_academies.html>. Acesso em 23 jul. 2018.

Em diversos discursos, Bento XVI aborda essa visão de sociedade que promove a paz e os direitos humanos, a partir da valorização de toda forma de vida em sua dignidade que provém do Criador.

Na expressão desse autor,

a dignidade do homem é inseparável do carácter sagrado da vida, que o Criador lhe deu. No desígnio de Deus, cada pessoa é única e insubstituível. Vem ao mundo numa família, que é o seu primeiro lugar de humanização e sobretudo a primeira educadora para a paz. Por isso, para construir a paz, a nossa atenção deve fixar-se sobre a família a fim de facilitar a sua tarefa, para assim a apoiar e consequentemente promover por toda a parte uma cultura da vida. A eficácia do compromisso a favor da paz depende do conceito que o mundo possa ter da vida humana. Se queremos a paz, defendamos a vida.⁹⁸

Nos escritos do Papa, o cuidado com a vida é algo fundamental e de responsabilidade de todos, independentemente da religião, da cultura, da etnia, ou de outras características que diferenciem um grupo de outro. Segundo ele, como pressuposto para a paz, está a prevalência do ser sobre o ter, ou seja, a necessidade de colocar, em primeiro lugar, a pessoa e não as coisas, os bens materiais. Dessa preocupação com o ser humano, com a pessoa, é que nasce a noção de *Solidariedade Universal* e de *Casa Comum*, na qual todos se sentem irmanados, porque são filhos de Deus.

Na Encíclica *Caritas in Veritate*, o Sumo Pontífice aborda o processo de globalização, em seus diferentes aspectos, assinalando a importância de compreendê-lo em sua totalidade, inclusive em seu aspecto teológico, para que, ao invés de ser fator de distanciamento e instrumentalização entre os povos, possa ser a oportunidade de uma humanização solidária.

Nesse particular, lê-se:

A transição inerente ao processo de globalização apresenta grandes dificuldades e perigos, que poderão ser superados apenas se se souber tomar consciência daquela alma antropológica e ética que, do mais fundo, impele a própria globalização para metas de humanização solidária. Infelizmente esta alma é muitas vezes abafada e condicionada por perspectivas ético-culturais de delineamento individualista e utilitarista. A globalização é um fenómeno pluridimensional e polivalente, que exige ser compreendido na diversidade e unidade de todas as suas dimensões, incluindo a

⁹⁸ BENTO XVI. *Discurso no Encontro com os Membros do Governo das Instituições da República, com o Corpo Diplomático, os Responsáveis Religiosos e Representantes do Mundo da Cultura*, em 15 de Setembro de 2012. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2012/september/documents/hf_ben-xvi_spe_20120915_autorita.html>. Acesso em: 23 jul 2018.

teológica. Isto permitirá viver e *orientar a globalização da humanidade em termos de relacionamento, comunhão e partilha*.⁹⁹

Para o cristão que vive com radicalidade a sua fé, é incompatível que para alguns alcancem um alto nível de desenvolvimento, outros tenham que viver na miséria, sem as mínimas condições de vida. Bento XVI questiona e discorda desse sistema perverso que se instalou em nossos dias; lembrando que

para os cristãos, que geralmente pedem a Deus, "o pão nosso de cada dia nos dai hoje", é uma tragédia vergonhosa o fato de que um quinto da humanidade ainda sofra por causa da fome. Para garantir um suprimento alimentar adequado, assim como a proteção dos recursos vitais como a água e a energia, é necessário que todos os líderes internacionais colaborem, demonstrando a prontidão a agir em boa fé, no respeito pela lei natural e na promoção da solidariedade e da subsidiariedade para com as regiões e as populações mais pobres do planeta, como a estratégia mais eficaz para a eliminação das desigualdades sociais entre os países e as sociedades e para o aumento da segurança global.¹⁰⁰

Em suas viagens e encontros com responsáveis por instituições governamentais, científicas e religiosas, Bento XVI pronunciou-se inúmeras vezes, colocando-se em defesa da dignidade humana. O seu conceito de pessoa não permite que qualquer ser humano seja alienado, excluído ou banalizado, como se vê em muitas realidades. É nessa perspectiva que ele buscava um diálogo com chefes de Estado, líderes religiosos, cientistas e outros que poderiam agir em favor dos mais necessitados.

Num de seus discursos aos participantes da Caritas Italiana, o Papa acentuou:

Responder às necessidades significa não só oferecer o pão a quem tem fome, mas também deixar-se interpelar pelas causas da sua fome, com o olhar de Jesus que sabia ver a realidade profunda das pessoas que se aproximavam dele. É nesta perspectiva que o presente interpela o vosso modo de ser animadores e agentes de caridade. O pensamento não pode deixar de se dirigir também ao mundo da migração. Muitas vezes calamidades naturais e guerras criam situações de emergência. A crise econômica global é um ulterior sinal dos tempos, que requer a coragem da fraternidade. A diversidade entre norte e sul do mundo, e a lesão da dignidade humana de numerosas pessoas exigem uma caridade que saiba ampliar-se a círculos concêntricos desde os pequenos até aos grandes sistemas econômicos. A dificuldade crescente, o debilitamento das famílias e a incerteza da condição juvenil indicam o

⁹⁹ BENTO XVI. *Carta Encíclica Caritas in Veritate*. 2ªed. São Paulo: Edições Loyola, 2009. n. 42

¹⁰⁰ BENTO XVI. *Discurso aos Membros da Pontifícia Academia das Ciências Sociais*, em 4 de Maio de 2009. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2009/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20090504_social-sciences.html>. Acesso em: 23 de jul 2018.

risco de uma diminuição da esperança. A humanidade não precisa só de benfeitores, mas também de pessoas humildes e concretas que, como Jesus, saibam colocar-se ao lado dos irmãos, compartilhando um pouco dos seus afãs. Em síntese, a humanidade procura sinais de esperança. A nossa fonte de esperança está no Senhor.¹⁰¹

Essa visão crítica do pensamento de Bento XVI demonstra sua preocupação com os grandes problemas da humanidade e, mais ainda, com suas causas. A injustiça, a fome, a violência e todos os grandes problemas da humanidade estão direta ou indiretamente ligados à visão de pessoa. Se falta o sentido de fraternidade universal e de filiação divina, abre-se espaço para que as ideologias individualistas se implantem e determinem as normas de uma pequena minoria, pois instrumentalizam a vida de muitos em seu favor.

Dando sequência ao pensamento do Papa João Paulo II, o Papa Bento XVI afirma:

Na sua Mensagem para o Dia Mundial da Paz de 2005, o meu predecessor, o Papa João Paulo II, chamou a atenção para a intrínseca dimensão ética de cada decisão política e observou que, em última análise, a preocupante difusão da desordem social, da guerra, da injustiça e da violência no nosso mundo só pode ser contrastada com um renovado apreço e respeito pela lei moral universal, cujos princípios derivam do próprio Criador. O reconhecimento do rico patrimônio de valores e de princípios contido nesta lei é essencial para a construção de um mundo que reconheça e promova a dignidade, a vida e a liberdade de cada pessoa humana e, ao mesmo tempo, crie as condições de justiça e de paz em que os indivíduos e as comunidades possam florescer de forma autêntica. É precisamente a promoção e a defesa destes valores, que devem governar as relações entre as nações e os povos na busca do bem comum da família humana, que inspira a presença e a atividade da Santa Sé no contexto da comunidade internacional.¹⁰²

Bento XVI parte de um princípio cristão para dialogar com cristãos e não cristãos, tendo como base um elemento comum: a dignidade humana. O diálogo que ele propõe vai além daquilo que a Igreja (como Instituição) defende como sendo a doutrina específica da fé católica. Ele busca o que há de comum, no sentido de humanidade para mobilizar diferentes forças em

¹⁰¹ BENTO XVI. *Discurso aos Participantes do Encontro Promovido pela Cáritas Italiana no 40º Aniversário de Fundação*, em: 24 de novembro de 2011. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2011/november/documents/hf_ben-xvi_spe_20111124_caritas-italiana.html>. Acesso em: 23 jul 2018.

¹⁰² BENTO XVI. *Discurso ao Senhor Francis Rooney, novo embaixador dos Estados Unidos da América junto da Santa Sé por ocasião da apresentação das cartas credenciais*, em 12 de novembro de 2005. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2005/november/documents/hf_ben_xvi_spe_20051112_ambassador-usa.html>. Acesso em: 23 jul. 2018.

favor da vida. É, nessa linha também, que pronunciou o seu discurso na Pontifícia Academia das Ciências:

No grande empreendimento humano de tentar trazer à luz os mistérios do homem e do universo, estou convicto da necessidade urgente de diálogo constante e de cooperação ente os mundos da ciência e da fé para edificar uma cultura de respeito da dignidade e liberdade do homem, do futuro da nossa família humana e do desenvolvimento sustentável a longo prazo do nosso planeta. Sem esta interação necessária, as grandes questões da humanidade deixam o âmbito da razão e da verdade, e são abandonadas ao irracional, ao mito ou à indiferença, com grande desvantagem para a humanidade, para a paz no mundo e para o nosso destino último.¹⁰³

Nesse discurso, o Papa Bento XVI retoma a necessidade de um diálogo entre fé e ciência e coloca, como base comum para tal diálogo, a questão da dignidade humana. Para ele as dimensões são inseparáveis, e sem essa relação, a racionalidade científica pode tornar-se irracional, porque deixa de ter parâmetros sobre o que é bom, ético e humano.

Quantas vezes os jornais noticiam o surgimento de inovações bélicas capazes, hoje, de destruir toda a humanidade e o que dizer do desenvolvimento da Biogenética que já permite a manipulação experimental da vida, a seleção artificial de indivíduos, conforme os padrões desejados e tantas outras situações-limite em que a ciência esbarra na ética, até mesmo a comunicação midiática que permite a formação de múltiplas personalidades do indivíduo. Diante dessas questões, os cristãos precisam ter um posicionamento crítico, baseado no diálogo, na clareza dos fundamentos da fé, entre eles, principalmente, a dignidade humana.

Esse diálogo não é simples, mas é possível quando nasce de uma busca sincera pela verdade, conforme apontou o Papa:

Na Mensagem para o Dia Mundial das Comunicações Sociais deste ano, ressaltando a importância que as novas tecnologias têm, encorajei os responsáveis dos processos comunicativos a todos os níveis, a promover uma cultura do respeito pela dignidade e pelo valor da pessoa humana, um diálogo radicado na busca sincera da verdade, da

¹⁰³ BENTO XVI. *Discurso aos Participantes da Plenária da Pontifícia Academia das Ciências*, em 8 de novembro de 2012. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2012/november/documents/hf_ben-xvi_spe_20121108_academy-sciences.html>. Acesso em: 23 jul. 2018.

amizade não finalizada a si mesma, mas capaz de desenvolver os dons de cada um para os pôr ao serviço da comunidade humana.¹⁰⁴

Como se vê, o conceito de pessoa não é só uma questão teórica, mas tem profundas implicações práticas que determinam a ação pessoal, comunitária e da própria humanidade em si. Pensar em dignidade humana leva a viver com radicalidade a filiação divina e a fraternidade universal, em suma a caridade evangélica, conforme Cristo resumiu num único mandamento: “Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo”.

3.3.2 Centralidade de Cristo

Se, por um lado, o mundo atual é caracterizado pelo relativismo, por outro, a fé cristã fala de um fundamento sólido, que não é negociável e deve nortear a vida daqueles que abraçam a fé, independentemente da condição ou realidade em que estejam vivendo. Esse fundamento é a pessoa de Jesus Cristo, o Filho de Deus Encarnado que revela o desejo e os desígnios de Deus-Criador.

Ressalta o Papa Bento XVI:

No grande desígnio da criação e da história, Jesus Cristo eleva-se como centro de todo o caminho do mundo, eixo principal de tudo, que atrai a si toda a realidade, para superar a dispersão e o limite, e reconduzir tudo à plenitude desejada por Deus.¹⁰⁵

Para o cristão não é possível relativizar tudo conforme seu próprio interesse, ou modo de pensar, porque há um eixo principal que norteia a vida, as escolhas, o olhar e o agir. Cristo é a referência fundamental, nele Deus manifesta todo o seu amor pela humanidade e revela seu projeto de fraternidade e filiação divina. Cristo é a imagem e a semelhança plena com Deus, portanto, uma referência que não pode ser menosprezada:

Só em referência ao Deus-Amor, que se revelou em Jesus Cristo, o homem pode encontrar o sentido da sua existência e viver na esperança, mesmo se na experiência dos males que ferem a sua existência pessoal e a sociedade na qual vive. A esperança

¹⁰⁴ BENTO XVI. *Discurso aos Participantes da Assembleia Plenária do Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais*, em 29 de outubro de 2009. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2009/october/documents/hf_ben-xvi_spe_20091029_pccs.html>. Acesso em: 23 jul. 2018.

¹⁰⁵ BENTO XVI. *Audiência Geral*, em 5 de dezembro de 2012. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2012/documents/hf_ben-xvi_aud_20121205.html>. Acesso em: 23 jul. 2018.

faz com que o homem não se feche num niilismo paralisante e estéril, mas se abra ao compromisso generoso que Deus confiou ao homem ao criá-lo à sua imagem e semelhança, uma tarefa que confere a cada homem a maior dignidade, mas também uma enorme responsabilidade.¹⁰⁶

Se, na atual sociedade, o homem tende a fechar-se sobre si mesmo, num niilismo que o escraviza em suas próprias paixões, o amor de Cristo, ao contrário, o liberta. E a liberdade de Cristo não é momentânea e estéril, mas geradora de vida e alegria permanentes, mesmo diante das maiores dificuldades. Infelizmente, muitas vezes, a evangelização começa pela transmissão da moral, dos costumes e das tradições e acaba por deixar o encontro com Cristo um tanto ofuscado. Os discursos do Papa Bento XVI são muito enfáticos ao colocar que, em primeiro lugar, deve acontecer o encontro transformador com pessoa de Jesus Cristo e será a partir dele, que tudo o mais terá sentido na fé cristã.

Retomando seu discurso aos sacerdotes e diáconos da Diocese de Roma, o Papa confirma a necessidade de que

a nossa fé seja sempre alimentada com o encontro pessoal com Cristo, por uma amizade pessoal com Jesus. Romano Guardini, há setenta anos, disse justamente que a essência do Cristianismo não é uma ideia, mas uma Pessoa. Grandes teólogos tinham tentado descrever as ideias fundamentais constitutivas do Cristianismo. Mas o Cristianismo que tinham delineado no final demonstrava-se não ser convincente. Porque o Cristianismo é, em primeiro lugar, um Acontecimento, uma Pessoa. E na Pessoa depois encontramos a riqueza dos conteúdos. Isto é importante.¹⁰⁷

Por mais brilhantes que os estudos teológicos possam parecer, por mais que a razão encontre mil motivos para crer em Deus, se não acontecer o encontro com a pessoa de Jesus, ela não terá sentido e nem forças para dialogar com a atual realidade:

Bento XVI adverte:

Hoje muitos têm uma concepção limitada da fé cristã porque a identificam com um mero sistema de crença e de valores e não com a verdade de um Deus que se revelou na história, desejoso de se comunicar intimamente com o homem, numa relação de amor com ele. Na realidade, como fundamento de toda a doutrina e valor está o evento do encontro do homem com Deus em Jesus Cristo. O Cristianismo, antes de uma moral ou de uma ética, é o acontecimento do amor, é o acolhimento da pessoa de

¹⁰⁶ BENTO XVI. *Discurso do Papa aos Sacerdotes e Diáconos da Diocese de Roma*, em 13 de maio de 2005. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2005/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20050513_roman-clergy.html>. Acesso em: 23 jul. 2018.

¹⁰⁷ BENTO XVI. *Discurso do Papa aos Sacerdotes e Diáconos da Diocese de Roma*, em 13 de maio de 2005. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2005/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20050513_roman-clergy.html. Acesso em: 23 jul. 2018.

Jesus. Por isso o cristão e as comunidades cristãs antes de mais nada devem olhar e fazer olhar para Cristo, o verdadeiro Caminho que leva a Deus.¹⁰⁸

Para Bento XVI a fé cristã não é simplesmente um sistema de crenças, um conjunto de doutrinas que falam de ideias intelectuais ou normas morais; é antes de tudo vida, encontro, relação filial e fraternal, é vivência do amor que vem de Deus e que, quando acolhido, se transforma em amor para com os irmãos. Assim, o encontro com Cristo é sempre um caminho que leva à conversão, sua imitação, que é Caminho, Verdade e Vida: “Vós sabeis que a fé cristã nunca se pode reduzir a mero conhecimento intelectual de Cristo e da sua doutrina; deve expressar-se também na imitação dos exemplos que Cristo nos deu como Filho do Pai e como Filho do homem.”¹⁰⁹

A história do cristianismo é repleta de santos e mártires, pessoas que, depois de um encontro profundo com Cristo, passaram a viver a radicalidade da vida cristã, doando todo o seu ser, seu tempo e sua vida ao anúncio do Evangelho e à prática da caridade. A grande maioria dessas pessoas teve que viver na contramão da história, muitos não foram compreendidos por seus contemporâneos, porque, embora o cristianismo tenha que passar sempre por um processo de inculturação, jamais pode abrir mão do seu fundamento. O seguimento de Cristo não pode ser relativizado, o amor a Deus e ao próximo é a regra de ouro, a verdade que conduz o caminho do cristão em qualquer circunstância de vida. E isso não muda.

Assim, mesmo que hoje a ideia de verdade seja questionada e relativizada, para o cristão a Verdade de Cristo não é negociável, pois é fonte de liberdade, e sua busca é que preenche o vazio do coração humano. Essa relação é tratada num dos discursos de Bento XVI; como se lê:

O desejo da verdade pertence à própria natureza do homem e toda a criação é um imenso convite a procurar as respostas que abrem a razão humana à grande resposta que desde sempre ela busca e espera: “A verdade da Revelação cristã, que se encontra em Jesus de Nazaré, permite a quem quer que seja perceber o “mistério” da própria vida. Enquanto verdade suprema, ao mesmo tempo que respeita a autonomia da criatura e a sua liberdade, obriga-a a abrir-se à transcendência. Aqui, a relação entre liberdade e verdade atinge o seu máximo grau, podendo-se compreender plenamente esta palavra do Senhor: “Conhecereis a verdade, e a verdade libertar-vos-á”¹¹⁰

¹⁰⁸ BENTO XVI. *Audiência Geral*, em 14 de novembro de 2012. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2012/documents/hf_ben-xvi_aud_20121114.html>. Acesso em: 23 jul. 2018.

¹⁰⁹ BENTO XVI. *Discurso aos Superiores e Alunos da Pontifícia Academia Eclesiástica*, em 2 de junho de 2007. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/june/documents/hf_ben-xvi_spe_20070602_eccl-academy.html>. Acesso em: 23 jul. 2018.

¹¹⁰ BENTO XVI. *Discurso aos Participantes da Sessão Plenária da Congregação Para a Doutrina da Fé*, em 10 de fevereiro de 2006. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2006/documents/hf_ben-xvi_aud_20060210.html>.

Se o individualismo e o relativismo fecham o ser humano numa escravidão alienante, que o levam a uma falta de sentido e desencantamento diante da vida, a verdade cristã faz o caminho inverso: leva à liberdade, à autonomia, à abertura diante de Deus e dos irmãos; portanto, ao ser fonte de relação, comunhão e comunicação, é geradora de alegria e felicidade. Quem busca dita verdade não vê o seguimento de Cristo como um peso, mesmo que isso possa, em muitos momentos, ser fonte de sofrimento e dificuldades.

O seguimento de Cristo exige também uma constante conversão, uma mudança interior que acontece cotidianamente, fazendo da fé algo sempre novo, e que, diante de cada realidade se reinventa, trazendo à luz a esperança do Ressuscitado:

Em virtude da fé, esta vida nova plasma toda a existência humana segundo a novidade radical da ressurreição. Na medida da sua livre disponibilidade, os pensamentos e os afetos, a mentalidade e o comportamento do homem vão sendo pouco a pouco purificados e transformados, ao longo de um itinerário jamais completamente terminado nesta vida. A “fé, que atua pelo amor” (Gl 5, 6), torna-se um novo critério de entendimento e de ação, que muda toda a vida do homem.¹¹¹

A fé que atua pelo amor é capaz de transformar qualquer coração e qualquer realidade, desde que a pessoa se permita ir ao encontro de Cristo. Deus é amor, e o amor transforma. O Papa Bento XVI insiste muito nesta ideia, Deus é amor e esta é a Verdade que está acima de qualquer doutrina, e que só tem sentido porque é fruto e resultado da vivência do amor. A convicção de que Deus é amor, acompanha o Sumo Pontífice em inúmeros pronunciamentos, como na *Encíclica Deus Caritas Est*, em que diz: “O homem, vivendo na fidelidade ao único Deus, sente-se a si próprio como aquele que é amado por Deus e descobre a alegria na verdade, na justiça — a alegria em Deus que Se torna a sua felicidade essencial”.¹¹² A relação com Deus para o Papa, longe de ser forma de dominação, é fonte da mais profunda alegria. Continuando a reflexão sobre a Carta Apostólica anterior, escreveu o Papa:

“Caritas Christi urget nos – o amor de Cristo nos impele” (2 Cor 5, 14): é o amor de Cristo que enche os nossos corações e nos impele a evangelizar. Hoje, como outrora, Ele envia-nos pelas estradas do mundo para proclamar o seu Evangelho a todos os povos da terra (cf. Mt 28, 19). Com o seu amor, Jesus Cristo atrai a Si os homens de

xvi/pt/speeches/2006/february/documents/hf_ben-xvi_spe_20060210_doctrine-faith.html>. Acesso em 23 jul. 2018.

¹¹¹ BENTO XVI. *Carta Apostólica sob Forma de Motu Proprio PORTA FIDEI*, em 11 de outubro de 2011. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/motu_proprio/documents/hf_ben-xvi_motu_proprio_20111011_porta-fidei.html>. Acesso em: 23 jul. 2018.

¹¹² BENTO XVI. *Carta Encíclica Deus Caritas Est*, São Paulo: Paulinas, 2006. nº. 09.

cada geração: em todo o tempo, Ele convoca a Igreja confiando-lhe o anúncio do Evangelho, com um mandato que é sempre novo. Por isso, também hoje, é necessário um empenho eclesial mais convicto a favor duma nova evangelização, para descobrir de novo a alegria de crer e reencontrar o entusiasmo de comunicar a fé.¹¹³

A novidade do Evangelho não é algo do passado, visto que ela continua viva, e Jesus continua a ser um centro de vida e de amor que atrai o coração de pessoas das mais diversas culturas e realidades. E, conforme, manifesta o Papa Bento XVI, o trabalho de evangelização é algo que não pode ser abandonado. A alegria de conhecer e de se encontrar com Cristo, não deve ser uma experiência individual, mas precisa dilatar-se, transbordar, de modo que cada discípulo seja também um missionário. A vida transformada pelo encontro com Cristo, encontra a plena alegria quando leva também o *outro* a viver essa experiência de amor profundo que passa a ser o centro vital que orienta as vivências pessoal e comunitária.

3.3.3 Ciência e fé: duas realidades que se complementam

A reciprocidade entre ciência e fé não é só algo que está na origem do cristianismo; é algo fundamental e necessário no tempo em que vivemos. Embora os avanços científicos muitas vezes pareçam distanciar a ciência de qualquer compreensão que vá além dos métodos de investigação empíricos, esse é um ponto que exige maior reflexão e aprofundamento.

Durante seu pontificado, Bento XVI realizou muitos discursos em universidades e para grupos de estudiosos nas diversas áreas das ciências. Conforme Assunção; “não há no pontificado de Bento XVI uma rejeição total da modernidade, mas a abertura aos valores do iluminismo: a aceitação da razão, contra a sua redução”.¹¹⁴ Bento XVI vê a razão como algo positivo que deve andar ao lado da fé.

Nesse contexto, Bento XVI, em seu discurso aos Participantes do Congresso Promovido pela Pontifícia Universidade Lateranense por ocasião do 10º Aniversário da Carta Encíclica *Fides et Ratio*; assinalou:

¹¹³ BENTO XVI. *Carta Apostólica sob Forma de Motu Proprio PORTA FIDEI*, em 11 de outubro de 2011. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/motu_proprio/documents/hf_ben-xvi_motu-proprio_20111011_porta-fidei.html>. Acesso em 23 jul. 2018.

¹¹⁴ ASSUNÇÃO, Rudy A. *Bento XVI, a Igreja Católica e o “espírito da modernidade”*. Campinas: Ecclesiae, 2018. p. 174.

A investigação científica certamente tem o seu valor positivo. A descoberta e o incremento das ciências matemáticas, físicas e químicas, bem como as ciências aplicadas são fruto da razão e exprimem a inteligência com a qual o homem consegue penetrar as profundezas da criação. A fé, por sua vez, não teme o progresso da ciência nem os desenvolvimentos para os quais levam as suas conquistas, quando estas têm como finalidade o homem, o seu bem-estar e o progresso de toda a humanidade.¹¹⁵

Para Bento XVI, ciência e fé são duas realidades que se complementam, utilizam-se de métodos diferentes, mas ambas estão diante do ser humano e do mundo criado. Tudo que é desenvolvido pelo progresso e pela Ciência atinge diretamente o ser humano e toda a criação. Nesse sentido, a fé não deve temer o desenvolvimento da ciência, mas caminhar junto, apresentando pontos sólidos sobre os quais possa também o mundo do progresso e da ciência se apoiar.

Em um de seus discursos, o Papa Bento XVI assim se referiu a essas duas dimensões:

Vivida na sua integridade, a investigação é iluminada pela ciência e pela fé, e é destas duas “asas” que ela haure impulso e estímulo, sem jamais perder a justa humildade, o sentido do próprio limite. Deste modo, a busca de Deus torna-se fecunda para a inteligência, fermento de cultura, promotora de verdadeiro humanismo, busca que não se detém à superfície.¹¹⁶

Tanto a fé quanto a razão possuem limites que precisam ser respeitados, como a linguagem, a metodologia, os objetivos, e uma não pode desejar ocupar o lugar da outra. A fé não pode ser uma tentativa de explicar aquilo que a ciência ainda não pôde atingir; da mesma forma, a ciência não pode querer aplicar seus métodos experimentais sobre a fé, que parte de pressupostos diferentes. O confronto e o diálogo entre ambas são fundamentais para que o progresso alcançado pela humanidade não perca de vista valores essenciais que dizem respeito à integridade do ser humano.

Por outro lado, uma fé que não passa pela razão corre o risco de cair no sentimentalismo, no subjetivismo e não ter repercussão sobre a vida concreta das pessoas. Se

¹¹⁵ BENTO XVI. *Discurso do Papa aos Participantes do Congresso Promovido pela Pontifícia Universidade Lateranense por ocasião do 10º Aniversário da Carta Encíclica “Fides et Ratio”*, em outubro de 2008. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2008/october/documents/hf_ben-xvi_spe_20081016_x-fides-et-ratio.html>. Acesso em 16 out. 2017

¹¹⁶ BENTO XVI. *Discurso do Papa à Universidade Católica do Sagrado Coração em Milão*, em maio de 2012. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2012/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20120503_gemelli.html>. Acesso em: 16 out. 2017.

perdura um unilateralismo, facilmente se cria a ditadura da religião, da razão ou da própria emoção. O diálogo é o caminho mais sóbrio para um verdadeiro desenvolvimento humano.

O Papa Bento XVI, num de seus Discursos à Universidade Lateranense, colocou:

a razão sente e descobre que, além daquilo que já alcançou e conquistou, existe uma verdade que jamais poderá descobrir se começar a partir dela mesma, mas que poderá receber como dádiva gratuita. A verdade da Revelação não se sobrepõe àquela verdade alcançada pela razão; pelo contrário, purifica a razão e eleva-a, permitindo-lhe assim dilatar os seus próprios espaços para se inserir num campo de pesquisa insondável, como o próprio mistério.¹¹⁷

A ciência tem alcançado avanços indescritíveis e o conhecimento chegou a quantidades exponenciais, e isso tem ajudado muito o ser humano. Quantos benefícios, por exemplo, se alcançou em relação a tratamentos de saúde, à melhoria das condições de vida, ao avanço da média de vida, sem contar os avanços relativos à compreensão da história da humanidade, da origem do cosmos e do ser humano. Esses e tantos outros fenômenos demonstram como a ciência é essencial e boa para o ser humano. Bento XVI traz presentes alguns desses muitos benefícios que o avanço científico proporciona à humanidade; in verbis:

Quando a ciência se aplica ao alívio do sofrimento e quando, por este caminho, descobre novos recursos, ela demonstra-se ser duas vezes rica de humanidade: pelo esforço do engenho investido na pesquisa e pelo benefício anunciado a quantos estão atormentados pela doença. Também todos os que fornecem os meios financeiros e encorajam as estruturas de estudo necessárias participam do merecimento deste progresso pelo caminho da civilização. "O progresso só pode ser verdadeiro se serve à pessoa humana e se a própria pessoa humana cresce; se não cresce apenas o seu poder técnico, mas também a sua capacidade moral".¹¹⁸

Bento XVI lembra que o progresso é verdadeiro quando serve a pessoa humana. Neste sentido, é preciso ter presente o conceito de pessoa trazido pelo cristianismo, ou seja, pela fé. Portanto, a ciência não pode caminhar sozinha, ela precisa da fé para orientar e se apoiar em elementos sólidos essenciais, para saber até onde pode ir ou não: "Uma mentalidade

¹¹⁷ BENTO XVI. *Discurso do Papa aos Participantes no Congresso Promovido pela Pontifícia Universidade Lateranense por ocasião do 10º Aniversário da Carta Encíclica "Fides et Ratio"*, em outubro de 2008. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2008/october/documents/hf_ben-xvi_spe_20081016_x-fides-et-ratio.html>. Acesso em: 16 out 2017.

¹¹⁸ BENTO XVI. *Discurso durante o Encontro com os Participantes no Congresso promovido pela Pontifícia Academia para a Vida*, em 16 de setembro de 2006. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2006/september/documents/hf_ben-xvi_spe_20060916_pav.html>. Acesso em: 23 jul. 2018.

fundamentalmente tecnoprática gera um desequilíbrio arriscado entre o que é tecnicamente possível e o que é moralmente bom, com consequências imprevisíveis.”¹¹⁹

É constatável, que apesar de todo progresso científico, grande parte da população mundial não tem acesso a ele. O ser humano apresenta-se rico de meios, mas pobre de sentido. Muitas vezes fechado em si mesmo, sobre o relativismo e o individualismo, é incapaz de olhar à realidade em volta. Bento XVI reconhece o importante papel da ciência e como é justo e importante impulsioná-la, porém sua preocupação é com o reducionismo do pensamento apenas à razão: “A ciência pode contribuir muito para a humanização do mundo e dos povos. Mas pode também destruir o homem e o mundo, se não for orientada por forças que se encontram fora dela.”¹²⁰

E, nesse sentido, a fé tem um papel fundamental ao trazer ao presente a sacralidade do ser humano, defendendo sua dignidade, seus direitos fundamentais e sua filiação divina. Assim, a fé não é apenas uma crença abstrata, é ação do cristão no mundo, é expressão de um Deus que se faz próximo e atuante na história.

A relação entre fé e ciência parte da sacralidade e da dignidade humana e podem caminhar juntas, inclusive, para questões mais complexas como a evolução, a Bioética, a Neurociência, a Cosmologia e, portanto, todas as dimensões do conhecimento humano. Em síntese, no pensamento de Bento XVI, sobressai a complementaridade entre fé e razão, possível graças à Razão Criadora que está por trás de toda criação. É a similaridade entre a estrutura de nossa inteligência e a estrutura do universo criado que permite ao homem desvendar os segredos da natureza. E só a partir do diálogo verdadeiro e humilde entre fé e razão será possível um progresso efetivo da condição humana sem cair em nenhum extremo da fé ou da razão.

¹¹⁹ BENTO XVI. *Discurso do Papa à Universidade Católica do Sagrado Coração*, em maio de 2012. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2012/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20120503_gemelli.html>. Acesso em 16 out. 2017.

¹²⁰ BENTO XVI. *Carta Encíclica Spe Salvi*. São Paulo: Paulus/Loyola, 2007. n.25.

4 DE RATZINGER A BENTO XVI: REPENSANDO A RELAÇÃO ENTRE FÉ E CULTURA NA ATUAL SOCIEDADE

Conforme pôde ser observado nos Capítulos 2 e 3, Ratzinger dedicou grande parte de seus escritos à reflexão sobre a fé no mundo de hoje e, portanto, como ela se relaciona com a cultura. A temática é amplamente explorada desde seus escritos iniciais como teólogo até os últimos anos como Sumo Pontífice. É interessante observar, de que modo ao longo desse tempo, houve elementos que se repetiam e se ampliavam, como convicções profundas de Ratzinger e outros que evoluíram e se modificaram tomando outras perspectivas. É o que será aprofundado neste capítulo, como resultado da análise comparativa de seus escritos antes e depois de ser eleito Papa.

4.1 A EVOLUÇÃO DOS CONCEITOS DE FÉ E CULTURA

Nos escritos de Ratzinger, a fé é entendida como uma opção, uma escolha pessoal por acreditar não somente naquilo que é experimentável e comprovável pelos sentidos. É uma opção pela verdade que dá novo sentido à existência. A partir do momento em que essa escolha é feita a pessoa passa por um processo de conversão, que é deixar espaço para que o próprio Deus possa agir em sua vida. Assim, cada pessoa torna possível que Deus aja na história e se insira em cada realidade. Se Deus age na História, isso significa que a fé evolui ao longo do tempo, se modifica e vai transformando a realidade humana, conforme o desejo de Deus.

Para Ratzinger ter fé é crer naquilo que, embora sendo invisível, é a verdadeira realidade. Fé e verdade são interconectadas, isso não significa que seja uma mera reflexão intelectual, mas é algo tão profundo que é capaz de transformar as relações humanas e a própria sociedade. Tem, portanto, um caráter forte de historicidade, sendo um conceito de fácil diálogo com o mundo acadêmico.

Nos escritos de Ratzinger, como Papa Bento XVI, o conceito de fé toma novo significado: mais do que uma escolha, é uma relação. Bento XVI fala da fé como resposta do homem à Revelação de Deus, de acolhida da visão de Deus sobre a própria vida, de um entregar-se confiante a um *Tu* que é Deus. Nas palavras de Bento XVI, fica muito forte que a iniciativa desta relação comunicativa é de Deus, o homem responde com sua adesão ao projeto de Deus

e participa da história da salvação num constante processo de conversão. A fé é, portanto, encontro; um encontro tão profundo que a pessoa passa a fazer um caminho de conversão, deixando sua vontade de lado e colocando Deus como centro de sua vida.

Para Bento XVI neste encontro com o “totalmente Outro”, é que o homem descobre e faz a experiência de que Deus é amor. Deus é um Pai que ama, é como uma mãe que acolhe e protege. Essa é a experiência transformadora que dá novo sentido à vida e que permite a humanização da própria cultura. Quando o ser humano faz a experiência de filiação divina, é capaz de se perceber como membro de uma fraternidade maior, da família humana, onde todos são irmãos.

Se nos seus primeiros escritos, como teólogo, fé e cultura estão fortemente ligadas à questão da historicidade, em seus escritos como Papa, destaca-se, muito mais, o caráter de humanização que a fé e a cultura promovem, como se fossem “duas asas” que precisam caminhar juntas. A fé dá respostas sobre quem é o homem e, ao fazer isso, influencia diretamente na construção social do ser humano. A fé permite, assim, compreender o verdadeiro sentido de humanidade a partir da filiação divina.

Para o Cardeal Ratzinger não é possível desvincular fé de cultura; a fé cria cultura, a modifica, caminha com ela ao longo do tempo, a fé é cultura, porque não é uma simples abstração, mas tem a ver com o desenrolar da história e o desenvolvimento da própria humanidade. Nessa perspectiva, de historicidade, abre-se um diálogo fecundo com as demais ciências, especialmente com a Filosofia. Como Papa Bento XVI, ele reforça essa ideia de relação entre fé e cultura, sustentando que a fé humaniza a cultura, tornando a vida plenamente humana, porém sua linguagem é mais metafórica, mais ligada ao sentido da vida cristã, pois aí ele fala como o “Pastor” e precisa ser compreendido por todos seus interlocutores. Independentemente da forma, em todos os seus escritos, Ratzinger defende a necessidade de um diálogo entre fé e cultura, e, sempre que falta tal diálogo, corre-se o risco de cair em extremismos, seja da religião, seja da falta dessa, seja da ciência e da razão empírica.

Uma preocupação constante de Ratzinger, antes e durante seu pontificado, é a dicotomia entre fé e cultura. Quando isso acontece, a fé pode ser instrumentalizada e mercantilizada. Quando a fé se torna um produto adaptável aos anseios de cada um, pode até trazer algum consolo momentâneo, mas perde sua essência, que é a de uma relação profunda com Deus, em que ele é o centro e que, portanto, gera conversão e comunhão. Da mesma forma, a cultura desvinculada da fé cai num racionalismo, muitas vezes, carente de humanidade, em

que o progresso e o bem-estar de alguns poucos privilegiados podem deixar oculta uma realidade de grande desigualdade e desumanização sem precedentes.

É importante destacar que, quando Ratzinger aborda a questão da fé, quer seja como teólogo, quer seja como enquanto Papa, sempre a apresenta a partir da realidade humana, nunca de forma abstrata, ou alheia ao ser humano concreto. E isso lhe permite analisar a realidade do ser humano em seus aspectos mais profundos e de uma forma muito abrangente.

Nos discursos de Ratzinger e Bento XVI, se apresenta uma linearidade quando tratam da relação entre fé e cultura, evitando cair em possíveis extremismos.

Assunção assume que:

o discurso ratzingeriano, não está centrado, manifestadamente, na Igreja que escancara as portas para a modernidade e a conduz à cátedra episcopal ou papal, como muitos fazem ainda hoje. Ele realmente quer dialogar com ela, lembrando sempre que a Igreja tem algo a ensinar à modernidade e não somente o contrário.¹²¹

Ao falar sobre a relação entre fé e cultura, reflete também sobre os grandes problemas do mundo atual como o individualismo, o relativismo e a relação da fé com o progresso científico e tecnológico. Diante dessas questões, ele busca elementos da teologia cristã que iluminam essas realidades e que passam pelo conceito de pessoa, pela centralidade em Cristo e pelo diálogo com o mundo do progresso e da ciência. A seguir, será apresentada uma análise da evolução do pensamento do Cardeal Ratzinger para o de Bento XVI, sabendo-se que, sendo um campo tão vasto de reflexão, esta análise é um simples olhar sobre uma obra extremamente rica de sentido que, certamente, sobre ele há muito ainda para ser discutido.

4.2 DIANTE DO INDIVIDUALISMO, O QUE É O SER HUMANO?

Um dos grandes problemas do mundo moderno, nos escritos de Ratzinger, é o individualismo. Para o cardeal, a ideologia individualista considera a pessoa como fim em si mesmo, recusando qualquer forma de sofrimento e buscando, sempre, a satisfação dos próprios interesses. O indivíduo fechado em si mesmo não precisa de Deus nem dos outros e, carente, portanto, de relações, tende a cair no vazio de seu próprio egoísmo. A fé, nesse caso, não encontra espaço, pois ela é sempre comunitária e nunca algo pessoal e isolado.

¹²¹ ASSUNÇÃO, Rudy A. *Bento XVI, a Igreja Católica e o espírito da modernidade*. Campinas: Ecclesiae, 2018. p. 311.

Nos escritos de Bento XVI, sobressai a compreensão do individualismo. Como corrente utilitarista, parte de um economicismo tecnocrático que vê a pessoa como simples capital humano, uma mera peça na engrenagem produtiva, ou seja, como apenas mais um entre outros. O culto ao indivíduo é peça-chave do modelo capitalista, ao qual o *eu* é a medida de todas as coisas, e o *outro* não tem valor algum. Neste mundo, o que é bom e válido para um indivíduo, desde que esse tenha recursos suficientes, passa a ser bom e lícito, independentemente do que isso venha a trazer de consequências para o *outro*.

Para Ratzinger o mundo está vivendo um momento histórico que poderia ser chamado de neopagão. Entendendo-se que o paganismo se caracteriza pelo culto aos diversos deuses. Um deles e, talvez, o mais forte nos dias de hoje é o culto ao próprio *eu*. A idolatria do *eu* é sutil, envolve o ser humano sem que ele se dê conta. O sentido da vida gira em torno da própria felicidade, dos próprios desejos; o *outro* é periférico, e o “Grande Outro”, invisível, indiferente. Quando o *eu* se torna a medida de todas as coisas, o indivíduo fecha-se em si mesmo e não há espaço para Deus.

Bento XVI usa uma expressão forte ao dizer que, nesse contexto, “corre-se o risco de cair na atrofia espiritual”,¹²² isto é, num vazio que torna o homem cada vez mais infeliz, embora procure e faça a experiência de diferentes pertenças religiosas. Quando não há um encontro verdadeiro com Deus, o indivíduo permanece como centro de tudo, ele é seu próprio deus.

É essa forma de idolatria que Ratzinger questiona e se manifesta contra, talvez por isso, muitas vezes, tenha sido visto como sendo contra a modernidade e o progresso. Porém, o problema para Ratzinger não é o avanço da ciência, mas o retrocesso, ou o reducionismo antropológico, que faz do ser humano escravo de si mesmo, ou melhor, escravo de um sistema alienante. Como teólogo ou como Papa, Ratzinger tem clareza de que a ideologia do individualismo é completamente oposta ao pensamento cristão.

Diante dessa realidade, o Cardeal Ratzinger resgata o conceito cristão de pessoa. Retomando o conceito bíblico de pessoa, aprofunda o caráter dialógico que esse traz consigo. Como Deus é pessoa em relação com Jesus Cristo e o Espírito Santo, o ser humano também é pessoa em relação com o *outro*. O *ser pessoa* se define pela relação de reconhecimento do valor do *outro*, é diferente do conceito de indivíduo, como ser único, indiviso e isolado. Sendo a Trindade o modelo de relação entre as pessoas, o amor é o centro que unifica e dá forma a toda

¹²² BENTO XVI. *Discurso do Papa aos Participantes na Assembleia Plenária do Pontifício Conselho para a Cultura*, em 8 de março de 2008. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2008/march/documents/hf_ben-xvi_spe_20080308_pc-cultura.html>. Acesso em 16 out 2017.

ação que vem de Deus. Portanto, sendo a Trindade o modelo de relação por excelência, toda relação humana deveria pautar-se também pelo amor. E, nessa perspectiva, têm sentido as palavras de Jesus, quando ele sintetiza toda a lei num único mandamento: “Amar a Deus e ao próximo como a si mesmo.”

Conforme o padre e estudioso dos escritos de Ratzinger, os aportes de Pablo Blanco sugerem que:

dentro do "humanismo da encarnação" proposto por Ratzinger, ele também vai destacar as realidades antropológicas, assumidas juntamente com a natureza humana de Cristo. Em primeiro lugar, a instância da pessoa será um desses princípios, uma das categorias fundamentais da teologia ratzingeriana. Em continuidade com sua própria origem divina, a pessoa manterá alguns elos originais e intrínsecos com amor e verdade, beleza e esperança.¹²³ (Tradução nossa).

O conceito de pessoa resgatado por Ratzinger não permite a vivência do individualismo e se apresenta como um critério de vida que caracteriza o profetismo cristão no mundo de hoje. Ou seja, ser cristão é viver uma relação de amor e acolhida para com o próximo e ao invés de colocar o próprio *eu* como centro de tudo, deixar que Deus seja o centro. A vivência cristã é compreendida, então, como um longo processo de conversão, como um empenho cotidiano de ir retirando o *eu* do centro para que Deus possa ir ocupando a centralidade da vida. Esse processo de descentramento, além de permitir a humanização das relações é a base para um real seguimento de Jesus Cristo.

Em seus escritos como Bento XVI, além de retomar o conceito de pessoa, o Papa avança na reflexão sobre a dignidade humana. Para Bento XVI Deus criou o homem e à mulher a sua imagem e semelhança, dando-lhe, assim, uma dignidade superior às outras criaturas. Sendo o homem uma criatura de Deus, vem à tona a sacralidade e inviolabilidade da vida. Se cada pessoa é única e insubstituível, é um ser sagrado e de igual dignidade.

Ao falar sobre a dignidade humana, o Papa Bento XVI abre espaço para uma série de questões que afligem a humanidade. Não é mera questão de palavras, mas, dependendo do conceito que se tem de vida, é que dependerá a capacidade de o ser humano viver e cultivar a

¹²³ “Dentro del ‘humanismo de la encarnación’ que propone Ratzinger, van a destacar también las realidades antropológicas, asumidas junto a la naturaleza humana de Cristo. En primer lugar, la instancia de la persona va a ser uno de estos principios, una de las categorías fundamentales de la teología ratzingeriana. En continuidad con su propio origen divino, la persona guardará unos íntimos e intrínsecos vínculos originarios con el amor y la verdad, la belleza y la esperanza.” BLANCO, Pablo. El pensamiento teológico de Joseph Ratzinger. Scripta Theologica, Navarra. Universidad de Navarra. v.44, p.284. 2012. Disponível em: <<http://dadun.unav.edu/bitstream/10171/38983/1/201506%20STh%2044.2%20%282012%29%20-%201.pdf>>. Acesso em: 16 out. 2018.

paz. Para ter paz, é preciso cuidar da vida, de toda vida e não apenas daquelas que têm recursos ou que são semelhantes entre si.

Bento XVI não se limita a um discurso teórico, mas aponta às grandes mazelas da sociedade humana e chega a dizer: “Para os cristãos, que geralmente pedem a Deus, ‘o pão nosso de cada dia nos dai hoje’, é uma tragédia vergonhosa o fato de que um quinto da humanidade ainda sofra por causa da fome.”¹²⁴ A fé, para Bento XVI, não pode ser uma crença intelectualizada, numa relação unicamente vertical e individualista entre *eu* e *meu Deus*, mas precisa gerar transformação, um caminho de conversão capaz de tirar a pessoa do individualismo e olhar o mundo com os olhos de Deus.

Nessa perspectiva, a fé também não pode cair em mero assistencialismo, Bento XVI questiona o sistema que permite que tal tragédia aconteça, segundo ele, neste mundo é preciso “deixar-se interpelar pelas causas da sua fome”.¹²⁵ A questão da dignidade humana aparece em vários discursos de Bento XVI e é um ponto nevrálgico quando se trata das relações entre povos e nações e está na origem das grandes desigualdades entre o Norte e o Sul do mundo, entre pobres e ricos.

O conceito cristão de pessoa (que fundamenta a ideia de dignidade humana) abre espaço para o sentido de fraternidade universal e se contrapõe ao individualismo. Nessa direção, percebe-se uma grande evolução do pensamento do Cardeal Ratzinger para Bento XVI, especialmente quando se dirige aos grandes líderes mundiais e aos espaços de ação social das ciências e de outros organismos. Para o cristão, a luta pela sacralidade da vida e pela dignidade humana vai além de qualquer fronteira e independe, inclusive, da questão religiosa. O fato de que todo ser humano é criado à imagem e semelhança de Deus leva, automaticamente, cada pessoa a ser responsável pelo *outro*. Essa irmandade universal é o grande testemunho que o cristão tem a dar para um mundo cada vez mais individualista, que fecha os olhos ao sofrimento alheio.

Em vários de seus discursos, Bento XVI se refere a necessidade de que a fé e a cultura andem juntas a partir da defesa da dignidade humana, de modo que a racionalidade científica não corra o risco de se tornar irracional. Ele fala da grande família humana, como obra do

¹²⁴ BENTO XVI. *Discurso aos Membros da Pontifícia Academia das Ciências Sociais*, em 4 de maio de 2009. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2009/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20090504_social-sciences.html>. Acesso em: 23 jul. 2018.

¹²⁵ BENTO XVI. *Discurso aos Participantes do Encontro Promovido pela Cáritas Italiana no 40º Aniversário de Fundação*, em 24 de novembro de 2011. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2011/november/documents/hf_ben-xvi_spe_20111124_caritas-italiana.html>. Acesso em 23 jul. 2018.

Criador e a vida é, portanto, um princípio inviolável, conforme ensina a doutrina da Igreja e a prática vivenciada por Jesus.

O elemento da sociedade contemporânea que precisa ser combatido não é o progresso, ou a ciência ou a diversidade cultural, mas a corrente neopagã que cultua o *eu* como uma divindade, em torno da qual gira o mundo de cada um. Para o cristão só existe um centro que é o Deus-Trindade, o Deus-Comunhão, modelo de relação, que o ser humano é chamado a seguir. Diante do individualismo existente, Ratzinger propõe, portanto, recuperar o sentido de *ser pessoa* o que leva à defesa da dignidade e da sacralidade da vida humana, como dom de Deus e filiação divina.

4.3 DO RELATIVISMO À CENTRALIDADE EM JESUS CRISTO

Outro elemento abordado ao longo da produção de Ratzinger tanto como teólogo quanto como Papa Bento XVI, é a questão do relativismo, consequência direta do individualismo. Para o Cardeal Ratzinger, o fato de que cada indivíduo passa a ser sua própria autorreferência faz com que o mundo deixe de ter pontos fixos, que orientem a vida numa determinada direção. Tudo é relativo, não havendo espaço para qualquer tipo de verdade absoluta. A incerteza e a dúvida se sobrepõem à fé e às crenças coletivas. Se não há uma verdade comum, cada um pode crer naquilo que quiser ou, simplesmente, não crer em nada, chegando, assim, ao niilismo, fenômeno típico deste século.

Ao longo dos escritos de Ratzinger, um dos temas muito abordados é questão da verdade, que é radicalmente oposta ao relativismo. O cristianismo parte do pressuposto de que Cristo é a Verdade, que é o centro da vida do cristão, isso é indiscutível, porém, para as correntes relativistas, Jesus passa a ser somente um mito, ou um gênio da história, entre outros, alguém que disse coisas importantes e que é respeitado no mesmo patamar que outras personalidades religiosas que surgiram ao longo da história. Aceitar Jesus como Deus Vivo e Encarnado no meio de nós é algo que soa estranho e incompreensível. Para um mundo relativista, o Absoluto não pode ocorrer na história e essa proximidade entre Deus e o ser humano parece não dialogar com o racionalismo.

Para o Cardeal Ratzinger, num contexto em que a verdade não existe, ou não pode ser comprovada e experimentada pelo ser humano, resta apenas a *práxis*. Assim, a religião acaba por se centralizar na *práxis* humana, como meio de vivência do transcendente. Se não é possível

um consenso em relação ao em *que crer*, é possível um consenso sobre *o que fazer*. Fazer o bem, lutar pela vida, envolver-se no trabalho voluntário, na luta pelos direitos humanos ou em outras formas de assistência social passam a ser o único caminho capaz de congrega as diferentes subjetividades.

Esse até pode ser um caminho possível neste mundo relativista, porém, o Cardeal Ratzinger alerta para o fato de que novamente prevalece *o fazer* sobre *o ser* e o ser humano acaba caindo no mesmo problema do individualismo: cada um vale o que produz, sendo apenas aquilo que faz. O ser pessoa, a dignidade humana volta-se novamente para o mérito pessoal do indivíduo e não ao fato de ser membro da família humana, Criação divina e Filho de Deus. Deus é apenas uma ideia abstrata, um sentimento subjetivo, em quem o ser humano pode ou não crer. É algo distante, que não intervém na vida e na história; esse Deus não é capaz de transformar o ser humano, porque o centro da vida não é ele, mas a própria pessoa.

Seguindo essa linha de pensamento, nos discursos de Bento XVI, há uma continuidade da reflexão sobre o relativismo, de modo que o Papa persiste na problemática de que não há pontos firmes na contemporaneidade o que gera inconstância, descontinuidade de vida e individualismo, formando um ciclo que se retroalimenta. O fato de não haver uma verdade em que se possa crer gera um clima de suspeita e volubilidade que deixa o ser humano muito suscetível à instabilidade e subjetividade.

A impressão que se tem é que falta uma solidez que dê base à vida de cada indivíduo, pois tudo é líquido e adaptável, e se algo não vai bem, basta mudar a direção. Mas essa incerteza provoca a falta de horizontes e perspectivas de vida, sendo uma problemática especialmente quando a pessoa tem que fazer escolhas definitivas que nortearão sua própria vida. Nesse viés, os relacionamentos são muito frágeis, desgastam-se com facilidade, e as frequentes rupturas das relações culminam com a desestruturação familiar, atingindo a própria base da vida cristã.

Papa Bento XVI sentencia que o relativismo acaba gerando também uma grande dificuldade em assumir responsabilidades; afinal, as preocupações giram em torno de cada um e de suas necessidades imediatas de ter, prazer e poder. Nesse processo de secularização da sociedade, vai se fortalecendo uma mentalidade niilista que torna o ser humano sempre mais frágil, mais isolado e com vínculos superficiais que dificultam a realização de projetos comuns.

Num mundo de superficialidade, a preocupação gira em torno da aparência, do periférico e provisório; faltam ideais sólidos e núcleos sociais e familiares consistentes que ajudem a pessoa a sair de si mesma e transcender ao imediatismo em que acaba caindo.

Consoante Bento XVI, o ser cristão é uma proposta sólida, porque Cristo é a rocha firme sobre a qual a pessoa constrói sua própria vida. Num diálogo com a cultura atual, esse ponto de referência não pode ser negociado, nem omitido ou deixado de lado. Certamente este é um dos maiores desafios que o cristianismo enfrenta hoje.

Diante do desafio do relativismo, Ratzinger aponta a uma direção que é também uma convicção presente em todos os seus escritos desde o início, como teólogo, e depois como Sumo Pontífice, que é a centralidade em Jesus Cristo.

Em seus estudos de teólogo, Ratzinger já defende que a essência do cristianismo não é um conjunto de doutrinas, mas uma *pessoa*, e é o encontro com essa *pessoa* que faz cada ser humano tornar-se um cristão. Nesse sentido, a dinâmica da vida cristã é realizar a Revolução Copernicana¹²⁶ de colocar Cristo como centro do universo e deixar que as criaturas inclusive o próprio *eu* girem em torno dele (Deus). É como colocar o centro da gravidade fora de si, de modo que para o cristão a liberdade não é fazer o que se quer, de acordo com os próprios interesses, mas fazer a vontade de Deus, tendo como base e ponto de referência a vida e a prática de Jesus.

Nessa lógica, viver a liberdade, entende o Cardeal Ratzinger, é trilhar um caminho de conversão pessoal que transforma a própria vida e, conforme vai transformando a vida de cada pessoa, vai transformando também a comunidade e a própria história. É a dinâmica da conversão que permite a ação de Deus na história. Para o Cardeal, a essência humana exige uma constante busca que só encontra plenitude quando encontra Deus como centro da própria vida.

É importante destacar, também, que para o Cardeal Ratzinger essa centralidade de Cristo não é uma relação vertical, individualista e intimista, mas, ao descentrar a pessoa de si mesmo, a impulsiona a olhar para o próximo, especialmente para os mais pobres, assim como fez o próprio Jesus. Esse elemento é importante, porque o encontro pessoal com Cristo, não é um refúgio subjetivo, ele é enfático ao dizer que a Palavra de Jesus é áspera e cortante¹²⁷ não é uma palavra adocicada ou anestesiante; pelo contrário, não foi simpática, nem agradável, levando o próprio Filho de Deus a morrer por amor numa cruz. Seguir Jesus implica saber que esse encontro pessoal com ele vai levar, inevitavelmente, a carregar a cruz, renunciando às glórias pessoais e vivendo, muitas vezes, a impotência da cruz na própria vida.

¹²⁶ RATZINGER, Joseph. *Ser cristiano*. Salamanca: Sigueme, 1967. p. 44-45.

¹²⁷ RATZINGER, Joseph. *Ser cristão na era Neopagã*. vol.1: Discursos e Homilias (1986-1999). Campinas: Ecclesiae, 2014, p. 84.

Como Papa, Ratzinger mantém a mesma convicção. A centralidade de Cristo é um elemento constante em seus discursos e homilias. Bento XVI reafirma que Jesus é o eixo principal que atrai para si toda a realidade e que o cristianismo tem como base o encontro com uma pessoa: Jesus Cristo. Assim, a fé do cristão é alimentada pelo encontro pessoal com Cristo que gera conversão e transformação pessoal e, por sua vez, repercute também na sociedade.

O conteúdo e a doutrina cristãos só têm sentido se compreendidos a partir da pessoa de Jesus, ou seja, é a partir da pessoa que se revelam os conteúdos do cristianismo. O fundamento cristão parte da certeza de que em Jesus Cristo há o encontro entre Deus e o ser humano. Sendo Jesus “Verdadeiro Homem e Verdadeiro Deus”, pode falar com a clareza humana do absoluto que transcende a compreensão humana. Esse fato é uma verdade inegociável.

Visto como Pastor, o Papa Bento XVI insiste também no fato de que o acontecimento Jesus Cristo é um acontecimento do Amor de Deus pelo ser humano, um amor tão forte em que Deus dá seu Filho único, e Jesus aceita todo o sofrimento humano para levar as pessoas ao Pai. Um acontecimento como esse só é possível por que Deus é amor, e, se Deus é amor, quem se encontra com ele, também acaba vivendo o amor. Assim, a fé cristã jamais poderá se restringir a um conhecimento intelectual e normativo; sendo encontro, ela fala muito mais da imitação de Cristo, pois segui-lo é percorrer um caminho, que é verdade e vida. O seguimento não é uma obrigação legal, mas um ato de liberdade, uma resposta de amor a um chamado de amor.

Se para muitos a fé é vista como um fardo, baseada em leis e prescrições morais, o Papa Bento XVI aponta para outra compreensão. Para ele a fé é um ato de livre disponibilidade que purifica os pensamentos, os afetos, a mentalidade e o comportamento do homem. Não é e não pode ser um elemento contrário à razão, nem uma forma de contracultura que vá em direção a uma fuga do mundo. Em sua Encíclica Deus é Amor, o Papa Bento fala:

O reconhecimento do Deus vivo é um caminho para o amor, e o sim da nossa vontade à d'Ele une intelecto, vontade e sentimento no ato globalizante do amor. Mas isto é um processo que permanece continuamente em caminho: o amor nunca está « concluído » e completado; transforma-se ao longo da vida, amadurece e, por isso mesmo, permanece fiel a si próprio. Idem velle atque idem nolle querer a mesma coisa e rejeitar a mesma coisa é, segundo os antigos, o autêntico conteúdo do amor: um tornar-se semelhante ao outro, que leva à união do querer e do pensar.¹²⁸

¹²⁸ BENTO XVI. *Carta Encíclica Deus Caritas Est*. São Paulo: Paulinas, 2006. n.º.17.

Como vivência do amor, a fé é um critério de compreensão e de ação, que, partindo da centralidade em Jesus Cristo, transforma a vida do homem e traz Deus para o aqui e o agora da humanidade.

De forma sintética é possível afirmar que para Ratzinger, diante do relativismo que se torna cada vez mais um modo de vida na atual realidade, a centralidade de Cristo, é o ponto firme que faz o cristão caminhar em outra direção. A centralidade da vida em Cristo é o maior profetismo que pode haver para um cristão nos dias de hoje e que o faz não se conformar com a realidade, mas pela fé é levado a transformar a cultura tornando o mundo um lugar mais fraterno e mais conforme o sonho de Deus para a humanidade que parte da vivência do amor acima de tudo.

4.3 CIÊNCIA E FÉ: DUAS ASAS QUE PERMITEM IDENTIFICAR O PRÓPRIO LIMITE

Da produção do Cardeal Ratzinger, emerge uma grande preocupação da sociedade contemporânea, no sentido de dissociar fé de razão. Fica clara sua preocupação: ao se pensar em tradição e fé, automaticamente, as pessoas as associam ao passado, àquilo que já não tem mais sentido, que já está ultrapassado e que, portanto, não tem nada a dizer para o dia de hoje. Por outro lado, quando se pensa em progresso, logo se remete ao futuro, à novidade, à verdadeira promessa do ser.

Nesse contexto de ruptura entre fé e razão, só é possível compreender como sendo verdadeiro aquilo que pode ser verificável, factível; o restante passa à esfera do mito, da crença, da representação de um passado que já não existe.

As reflexões do Cardeal Ratzinger questionam não a importância ou validade do progresso, mas a ruptura entre um e outro, que impede qualquer forma de diálogo entre fé e cultura. O problema é, na verdade, a arrogância com que a disseminação do progresso vai tratando e desestruturando as culturas locais.

Na intelecção de Gibellini,

o cardeal Ratzinger, no seu discurso de Munique, na Baviera (2004), manifesta uma “forte adesão a tudo o que expôs Habermas sobre uma sociedade pós-secular, sobre a disponibilidade para aprender e sobre a autodelimitação de ambos os lados”, e faz a proposta de “uma necessária correlatividade entre razão e fé, razão e religião, que são

chamadas à reciprocidade e à mútua cura, e que têm necessidade uma da outra e devem se reconhecer uma à outra”.¹²⁹

Depois de eleito Papa, Bento XVI teve a oportunidade de falar em inúmeras universidades e com diversas autoridades na área das ciências, das tecnologias e da cultura. Seus discursos são de uma grande riqueza em relação a essa temática. Ele defende que a ciência deve ser uma aliada da fé para a compreensão dos desígnios de Deus sobre o universo.

Deixando de lado a visão reducionista de fé, ela permite que o progresso científico se volte ao bem, permanecendo fiel aos desígnios do próprio Deus. Nesse sentido, a fé ilumina a pesquisa humana, impedindo que predomine um pensamento calculista e instrumentalizador.

Se a fé sem a razão é cega, a razão sem a fé se torna destrutiva, podendo torna-se uma anticultura. Isso acontece, muitas vezes, de forma imperceptível e, por isso, o ser cristão, hoje, exige andar contra a corrente, “estar fora de moda” e pensar diferente das ideias que prevalecem no mundo.

Bento XVI preocupa-se muito com as consequências da ruptura entre fé e razão. Para ele quando Deus se torna o “Grande Ausente”, outras formas de idolatria tomam seu lugar, inclusive, a ciência e a técnica podem se tornarem ídolos que levam o homem à escravidão e ao servilismo.

Ratzinger lança-se sempre na direção do dever-ser, de um ponto de vista normativo: o avanço técnico-científico significou a destruição de certezas morais que estavam inscritas na natureza humana. A modernidade, com uma aproximação puramente técnica da natureza vê ali só matéria a subjugar, a explorar. Nesse sentido, o peso do mundo em que Ratzinger vive é aquele imposto pela técnica, que ao mesmo tempo descortina uma infinidade de possibilidades de progresso, abre também a caixa de Pandora de incontáveis males.¹³⁰

É importante levar em consideração que Bento XVI não é um negativista em relação ao progresso. Basta ver os seus discursos para o “Dia Mundial das Comunicações”, em que trata das novas tecnologias como uma grande mesa redonda em torno da qual se encontra a humanidade, permitindo como que um novo Pentecostes. Porém, alerta para que o fato de que a tecnologia pode ser a propulsora de uma monocultura, ofuscando o gênio criativo, massificando a cultura e o pensamento.

¹²⁹ GIBELLINI, Rosino. *A Teologia do séc. XX*. Trad. De João Paixão Neto. 3.ed. São Paulo: Loyola, 2012. p. 582.

¹³⁰ ASSUNÇÃO, Rudy A. *Bento XVI, a Igreja Católica e o espírito da modernidade*. Campinas: Ecclesiae, 2018. Pág. 235.

Em relação à aproximação entre fé e cultura, ainda em seus registros como teólogo, Ratzinger sempre buscou uma unidade entre essas duas dimensões. Para ele, a relação entre fé e razão é uma opção primária da tradição cristã. Destaca-se, em seus escritos, a visão de Deus como Razão Criadora que se manifesta através da razão e não da irracionalidade. Ou seja, Deus não precisa quebrar suas leis para manifestar a sua presença e seu poder.

O Cardeal Ratzinger busca uma aproximação entre Teologia e Filosofia, tratando em diversos escritos do Logos, como energia do conhecimento divino. Nessa concepção, Cristo é o *Logos*, a razão, que é também amor.

Segundo essa visão de fé, tudo o que existe é racional e pode ser compreendido pela razão humana, porque provém da razão criadora de Deus. Em outras palavras, a razão criadora seria a matemática escondida, a ordem mais íntima, a razão moral/amor. O mistério não é o que não existe, mas é o que salva a racionalidade humana do próprio homem, pois para Ratzinger a ciência torna-se patológica quando se desvincula da ordem moral e do ser humano.

Como Papa Bento XVI, ele persiste na importância da relação entre fé e cultura, fé e razão. Embora passe de uma linguagem mais filosófica para uma linguagem mais pastoral, Bento XVI carrega consigo a certeza de que essas duas dimensões precisam dialogar e andar juntas.

Bento XVI compreende a ciência como fruto da razão, haja vista que é a inteligência que permite ao ser humano compreender as profundezas da Criação. Em contrapartida, a fé não tem motivo para temer a ciência quando essa tem por finalidades o desenvolvimento e o bem de toda a humanidade.

O Papa utiliza uma metáfora que sintetiza bem seu modo de ver a relação entre fé e ciência. No seu entender, são duas asas que permitem a cada uma identificar os próprios limites, juntas formam a busca de Deus e se tornam fermento de cultura.

Embora fé e razão devam caminhar juntas, o Papa Bento XVI não ignora as diferenças entre ambas e acredita que tais diferenças precisam ser respeitadas. A linguagem, a metodologia e os objetos de estudos são diferentes e não podem ser comparados e compreendidos a partir de uma mesma medida.

Diante das graves questões marcadas pela desigualdade social e pela instrumentalização da cultura e da tecnologia em favor de alguns poucos, o Papa Bento XVI se manifesta em diversas ocasiões, insistindo que o progresso só é verdadeiro se serve à pessoa humana, se é um bem para toda a humanidade. Se ele é gerador de exclusão e desigualdade, não está cumprindo

o seu papel primeiro que é o de manifestar a inteligência do Criador pelas mãos humanas, mas é um simples instrumento de dominação e manipulação.

4.1 DE RATZINGER A BENTO XVI: A BUSCA DE DIÁLOGO ENTRE IGREJA E SOCIEDADE

Depois de percorrer todo esse caminho formado ao longo dos anos pelo pensamento de Ratzinger, fica muito evidente o seu intuito de promover um diálogo entre fé e cultura, entre Igreja e sociedade. Esse diálogo, construído sobre bases sólidas, permite-lhe refletir com equilíbrio sobre os grandes temas que afetam a vida da Igreja, sem provocar rupturas e ao mesmo tempo, promovendo um avanço fecundo tanto ao cristianismo como às ciências. O teólogo Kasper em seus aportes, refere:

Entrementes o Papa Bento XVI, ele próprio um dos teólogos determinantes do Concílio, deu um impulso importante para a hermenêutica conciliar. À hermenêutica da ruptura ele contrapõe uma hermenêutica da continuidade e da reforma. Ele pleiteia o Concílio no contexto de toda a tradição e como elo na longa cadeia da tradição. De fato, não é possível entender o Vaticano II como ruptura nem como início de uma nova igreja. Isso contradiria a sua autocompreensão e o seu enraizamento consciente e intencional na tradição.¹³¹

Tanto como teólogo quanto como Papa, Ratzinger evita os extremos de cair numa excessiva modernidade e ao mesmo tempo, não deixa de criticar aquilo que vai contra a dignidade humana e o plano de Deus. Mantém uma postura realista, acolhendo aquilo que de bom e inovador traz o progresso, a tecnologia e as ciências em geral, mas é taxativo em questionar sobre aqueles elementos que escravizam, alienam ou instrumentalizam o ser humano. Assunção assim se refere a Bento XVI:

Quando analisamos a situação de uma sociedade, não devemos perguntar se devemos fazê-lo de modo otimista ou pessimista. É necessário buscar parâmetros precisos através dos quais conhecer as tendências do desenvolvimento e do “estado de saúde” de uma sociedade. E foi justamente este diagnóstico que se perseguiu, com a esperança de que sirva para uma compreensão mais clara e profunda dos desafios que a Igreja em pleno século

¹³¹KASPER, Walter. *A Igreja Católica: essência, realidade, missão*. Trad. De Nélio Schneider. São Leopoldo: Unisinos, 2012. p. 36.

XXI tem a enfrentar quando pretende dialogar com o mundo que ela tem que salvar.¹³²

Nas diferentes funções que assumiu, Ratzinger manteve em seu discurso, e o demonstra também na própria vida, a centralidade na pessoa de Jesus Cristo, síntese da fé cristã e ponto de referência para qualquer compreensão da vida e qualquer escolha a ser feita. Como Teólogo, mantém uma linguagem mais acadêmica, aproximando-se mais da filosofia e das ciências, mas a centralidade em Cristo é perceptível em todos os seus escritos, como norma fundante. Depois, como Papa, falando em seus discursos aos mais diferentes públicos, em suas encíclicas para todo o povo de Deus, em suas homilias e diferentes pronunciamentos procura, numa linguagem de pastor busca conduzir os cristãos ao encontro com Cristo.

O seu amor por Cristo e pela Igreja, aliado ao seu amor pela razão e pela Ciência são premissas que possibilitaram que deixasse um grande legado à humanidade. Conforme o Papa Francisco:

Bento XVI: um grande Papa! Grande pela força e perspicácia da sua inteligência, grande pela sua contribuição relevante para a teologia, grande pelo seu amor à Igreja e aos seres humanos, grande pela sua virtude e religiosidade. Como bem sabeis, o seu amor pela verdade não se limita à teologia e à filosofia, mas abre-se às ciências. O seu amor pela ciência leva à solicitude pelos cientistas, sem distinção de raça, nacionalidade, civilização e religião; solicitude pela Academia, desde que São João Paulo II o nomeou membro. Bento XVI convidou, pela primeira vez, um Presidente desta Academia para participar no Sínodo sobre a nova evangelização, consciente da importância da ciência na cultura moderna. Sem dúvida, dele nunca se poderá dizer que o estudo e a ciência aridificaram a sua pessoa e o seu amor a Deus e ao próximo, mas, ao contrário, que a ciência, a sapiência e a oração dilataram o seu coração e espírito.¹³³

O legado deixado por Ratzinger, além de extenso, pelo grande número de publicações, é complexo por abordar problemáticas que vivemos no hoje da história e que, sem o devido afastamento, torna-se difícil manifestar-se sobre ele. Certamente a cautela utilizada por esse teólogo será um diferencial que enriquecerá ainda mais sua obra. Do que foi dito ainda há muito

¹³² ASSUNÇÃO, Rudy A. *Bento XVI, a Igreja Católica e o Espírito da Modernidade*. Campinas: Ecclesiae, 2018. p.313.

¹³³ PAPA FRANCISCO. *Discurso do Papa por ocasião da inauguração de um busto em honra a Bento XVI, durante Sessão Plenária da Pontifícia Academia das Ciências*, em 27 de outubro de 2014. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/october/documents/papa-francesco_20141027_plenaria-accademia-scienze.html>. Acesso em: 15 out. 2018.

para ser aprofundado e explorado. Há que se considerar que, como Papa Emérito ainda continua escrevendo, então ainda haverá mais para se descobrir.

Contudo, a partir de seus escritos, fica a certeza de que o diálogo entre fé e cultura é possível, necessário e essencial à vida cristã. Nem a atitude de fechamento para o mundo, nem a passagem da fé para um segundo plano levarão o ser humano à plenitude da vida. Ser cristão, na atualidade, não é uma tarefa fácil, mas também não o foi para os primeiros cristãos, nem para muitos cristãos que testemunharam sua fé ao longo da história.

5 CONCLUSÃO

Mergulhar nos escritos de Ratzinger foi um desafio e uma descoberta, pois estamos falando de um dos maiores, senão o maior, teólogo do séc. XX. Depois de todo o estudo realizado, percebeu-se que uma das preocupações de Ratzinger, nos diferentes momentos de sua vida era tecer um diálogo entre fé e cultura. Seu espírito investigativo e dialógico permitiu-lhe aprofundar a dimensão da fé e aproximá-la do discurso científico. Fez isso buscando os fundamentos do cristianismo, mas aberto ao novo que a cultura e as novidades trazidas pela razão promovem na sociedade.

Buscar o diálogo, no entanto, não significa aceitar tudo que traz consigo a modernidade racional, os aspectos que precisam ser questionados ele o fez tanto como teólogo e cardeal, como depois como Papa. As questões que envolvem o individualismo, o relativismo e a ruptura entre fé e razão, ele aponta como elementos que precisam ser repensados, pois, além de serem instrumentos de manipulação, são promotores de uma sociedade neopagã em que se cultua o *eu*, em detrimento da vida comunitária e da centralidade em Deus.

Ao questionar esses aspectos, Ratzinger/Bento XVI não se fixa numa postura antimodernista ou conservadora, mas salienta os aspectos positivos que sobressaem no mundo atual. Enquanto era Cardeal, Ratzinger apostou no resgate do conceito cristão de *pessoa*, que permitiu um diálogo acadêmico com a Filosofia e a História. Esse diálogo é fecundo e atual, porque questiona as bases antropológicas sobre as quais a atual sociedade se constitui. Como Papa Bento XVI, ele retoma essa reflexão sobre o conceito de *pessoa*, não tanto num caráter filosófico, mas avança para uma reflexão a respeito da dignidade humana. Fazendo isso, abriu espaço para dialogar com os mais diferenciados públicos, líderes religiosos ou cientistas.

Em relação ao diálogo entre fé e razão, Ratzinger traça um caminho semelhante. Como teólogo, utiliza uma linguagem mais acadêmica, busca as bases filosóficas, semânticas e bíblicas; como Papa Bento XVI, esse discurso evoluiu, falando mais como um pastor, ou seja, trazendo para o cotidiano tal reflexão e apontando às consequências que a dicotomia fé e razão pode trazer. E, aqui, se abre um espaço para pensar nos grandes problemas da humanidade, no risco de que uma visão puramente técnica possa, inclusive, destruir a humanidade. Como Sumo Pontífice, ele abordou os grandes males que uma visão unilateral e não reflexiva pode causar, ou está causando.

Um elemento que se mantém constante sem seus escritos é a centralidade em Jesus Cristo. Desde os seus primeiros textos publicados, sempre ficou evidente que Jesus é o eixo em torno do qual gira a vida cristã. Certamente há algumas mudanças na forma como Ratzinger/Bento XVI se refere a Jesus Cristo, nos primeiros escritos mais ligados à historicidade, ao diálogo com as outras Ciências e depois como Papa seus discursos são muito mais centrados na relação com Cristo, no encontro com aquele é Amor e, portanto, nos leva a viver o amor. Apesar de algumas mudanças na forma, esse sempre foi para ele um ponto fixo, não negociável, sendo o único fator que pode dar sentido à vida cristã.

Essa síntese entre fé e cultura no pensamento de Ratzinger/Bento XVI ressalta que diante da realidade em que vivemos, o cristão de hoje é chamado a viver a centralidade de Cristo, manifestando-se sempre em defesa da inviolabilidade da vida, da promoção da dignidade humana e da vivência da caridade fraterna que são as bases do cristianismo. Para Ratzinger, o cristão não deve fugir do mundo ou condenar a modernidade, pregando o retorno a um passado que não existe mais. O cristão é chamado a viver neste mundo, mas não se conformar com ele, especialmente, se há situações de violência, discriminação, alienação e instrumentalização da pessoa.

Essa linha de pensamento, que perpassa por toda sua obra teológica, pode servir de parâmetro à vivência do *ser cristão* no mundo de hoje. Ou seja, acolher o que há de bom, humano e dignificante no progresso e nas ciências e não se calar diante de situações de injustiça que impedem que outros seres humanos vivam a dignidade de ser filhos de Deus.

REFERÊNCIAS

- ASSUNÇÃO, Rudy A. *Bento XVI, a Igreja Católica e o espírito da modernidade*. Campinas: Ecclesiae, 2018.
- BAUMAN, Zigmunt. *Modernidade e ambivalência*. Trad. de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- BAUMAN, Zigmunt. *Modernidade líquida*. Trad. de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BENTO XVI. *Carta Apostólica sob Forma de Motu Proprio PORTA FIDEI*, 3. impr. São Paulo: Paulinas, 2012.
- BENTO XVI. Carta Encíclica Caritas in Veritate. 2ªed. São Paulo: Loyola, 2009.
- BENTO XVI. Carta Encíclica Deus Caritas Est. São Paulo: Paulinas, 2006. nº. 09.
- BENTO XVI. *Carta Encíclica Spe Salvi*, sobre a Esperança Cristã. São Paulo: Paulinas, 2007.
- CHAUÍ, Marilena. *O que é ideologia*. São Paulo: Brasiliense, 2008, 2 edição.
- DESCARTES, René. *Discurso do método*. Porto Alegre, L&PM Pocket, 2010.
- GIBELLINI, Rosino. *A Teologia do Séc. XX*. Trad. de João Paixão Neto. 3ª.Ed. São Paulo: Loyola, 2012.
- KASPER, Walter. *A Igreja Católica: essência, realidade, missão*. Trad. Nélio Schneider. São Leopoldo: Unisinos, 2012.
- RATZINGER, Joseph. *Dios y el mundo*. Barcelona: Mondadori, 2005.
- RATZINGER, Joseph. *Dogma e anúncio*. São Paulo, SP: Loyola, 2005.
- RATZINGER, Joseph. *Natureza e missão da Teologia*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- RATZINGER, Joseph. SEEWALD Peter. *O sal da terra: O cristianismo e a Igreja Católica no Século. XXI: um diálogo com Peter Seewald /Joseph Ratzinger*. Tradução de Inês Madeira de Andrade. Rio de Janeiro: Imago, 2005.
- RATZINGER, Joseph. *El Dios de Jesucristo*. Meditaciones sobre Dios Uno y trino. Salamanca: Sígueme, 1979.
- RATZINGER, Joseph. *Fe, verdad y tolerancia: El cristianismo y las religiones del mundo*. Slamanca: Sígueme, 2005.
- RATZINGER, Joseph. *Introdução ao cristianismo: Preleções sobre o Símbolo Apostólico*. São Paulo: edições Loyola, 2017.
- RATZINGER, Joseph. *Ser cristão na era neopagã*. v.1: Discursos e Homilias (1986-1999). Campinas: Ecclesiae, 2014.
- RATZINGER, Joseph. *Ser cristão na era neopagã*. v.2: Discursos e Homilias (2000-2004). Campinas: Ecclesiae, 2015.
- RATZINGER, Joseph. *Ser cristão na era neopagã*. v.3: Entrevistas (1986-2003). Campinas: Ecclesiae, 2016.
- RATZINGER, Joseph. *Ser cristiano*. Salamanca: Sigueme, 1967.
- RATZINGER, Joseph. *Mirar a Cristo: ejercicios di fe, esperanza y amor*. Valência: Edicep, 2005.

RATZINGER, Joseph. *Ser cristiano en la era neopagana*. Ed. e introd. de José Luis Restán. Madrid: Encuentro, 1995,

SESBOÜÉ, Bernard. *O Deus da salvação (séc.I-III)*. São Paulo. Loyola, 3^a. ed. 2015.

DOCUMENTOS ELETRÔNICOS:

BENTO XVI. *Audiência Geral*, em 24 de outubro de 2012. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2012/documents/hf_ben-xvi_aud_20121024.html>. Acesso em: 31 mai. 2018.

BENTO XVI. *Discurso aos Participantes da Assembleia Plenária do Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais*, em 29 de outubro de 2009. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2009/october/documents/hf_ben-xvi_spe_20091029_pccs.html>. Acesso em: 23 jul. 2018.

BENTO XVI. *Discurso do Papa aos Participantes na Plenária do Pontifício Conselho Justiça e Paz*, em 03 de dezembro de 2012. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2012/december/documents/hf_ben-xvi_spe_20121203_justpeace.html>. Acesso em: 24 set. 2017.

BENTO XVI. *Discurso do Papa aos Sacerdotes e Diáconos da Diocese de Roma*, em 13 de maio de 2005. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2005/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20050513_roman-clergy.html>. Acesso em: 23 jun.2018.

BENTO XVI. *Audiência Geral*, em 15 de junho de 2011. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2011/documents/hf_ben-xvi_aud_20110615.html>. Acesso em: 01 jun. 2018.

BENTO XVI. *Audiência Geral*, em 14 de novembro de 2012. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2012/documents/hf_ben-xvi_aud_20121114.html>. Acesso em: 31 mai. 2016.

BENTO XVI. *Audiência Geral*, em 23 de janeiro de 2013. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2013/documents/hf_ben-xvi_aud_20130123.html>. Acesso em: 01jun. 2018.

BENTO XVI. *Audiência Geral*, em 17 de outubro de 2012. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2012/documents/hf_ben-xvi_aud_20121017.html>. Acesso em: 01 jun. 2018.

BENTO XVI. *Audiência Geral*, em 21 de novembro de 2012. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2012/documents/hf_ben-xvi_aud_20121121.html>. Acesso em: 29 mai. 2018.

BENTO XVI. *Audiência Geral*, em 5 de dezembro de 2012. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2012/documents/hf_ben-xvi_aud_20121205.html>. Acesso em: 31 mai. 2018.

BENTO XVI. *Discurso à Comunidade da Universidade Católica do Sagrado Coração de Milão* por ocasião do 90º Aniversário de Fundação, em 21 de maio de 2011. Disponível em:

<http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2011/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20110521_sacro-cuore.html>. Acesso em: 29 mai. 2018.

BENTO XVI. *Discurso à Plenária do Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais*, em 9 de março de 2007. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/march/documents/hf_ben-xvi_spe_20070309_social-communications.html>. Acesso em: 01 jun. 2018.

BENTO XVI. *Discurso ao Senhor Francis Rooney, novo embaixador dos Estados Unidos da América junto da Santa Sé por ocasião da apresentação das cartas credenciais*, em 12 de novembro de 2005. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2005/november/documents/hf_ben_xvi_spe_20051112_ambassador-usa.html>. Acesso em 23 jul. 2018.

BENTO XVI. *Discurso aos Bispos da Conferência Episcopal da Polónia em Visita “Ad Limina Apostoloru”*, em 26 de novembro de 2005. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2005/november/documents/hf_ben_xvi_spe_20051126_adlimina-polonia.html>. Acesso em: 31 mai. 2018.

BENTO XVI. *Discurso aos Membros da Pontifícia Academia das Ciências Sociais*, em 4 de maio de 2009. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2009/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20090504_social-sciences.html>. Acesso em: 23 jul. 2018.

BENTO XVI. *Discurso aos Membros das Pontifícias Academias das Ciências e das Ciências Sociais*, em 21 de novembro de 2005. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2005/november/documents/hf_ben_xvi_spe_20051121_academies.html>. Acesso em: 23 jul. 2018.

BENTO XVI. *Discurso aos participantes na Assembleia Plenária da Comissão Teológica Internacional*, em 7 de dezembro de 2012. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2012/december/documents/hf_ben-xvi_spe_20121207_cti.html>. Acesso em: 29 mai. 2018.

BENTO XVI. *Discurso aos participantes na Plenária da Pontifícia Academia das Ciências*, em 8 de novembro de 2012. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2012/november/documents/hf_ben-xvi_spe_20121108_academy-sciences.html>. Acesso em: 23 jul. 2018.

BENTO XVI. *Discurso aos Participantes na Sessão Plenária da Congregação para a Doutrina da Fé*, em 10 de fevereiro de 2006. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2006/february/documents/hf_ben-xvi_spe_20060210_doctrine-faith.html>. Acesso em: 23 jul. 2018.

BENTO XVI. *Discurso aos Participantes no 1º Encontro Europeu de Professores Universitários*, em 23 de junho de 2007. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/june/documents/hf_ben-xvi_spe_20070623_european-univ.html>. Acesso em: 01 jun. 2018.

BENTO XVI. *Discurso aos Superiores e Alunos da Pontifícia Academia Eclesiástica*, em 2 de junho de 2007. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/june/documents/hf_ben-xvi_spe_20070602_eccl-academy.html>. Acesso em 23 jul. 2018.

BENTO XVI. *Discurso do Papa à Universidade Católica do Sagrado Coração*, em 03 de maio de 2012. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2012/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20120503_gemelli.html>. Acesso em: 16 out. 2017.

BENTO XVI. *Discurso do Papa à Universidade Católica do Sagrado Coração*, maio de 2012. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2012/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20120503_gemelli.html>. Acesso em: 16 out. 2017.

BENTO XVI. *Discurso do Papa aos Participantes na Assembleia Plenária do Pontifício Conselho Cor Unum*, em 19 de janeiro de 2013. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2013/january/documents/hf_ben-xvi_spe_20130119_pc-corunum.html>. Acesso em: 17 set. 2017.

BENTO XVI. *Discurso do Papa aos Participantes na Assembleia Plenária do Pontifício Conselho para a Cultura*, no sábado, 8 de março de 2008. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2008/march/documents/hf_ben-xvi_spe_20080308_pc-cultura.html>. Acesso em: 16 out. 2017.

BENTO XVI. *Discurso do Papa aos Participantes no Congresso Promovido pela Pontifícia Universidade Lateranense por ocasião do 10º Aniversário da Carta Encíclica Fides Et Ratio*, em 16 outubro de 2008. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2008/october/documents/hf_ben-xvi_spe_20081016_x-fides-et-ratio.html>. Acesso em: 16 out. 2017.

BENTO XVI. *Discurso do Papa durante sua Viagem Apostólica à Alemanha 22-25 de setembro de 2011. Encontro com o Comité Central dos Católicos Alemães (Zdk) Seminário de Friburgo*, em 24 de setembro de 2011. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2011/september/documents/hf_ben-xvi_spe_20110924_zdk-freiburg.html>. Acesso em: 01 jun. 2018.

BENTO XVI. *Discurso no Encontro com os membros do governo das Instituições da República, com o Corpo Diplomático, os Responsáveis Religiosos e Representantes do Mundo da Cultura*, em 15 de setembro de 2012. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2012/september/documents/hf_ben-xvi_spe_20120915_autorita.html>. Acesso em: 23 jul. 2018.

BENTO XVI. *Discurso pronunciado por ocasião do IV Congresso Nacional da Igreja Italiana*, em 19 de outubro de 2006. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2006/october/documents/hf_ben-xvi_spe_20061019_convegno-verona.html>. Acesso em: 16 out. 2017.

BENTO XVI. *Mensagem para o 40º dia Mundial das Comunicações Sociais: A mídia: rede de comunicação, comunhão e cooperação*, em 28 de maio de 2006. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20060124_40th-world-communications-day.html>. Acesso em: 01 jun. 2018.

BENTO XVI. *Discurso do Papa aos Membros da Conferência Episcopal da Tailândia por ocasião da Visita "Ad Limina Apostolorum"*, em 16 de maio de 2008. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2008/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20080516_bishops-thailand.html>. Acesso em: 31 mai. 2018.

BENTO XVI. *Discurso durante o Encontro com os Participantes no Congresso promovido pela Pontifícia Academia para a Vida*, em 16 de setembro de 2006. Disponível

em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2006/september/documents/hf_ben-xvi_spe_20060916_pav.html>. Acesso em: 23 jul. 2018.

BENTO XVI. *Encontro do Papa com o Clero da Diocese de Roma* pelo Início da Quaresma, em 26 de fevereiro de 2009. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2009/february/documents/hf_ben-xvi_spe_20090226_clergy-rome.html>. Acesso em: 01 jun. 2018.

BENTO XVI. *Discurso à Comunidade da Universidade Católica do Sagrado Coração de Milão por ocasião do 90º Aniversário de Fundação*, em 21 de maio de 2011. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2011/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20110521_sacro-cuore>. Acesso em: 31 mai. 2018.

BENTO XVI. *Discurso aos Participantes no Encontro promovido pela Cáritas Italiana No 40º Aniversário de Fundação*, em: 24 de novembro de 2011. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2011/november/documents/hf_ben-xvi_spe_20111124_caritas-italiana.html. Acesso em: 23 jul. 2018.

BLANCO Pablo. El pensamiento teológico de Joseph Ratzinger. Scripta Theologica, Navarra, Facultad de Teología. v. 44, 2012. Disponível em: <<http://dadun.unav.edu/bitstream/10171/38983/1/201506%20STh%2044.2%20%282012%29%20-%201.pdf>> Acesso em: 27 out. 2018.

PAPA FRANCISCO. *Discurso do Papa por ocasião da inauguração de um busto em honra a Bento XVI, durante Sessão Plenária da Pontifícia Academia das Ciências*, em 27 de outubro de 2014. Disponível em <https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/october/documents/papa-francesco_20141027_plenaria-accademia-scienze.html>. Acesso em: 15 out. 2018.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br